

A PARADA DOS CORONÉIS



Para evitar doenças
e ter uma casa
asseada



Empregue o methodo LYSOL para a completa limpeza e desinfecção da casa. Dessa forma se livrará de muitos aborrecimentos e trabalhos.

O LYSOL ao mesmo tempo que limpa, destróe os germens. Esses perigosos germens que espalham a gripe, a febre typho, a dysenteria, a febre amarella, a variola, etc., occultam-se nos recantos escuros, dentro das fendas do soálho, nos corrimãos das escadas, nas cadeiras, enfim, em todos os objectos expostos ao contacto das mãos.



Lysol, para os molhos

A despeito da mais rigorosa limpeza que se faça com sabão e agua, não se pode evitar que esses germens continuem na sua faina impiedosa. Mas, quando se põe uma colher (das de sopa) de LYSOL num litro d'agua, todos os germens serão aniquilados. O LYSOL é, de facto, uma estupenda defeza para o lar!

Não deve esperar até que a doença penetre inesperadamente no seu lar! A partir d'hoje mesmo, comece a usar o LYSOL. O tem adoptado Hospitaes e Clinicas em todas as partes do mundo.



„Lysol“
DESINFECTANTE

• RESGUARDE-SE DE IMITAÇÕES
com nomes parecidos, e lembre-se que para con-
servar a sua efficacia, o Lysol não é perfumado.

Fabricado por Schülke & Mayr, A. G., Hamburgo, Alemanha

100 grs. — 250 grs. — 500 grs.

Sala _____ Prof. _____
Tel. _____ N.º _____

O Pan-Americanismo

«O Pan-Americanismo assenta sobre quatro esteios. O primeiro é independencia. E' principio dos Estados Unidos, firmemente estabelecido, respeitar a integridade territorial das Republicas americanas. Não fazemos politica de aggressão. Desejamos a todas essas nações, não sómente as que são grandes pela sua area, população e riqueza, mas a todas incluindo a menor dellas, — força e não fraqueza.

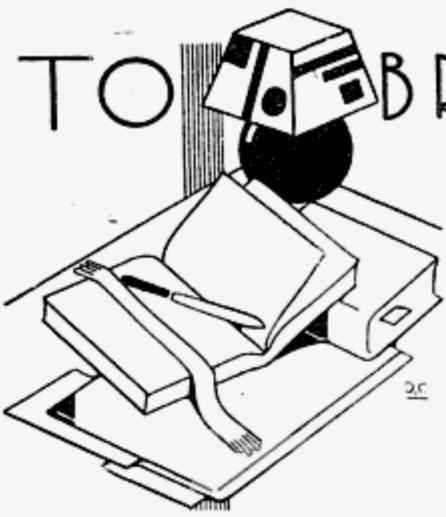
O segundo esteio em que se baseia o Pan-Americanismo é estabilidade. Independencia não é sufficiente. Independencia offerece oportunidade, mas estabilidade é essencial afim de se poder tirar proveito da independencia. E' nosso desejo promover estabilidade no interesse da independencia.

O terceiro esteio do Pan-Americanismo é bóa-vontade mutua. Governos fortes e estaveis que não tem confiança uns nos outros não podem offerecer a garantia alguma de paz e collaboração benefica. Bóa-vontade não significa identidade de opiniões. Quando verdadeira, não corre o risco de sossobrar pela expressão candida, mas sempre amistosa embora algumas vezes divergente, das opiniões. Bóa-vontade tem por base o respeito mutuo, a realização commum de que não existe sentimento de desconfiança entre as partes. Nas relações internacionaes, a justiça é o fundamento impregnavel da bóa-vontade; mas a confiança na sinceridade de cada um é essencial.

O quarto esteio sobre que assenta o Pan-Americanismo é a cooperacão. Paz e bóa-vontade não são fim de per si, mas apenas meios. Offerecemos a promessa, mas não o fructo. E' trabalhando juntos que colheremos os fructos produzidos pelas relações amistosae. A cooperacão entre os Estados Pan-Americanos não significa a organizacão de um super-estado. Não significa que qualquer das vinte e uma Republicas americanas ou qualquer grupo dessas Republicas procurrará dominar as demais. Significa, com a cooperacão de iguaes para obter vantagens communs nas direções em que existe possibilidade de progresso.

CHARLES E. HUGHES

CONTOS BRASILEIROS



Acção inconsciente De AFFONSO NETTO

... dormia.
 ... sonhava... Um sonho esqui-
 ... Em que havia de tudo...
 ... Mulhéres bonitas...
 ... "champagne"... O imperador do
 ... O meu cão de caça...
 ... Por que haveria eu de sonhar
 ... com o meu perdigueiro (1).
 ... E que andava o Mikado fazendo
 ... com meus devaneios inconscientes?
 ... Pretenderia o meu "id" caçar
 ... mulhéres formósas com o auxilio
 ... do cão? E estaria cubiçando o cor-
 ... de branco de s. m. Hirohito para
 ... "rodeio" (2) do dia seguinte?
 ... Não sei.

Si eu fosse psychanalyste...
 Ah! Então acharia lógico uma
 ... correlação entre "champagne" e
 ... mulhéres... Arranjaria um jeito
 ... de combinar beledades e cachor-
 ... ros... Falaria em "recalcados"...
 ... apontaria "deslocamentos"... Etc...
 ... Porém, dès o dia em que aquella
 ... brincha deixou os chéques do
 ... banqueiro velho por uns beijos de
 ... amor, eu estou convencido de que
 ... não entendo de psychologia... E,
 ... tanto menos, de "psychologia pro-
 ... fanda"...

Donde se deduz que renuncio á
 ... tarefa de explicar o meu sonho.
 ... Vou continuar a contá-lo. Ape-
 ... nas isso...

No momento em que esta histó-
 ... ria principia, eu sonhava que o
 ... meu cão de caça...
 ... Era mesmo o cachorro?
 ... Ou era o imperador do Japão?
 ... Não.

Nem um, nem outro.
 ... Não era o Mikado. Nem o per-
 ... digueiro.

Era uma morena... Ella tinha
 ... uma pintinha preta no hombro es-
 ... querdo... E havia areia... Quéro
 ... saber, estavamos na praia...

A morena...
 ... —Affonso! Affonso!
 ... Accordei estremunhado.
 ... Perdi a morena. Esqueci a praia.
 ... tive a impressão de um perigo
 ... imenso...

—Affonso! Accorda!
 ... Não. A coisa não podia ser tão
 ... imminente.

Suspirei alliviado.
 ... Procurei o botão da lampada.
 ... Não o achei. E lembrei-me de
 ... que na fazenda não havia luz ele-
 ... trica...

—Eh! Affonso!

Reconheci a voz. Era a de
 meu tio.
 —Que ha?
 —Uma mulhér quasi mórtá!
 —Que?
 —Venha vêr si a salva!
 Eu não estava entendendo a coi-
 a bem...
 Mas, saltéi da cama.
 Fui accender a véla...
 Queimei o dedo...
 Desisti.
 Corri para a pórtá do quarto.
 Abria-a...
 —Que embrulho é esse de mu-
 lher morrendo?
 —O Chico ouviu um grito...
 Foi vêr o que éra... Achou
 aquillo...
 E tio Pedro apontou para uma
 saleta.
 Não vi nada. Isto é, vi ape-
 nas que lá havia luz (de véla) e
 gente...
 —Aquillo que?
 —Venha cá!
 Acompanhei o meu parente.
 Parecia uma sessão fetichista.
 A tia num camisolão verde... Pri-
 ma Lóte enrolada num cobertor...
 Dois peões (1) apalermados... A
 preta cozinheira... E, estendido
 na mesa, um corpo...
 O coração reluzente e tragico da
 negra velha me fez pensar em
 macumba...
 —Esperem... Deixem o Affonso
 examiná-la!
 Os outros afastaram-se.
 Eu avancei.
 Era quasi uma menina. Deze-
 sete annos, no maximo. Pállida
 como este papél. Cobérta de an-
 drajos multicóres. A cabelleira di-

vorciada do pente ha alguns me-
 zes. Olhos cerrados.
 Tomei-lhe o pulso... Batia fra-
 camente.
 Curvei-me. Appliquei-lhe o ou-
 vido. Senti-lhe a carnação rija...
 E o coração tiquetaqueando de
 léve.
 Não havia signal de fermento.
 Ausencia de sangue fóra das ar-
 térias.
 Pensei em todos os nómes diffi-
 ceis que ouvira o professor Leitão
 da Cunha pronunciar. Nenhum me
 agradou. E acabei decidindo pelo
 "simples desmaio". Provocado pelo
 canção. Ou por commoção vio-
 lenta. Ou por ambas as coisas
 juntas.

E, na saleta, silencio profundo.
 Tio Pedro emocionado. Elle dis-
 farçava. Mas, eu notei. E estra-
 nhei...
 Tia Nóca e Lóte abraçadas. Tre-
 mulas. A primeira prenunciando
 um chillique...
 Os vaqueiros, olhos...
 —Não é nada. Ha saés?
 —Que?
 —Saés!...
 —De cozinha?
 —Não... Um éther qualqué
 para reanimar ahí a pequena.
 —Cachaça canforada?
 Sorri. Mas:
 —... Sêrve.
 Meu tio aproveitou a occasião
 para sahir. Estava nervoso. A pu-
 pilla medrôsa. E, da pórtá da
 saleta, deitou um olhar mysterioso
 para a desconhecida...
 Um pensamento terrivel pen-
 trou meu cerebro. Eu...
 —Ai!... Ai!... Accudam...
 Oh! céus!...
 Titia desmaiava...
 —Affo... onso... Lóte... Eu
 morro...
 A negra mal encarada ajudou-
 me a sustentar o corpanzil da fa-
 zendeira... E ella, Lóte, os cai-
 piras e eu collocámol-o sobre um
 sofá... E não foi sem esforço!
 Nisto, nóvamente meu tio, esta-
 ria habituado ás scenas da esposa.
 Porém, apesar disso, aborreceu-se...
 —"Minha" Nóssa Senhora! que
 é isso, mulhér?
 —Ai!... Ai!... Meu maridi-
 nho!...

Tomei das mãos do homem
 préstes a encolerizar-se o frasco
 com a "cachaça canforada".
 —Mãe!... Mãe!...
 O elemento africano ainda era
 o mais capaz. Chamei-o. E come-
 çámos a tentativa de reanimação
 da desconhecida.

(1) — «Perdigueiro»: cão de caça.
 ... apador de perdizes.
 (2) — «Rodeio»: reunião do gado
 ... numa região para dar-lhe sal.

ACÇÃO INCONSCIENTE - (continuação)

— Mulher, acaba com isso! Olha que me fazes perder a paciência!...

Eu e a cozinheira trabalhávamos afanosamente. E fazíamos fricções. E sacudíamos. E dávamos a respirar cachaça com canfora...

— Dóca!... Não me provóques!...

— Ai!... Meu Jesus!... Ai!...

Minha "enfermeira" suggeriu uma "benzidura"...

Não concordei.

E, então, lembrei-me dum romance... De Maupassant, parece... Lá, o heróe desperta a "mocinha" dum lethargo com um beijo...

A tarefa não era difficil...

Inclinei-me. Fitei um momento o rosto pálido da garota. Curvei-

me mais... E collei os meus labios della... Com força... Com ardor... Procurando cumprir conscienciosamente o meu dever de médico...

E um grito veiu interromper minha therapeutica:

— Você está louco?

Ja responder... Mas, ella mexeu-se...

— Revive!

A desconhecida accordava.

Era o effeito do meu beijo... Ou do grito de meu tio...

Apressei-me a auxiliar o despertar da minha "cliente"... Soergui-lhe o thorax...

Tio Pedro emmudecera. Olhava a pequena... Fixamente. Num especie de éxtase...

Tia Nóca e os outros tambem já se haviam acercado da mesa. A primeira esquecera o fanio promptamente...

E a "apparecida" havia aberto os olhos. Eram verdes. Com uma nota de melancolia. Tristes. Fixados em mim, depois de um olhar pelos demais.

— Sente alguma coisa?

Ella negou com a cabeça.

— Nada lhe dóe?

Nóva e identica negativa.

Nos meus olhos eu sentia a della. E fiquei convencido de que o beijo fóra sentido...

— A moça...

— E'!... Vá buscar uma garrafa de vermouth que está no meu quarto!...

A preta vélha abalou com as ancas enórmes.

O quadro, na saleta, era pathetico. Todos mudos. Uma duzia de olhos sobre a desconhecida. E a della em mim...

— Tá qui!

Enchi um calice. Encostei-o aos labios da garota:

— Tóme!

Ella sorveu um golinho.

— Mais!

Bebeu ainda um trago.

E eu ia falar, quando meu tio se antecipou:

— Lóte, vá vér alguma coisa prá menina.

— Tem uns pastéis... E leite.

— Pois é. Veja isso.

Priminha sahiu ageitando o cbertor.

— Terá forças para ir sentar-se ali?

Os olhos verdes disséram quasi. Ella, porém, não se moveu.

— Bem... Levo a eu.

— Affonso!

Apesar do descabido protétsto de meu tio, eu já a suspendera. E fui depól-a no sofá.

Ella não dizia nada. Limitava-se a olhar. A olhar principalmente para mim.



Os INSECTICIDAS FRACOS não podem defender a sua roupa contra as traças Use o poderoso FLIT!

Para evitar prejuizos sem conta, combata a perniciososa traça com o unico e insubstituivel FLIT. As imitações fracas deixarão as suas melhores roupas expostas á voracidade das traças. Não facilite! Exija FLIT na lata amarella, com o fecho inviolavel, com o soldadinho o a faixa preta. FLIT nunca é vendido a granel.



Acha-se á venda o estojo combinação: Pulverizador miniatura e latinha de FLIT — Preço 50000

conclusão) - ACÇÃO INCONSCIENTE

—E' o que ha!
 Voltei-me. Segurei o leite e os
 pastéis. Fui servindo a dócil des-
 conhecida.
 — Pedro, repare como ella mira
 Affonso...
 A observação, que eu ouvi, in-
 commodeu meu tio...
 E a pequena ia comendo. Machi-
 namente. Obedieate.
 Eu tinha desejos cretinos... Sen-
 ta impetos de agarrar aquelle
 rostinho pállido... De beijál-o...
 Mas a pequena deu móstras de
 estar farta. Coméra os pastéis...
 bebéra leite...
 — Titia, haverá uma cama para
 esta moça?
 — Fôra as nóssas, só ha a da
 Maria...
 Olhei a cozinheira.
 A macumba...
 — Não. Ella dormirá na minha.
 — Não é direito, Affonso.
 Eu via que meu tio estava com
 vontade de me esganar...
 — Por que?
 — Onde é que se viu uma moça
 com lençóes dum rapaz?!...
 O dito era tolo. Tolissimo...
 Não lhe dei importancia. Nem
 respondi. Tornei a tomar ao cólo
 a joven...
 Meu tio resmungou. Todavia,
 não teve corageni o que a cólera
 e o despeito lhe suggeria...
 Seguindo dos outros, entrei no
 meu quarto. Colloquei a "cliente"
 no leito. Cobri-a com o acolchoa-
 do. Sorrindo. Com carinho...
 — Boa noite!
 Ella respondeu com o olhar. E
 elle havia meiguice...
 Saímos todos.
 Eu fechei a pórtia.
 Houve ligeira troca de "bóas
 noites".
 Meus tios sumiram-se pela cor-
 ridina da alcova conjugal.
 Lóte vii para mim. E rumou
 para o quartinho cõr de rósa.
 Maria e os peões desceram para
 a cozinha.
 Eu fui vêr se me arranjavam no
 sofá da saleta de exame. Nelle
 dei um pedacinho de pastel...
 De duma almofada travesseiro.
 Deitei-me como pude. Pensei um
 momento no rostinho pállido...
 E Morpheu foi vencendo a ba-
 rreira...

— Affonso! Affonso!
 Abri os ólhos. Assustado. En-
 tado.
 Teriam achado outra mulhér?
 Mas...
 Onde estava eu?

Não era a saleta da fazenda de
 meu tio...
 Aquella mulhér loira... Rindo
 dentro da moldura avinhada...
 Caróla Lombard...
 Ah!
 E o céu das Larangeiras!...
 Era a Cidade Maravilhósa... O
 Rio...
 E o primo, lá na pórtia:
 — Affonso! Vaes ou não ao
 banho?
 — Vou. Espere ahí!
 E pulei da cama.
 Mas, que diabo de sonho tivéra
 eu? Sonhára que estava sonhando?
 E accordára em sonho?
 Que sonho esquisito!

E terminára...
 Ah! Não! Não terminára. Eu
 deixára a pequena dormindo. Dor-
 miundo na minha cama... Lá no
 sul... Na fazenda de tio Pedro...
 No melhór da festa, o vinho falt-
 ára... Quer dizer: accordado eu
 de facto, estava impossibilitado de
 achar um desenlace. O meu in-
 consciente, o autor da acção, es-
 tava "recalcado" pela "censura".
 — Como é, Affonso?
 — Já vou, homem!...
 Óra! Que pena ter tudo sido
 sonho!... E eu que até médico
 já éra!...

Não é vaidade, mas dever...

D ESTAS columnas temos
 enaltecido, sem nenhum
 exagero, o valor do soro
 dermico para corrigir todas
 as affecções da pelle. A soro-
 therapia é, com effeito, uma
 das mais poderosas armas da
 sciencia; imagine-se, agora,
 associada á opotherapie, este
 formidavel ramo que eviden-
 temente abriu nova phase á
 medicina, e ter-se-á idéa da
 sua potencia curativa. Afim
 de darmos mais um testemu-
 nho da força dessa nova the-
 rapia, publicamos a seguir
 um resumo da observação de
 um caso de alta significação
 clinica, — do Dr. R. de Pazo:
 «Sta. C. R. B., brasileira, 17
 annos, solteira, residente em
 Caçapava, Estado de São
 Paulo. Desde os cinco annos
 de idade, tinha nas pernas
 um eczema na parte posterior
 do joelho, occupando cerca de
 vinte centimetros, eczema que
 não cedeu a nenhuma medicação,
 inclusive ao emprego
 da diathermia. A pelle man-
 tinha-se escamosa, por vezes
 humedecida de um liquido se-
 roso, com intenso prurido. E'
 nesse estado ainda que a pa-
 ciente foi trazida ao nosso
 consultorio. Foi tratada por
 especialistas do Rio e de São
 Paulo, tendo-se esgotado no
 seu tratamento toda a the-
 rapeutica indicada, inclusive
 as mais diversas injecções,
 séros, vaccinas, etc., porém
 tudo inutilmente.
 Aconselhámos-lhe as drageas
 W-5, na dose inicial de tres
 por dia, nos tres primeiros dias, e
 de seis drageas por dia, depois do
 quarto dia. Ao finalizar a primeira
 caixa, com dezasete dias de uso do
 medicamento, notavam-se accentua-
 das melhoras, tendo desaparecido
 o aspecto escamoso; ao cabo da
 segunda caixa, as melhoras foram
 completas, só restando do eczema
 uma ligeira mancha, que desappa-
 receu totalmente ao fim da tercei-
 ra caixa, não se distinguindo mais



onde estava localizada a antiga
 affecção.
 As pessoas interessadas no trata-
 mento da pelle, por via interna, têm
 á sua disposição, gratuitamente,
 completa literatura no Departamento
 de Productos Scientificos, á Av. Rio
 Branco, 173-2.º, nesta capital, e á
 Rua S. Bento, 49-2.º, em São Paulo.
 As damas são attendidas por uma
 senhora e os cavalheiros pelo me-
 dico assistente.

O AMOR QUE

De HILDA

—HA algo — ouvi Landry dizer aquella tarde — que nós homens não perdoamos ás mulheres que o possuem: a superioridade. Um absurdo orgulho nos induz a suppôr que é uma condição attribuida em fórma exclusiva ao nosso sexo.

Pronunciadas estas ultimas palavras, que motivaram diversos commentarios, veiu até onde me achava, com seu sorriso de sempre.

— Landry — disse — se não o conhecesse, o odiaria.

— Obrigado — murmurou. — O odio, como o amor, torna interessantes as mulheres. Mas vejamos — ajuntou, pondo-se repentinamente serio, — qual é a causa que motiva sua repentina aversão? Perdôe-me si...

— Não não é isso; o facto de não se ter dirigido antes a mim, não me offende; conhecemo-nos ha muito; fique tranquillo. O excesso de attenção acabaria por matar o encanto de nossas relações. Sómente ao dizer "nós homens não perdoamos", se incluiu voluntariamente no grupo dos incredulos, e eu, Landry, que sou sua amiga, protesto.

Não me referia a você?...

— Directamente, não. Mas, quaes são as mulheres superiores? As que não se perdem, no montão, as que sobresaem por alguma qualidade do cerebro ou do espirito. Eu sou uma dellas; atrevo-me a considerá-lo assim, pois honro a arte de meu paiz; por outra parte, você mesmo, Landry, disse isso muitas vezes... Acredito em você, em sua opinião; na firmeza de suas convicções; por isso, quando se tratou de minha pessoa, acceitei seu elogio como se fosse destinado a uma estranha. Não se surpreenda, pois, que encontre uma contradicção entre o conceito particular que lhe mereço e seu julgamento de alguns instantes.

— Julia, supplico que me escute; do contrario terá de arrepender-se por haver comprehendido mal. Não disse ser daquelles que não reconhecem a capacidade da mulher e até qualifiquei de absurda a pretensão da maioria, mas em troca reconheço, certo emphase despeito, so nessas palavras que você tão bem reteve na memoria. Sim, confesso, creio na superioridade de algumas mulheres, mas creio tambem que essa circumstancia as prejudica, que cerra a mais de uma das portas do amor e da materni-

dade, que as faz orgulhosas e quasi inacessiveis...

A voz de Landry velava-se por momentos.

— Tornarei em sua honra a caminhar sobre as fendas do meu coraçao. O que passou já não é minha vida; posso assim lembrar-a agora, com perfeita serenidade. Tinha então trinta annos; dentro de pouco terei quarenta e cinco. Conheci Adelina em uma reunião litteraria. Era de mediana estatura, sympathica e elegante. Seu rosto reflectia a posse de um controle absoluto sobre seu caracter e suas paixões. Como frequentavamos os mesmos sitios, não tardámos em ficar muito amigos e, passado algum tempo, se estabeleceu entre nós certa intimidade. A

principio, devido ao equilibrio de suas theorias sobre a inevitavel fugacidade do amor, que ella achava findo, logo ao transe da satisfacção absoluta, experimentei certo mal estar á idéa de que me achava ligado a uma creatura essencialmente cerebral. Eu estava apaixonado por seu corpo e por seu espirito. Lutando commigo mesmo, deixei, embora, que os anseios de sua alma fossem satisfeitos na minha, e logrei conhecer desse modo todas as delicias do temperamento feminino. Respeitava-a desejando-a, e deixava que o respeito se prolongasse. Isso me produzia uma embriaguez interior que não tornei mais a experimentar. Tenho tomado, entre as minhas, as mãos de muitas mulheres e deixado que meu alento acariciasse seus cabellos, mas aquella divina inquietude de que falo não tornou a se aninhar em mim. Posso assegurar-lhe que, nesses instantes, me possuia uma felicidade desesperada. Como sabia ella falar ao meu coração ciumento, dizendo não haver vivido até o dia em que me conheceu! Tratava assim de desculpar-se a meus olhos das sombras que haviam passado por sua existencia, um noivo e duas sympathias. Por minha parte vivia longe do mundo; meu affecto por Adelina inclinava-me longe della á solidão. Ali, tornara a adorar sua presença. Os caprichos da memoria não conseguiriam apagar as scenas e as palavras. Foi minha. Adelina era um anjo que previa todos os meus habitos e satisfazia a todas as minhas duvidas.

— Ninguém poderá disputar-te, nunca, teu ascendente sobre mim — confessava-me. Em paga eu não saberei seguir o nome da que descansará sobre teu peito, como faço agora.

"Essa certeza della, com respeito a uma futura e provavel infidelidade minha, parecia-me monstruosa. Sua superioridade principiava a doer-me na subconsciencia. Uma mulher vulgar (Adelina era sua collega, Julia) ter-se-ia aferado a essa illusão de eternidade com que os homens revestem os sentimentos mais nobres, quando não os mais baixos. Lembro-me uma occasião, na volta de uma viagem pelo interior do paiz guardando para ella as delicadezas do primeiro dia; escrevi um bilhete em

DRS.

Heliodoro e Carlos

OSBORNE

RAIOS X

Radiodiagnostico
radiotherapia e

exames em
residencia

Edif. Odeon 7.º and.

SALAS 718 e 719

Tel. 2-6034

RESIDENCIA :

Rua Copacabana, 1052

7 - 3866

Prompto soccorro á
domicilio da Casa de
Saude Dr. Francisco
Guimarães.

PHONE : 2-3050

NÃO MORREU...

S H A W

perguntava se desejava receber-me nessa manhã. "Venha — respondeu. — Torna-me fe-

"Corri como um louco para seus braços. Minha sede de ternura ficava sempre insaciável. Julia, minha amiga, digo-lhe que não sabia dizer com certeza o que me tornava escravo de sua pessoa. Queria a Adelina com todas as fibras do meu ser, com a excelssitude do mais elevado sentimento. Não desejo, apesar disso, incorrer na vulgaridade imperdoável de confiar-lhe detalhes mínimos que representam o logar commum e passageiro de todos os idyllios. Mas... você compreenderá: a falta de variedade dos habitos acaba sempre por produzir a monotonia sentimental. Passou o tempo e com elle as adoráveis insignificancias dos primeiros instantes. Chegou o dia fatal, em que tive de perguntar-me a mim proprio se continuava amando Adelina. Não quiz responder-me "não", mas o "sim" era uma coisa longinqua. Recordava as primeiras horas, a divina tortura de contemplala perguntando o instante em que a tomaria em meus braços; a emoção que me embargava ao pensar na sua presença; a avidez com que meus olhos seguiam o arco de suas sombrancelhas e as linhas severas do perfil impecavel. Compreendi que a pareza das intenções não bastam algumas vezes para encher a existencia de forças que permanecem occultas no interior da natureza humana. Assaltou-me, então, a idéa egoista e perversa de experimentar outra emoção. Disse comigo: E' diferente, porque estou cansado, e me acostumei a ella; o ideal seria continuar amando e fugir quando acabasse o feitiço. Se deixasse Adelina, continuaria a viver ao lado de outra mulher, que tambem abandonaria a seu devido tempo. Tornarei a olhar impaciente os debéis ponteiros do relógio, a dar cincoenta vezes a volta a praça para chegar com exactidão a hora combinada; a comprar durante certos dias da semana a marca mais fina de cigarrettes?

"Já não faço isso. E' horrível. E' monotono. E' absurdo. Quero viver! Quero ser sempre feliz e prolongar minha felicidade de apaixonado!

"Sordidos prejuizos e considerações me impediam romper bruscamente. Sabia que Adelina me amava e não ao amor, e se a enganasse, em vez de dizer a verdade, não me perdoaria nunca. Estranho caso de consciencia; ao afastar-me de seu amor, importava-me conservar sua amizade! Em nossa união, jamais foi atraído o pensamento. Preferiamos a amarga verdade ao fingimento e á mentira. Coherente com este principio, apressei o dia da ruptura que ella, devido a uma esquisita modalidade, havia presenciado. Fui vel-a certa tarde. Falei, com lentidão, do recanto obscuro onde propositalmente sentára. Compreendendo a importan-

cia transcendental do acto, agucei minha coragem e lhe expuz a série de conhecidos pretextos que empregam todos os homens que se decidem afastar de uma mulher. Por sua parte, Adelina não procurou nenhuma desculpa que a ajudasse a reter-me a seu lado.

"— Familiarizei-me — disse — com a idéa de teu abandono. Não me surpreende, portanto, tua resolução, que não faz mais que demonstrar a inferioridade do affecto masculino, com respeito ao nosso, o das mulheres. Uma esposa póde supplicar; uma amante não tem direito a nada e deve esperar o peor. Não póde recorrer ao amparo de nenhuma lei, porque, troço de todas.

"Olhei-a em silencio. Sua horrível tranquillidade me decepciona. Eu esperava alguma scena. Que ceratura singular! Minha surpresa augmentou quando ella murmurou:

"— Creaste uma illusão e agora te sentes incapaz de continuar alimentado-a. Vae-te em paz, querido Henrique; não precisas dizer-me que aquillo... o nosso amor, chegou a seu termo.

"Olhei fixamente Adelina; tornei a olhal-a. Nenhuma lagrima em seus bellos olhos rasgados. Era forte, superior, não procurava obrigar-me á piedade. Uma só phrase me teria retido: "Matar-me-ás". Não quiz pronuncial-a... Sei que muitos approvarão sua conducta. Eu, não, conhecendo-me como ella me conhecia, que me feria a mim mesmo, que soffria um engano dos sentidos: não se passa de um grande amor á indifferença e ao desapego da noite para o dia. talvez quizesse dar-me uma lição com o sacrificio de sua felicidade... Não sei. Ha coisas que permanecem para sempre occultas e romances que, como os mortos, adquirem prestigio com o andar do tempo."

Os olhos de Landry encheram-se de infinita tristeza.

— E você? — murmurei, para dizer alguma coisa que o arrancasse da dolorosa agitação que o dominava.

— Compreendendo que a havia querido; tornei a procural-a, ao cabo de um anno de ausencia, para pedir perdão de joelhos e que me amasse um pouco... Mas Deus, que absolve, tambem castiga; não quiz que encontrasse nunca mais a que havia partido para quem sabe que canto desconhecido do mundo, para esquecer-se de mim... e recordar!



Evite o CABELO BRANCO

JUVENTUDE ALEXANDRE

Evite os CABELOS BRANCOS

DEPOSITO:

CASA ALEXANDRE
OUVIDOR, 148 — Rio

L E I A M

os romances de Fon-Fon, que se encontram á venda na Empresa Fon-Fon e Selecta S. A. á Rua Republica do Perú, 62



—CHEGAMOS! — anunciou, com a cara fechada, o dr. Machado, abrindo a porta do automovel.

Era visível a contrariedade com que revia o sitio e a velha casa abandonada ha tantos annos. Mas os desejos de Maria Luiza eram leis para elle, e finalmente consentiu em fazer a vontade á filha estremecida, que desde a sahida do collegio lhe pedia insistentemente para conhecer a antiga morada do pae e dos avós. Era mais do que um sitio; era uma velha fazenda de café abandonada a caminho de Friburgo. O clima optimo offerencia a probabilidade de uma estadia agradável, e Maria Luiza quiz por força veranejar naquelle anno no vetusto casarão que encerrava o segredo do passado familiar. O dr. Machado mandou a criadagem na frente, muitos dias antes, com o encargo de limpar e arrumar os aposentos e as salas, capinar o jardim em volta, que o matto invadira, e tornar a moradia mais acolhedora

e amena. Ia forçado e de má vontade, unicamente para satisfazer ao capricho da menina, possuía de uma extraordinaria emoção, que manifestava a cada momento, com sua exuberante jovialidade. Elle não lhe sabia negar coisa alguma. Viuvo, sem familia, fechado num luto obstinado, criára sozinho a filha, que hoje constituía o unico raio de luz de sua existencia. A menina não se lembrava da mãe, nem dos avós, nem de ninguém, mas queria conhecer, ao menos, o ambiente agreste onde elles viveram e onde ella propria tinha nascido.

A exuberante alegria de Maria Luiza correndo pelos caminhos da chacara não lhe desanimavam o semblante preocupado. Na varanda larga, na frente da casa colonial, ella olhava com exaltação o arvoredo copado, onde se entrelaçavam cipós e parasitas maravilhosas.

— Papae... papae!... Aqui me sinto no meu verdadeiro ambiente familiar! Até me parece

que estou regressando de uma longa viagem.

— Pois se nunca veste aqui! — respondia secamente o pae.

Maria Luiza, porém, subindo os degraus que levavam á entrada do vestibulo, virou-se para dizer, com bizarro fervor:

— Sim... sim... Eu já vivi aqui... em sonho!...

— Como assim? — perguntou o dr. Machado com a voz ligeiramente alterada.

Elle via a filha andar de um para outro lado, numa agitação cada vez mais forte, abrir portas e fazer exclamações sem lhe responder directa-

mente, como a falar consigo mesma:

— Sim... Aqui é a sala de jantar... a bibliotheca... a sala de visita. Estou reconhecendo tudo. E a casa do meu sonho!

— Que estás dizendo?

— De que sonho estás falando? — perguntou o pae, livido.

Maria Luiza empurrava uma porta que se abria para um grande salão frio, onde os moveis estavam ainda cobertos com as capas cinzentas. A mocinha parou no limiar da porta, vencida por uma crescente emoção, que a impedia de entrar.

— Estou falando de um sonho que faço sempre; que se passa num grande salão como este, exactamente!

E, cedendo a um irresistível impulso, precipitou-se levantando as capas de linho.

— Oh! — fez, juntando





as mãos e recuando de alguns passos — E' curioso... é curioso! São os mesmos moveis, a mesma seda — tudo tudo igual!

— E' imaginação, meu bem! Estás a te suggestar! — gaguejava dr. Machado.

Parecia soffrer, e seus olhos, chelos de angústia, como que se queriam desviar dos moveis que a filha examinava com avidéz.

— Aliás, são moveis de guarandá, como se encontram em quasi todas as fazendas.

— Não, não! — protestava Maria Luiza. — Não é este conjuncto! Está tudo no lugar tão differente! — Com os olhos fechados poderia dizer-te que está cada jarrinho de flores; as tetelas os azuleiros e os dois cancelabros. Vi tudo isso muitas vezes! E' terrível!... Está vivo nos meus olhos!

O dr. Machado não perguntou o que era tão terrível e tão vivo. Diria que temia ouvir contar o sonho reanimado pela visão do ambiente que a menina pretendia reconhecer.

— No meu sonho, papae, este ambiente é o teatro de um drama.

— Um drama?! — saltou o pae, com um suspiro de voz.

— E' lá, lá naquella cantada junto ao sofá. A filha está sentada. O

homem está de pé, ao lado da porta. O baby brinca no tapete.

— Se é para ficares neste estado de nervos, e teres idéas tão tétricas, voltaremos immediatamente para a cidade! — rosnou o dr. Machado.

Maria Luiza sacudiu os cabellos ondulados e tentou com esforço acalmar sua exaltação.

— Não se affliga papae, — pediu, com doçura. — Nunca falei nisto, porque sentia que não lhe devia falar neste assumpto; mas, hoje é mais forte do que eu... E' tão extraordinario o facto de me rever nesta casa onde papae disse que eu nunca estive!...

— Nunca! — affirmou ferozmente o dr. Machado.

— No entanto, já vi tudo isso mais de cem vezes — talvez mais! Não lhe acontece papae, tornar a ter um sonho que já teve?

— Naturalmente! E' coisa que succede a todo mundo!

— Talvez. Mas eu tenho constantemente este mesmo sonho. Apenas adormeço, o mesmo quadro repassa diante dos meus olhos e isto desde quando eu era bem pequenina.

— Mas é porque te entregas a elle e não fazes nenhum esforço para afastal-o da mente. — respondeu o dr. Machado.

— Juro-te que não, pa-

pae! Pelo contrario, quizera bem livrar-me dessa obsessão, que me faz soffrer tanto!

A mão do dr. Machado levantou-se instinctivamente, num gesto imperioso, que queria impôr silencio á filha, enquanto ella, com o olhar fixo, revivia o seu sonho, collocando os factos no ambiente real que coincidia de modo estranho com a scena composta pela sua imaginação.

— No meu sonho, papae, eu sou o baby... No começo, estou brincando com um boneco aos pés de uma moça... uma linda moça... muito moça e muito bella. Mas entra um homem; Olhe papae, por aquella mesma porta atraz de você... Deve ser o pae da criancinha, estou certa. Tem uns olhos máos e o ar terrível. Segura um revolver na mão direita e alguns papeis na outra. A moça grita... levanta-se... supplica... Quer tomar a criança nos braços... mas o homem está furioso; agita as cartas e, de repente, dá um tiro. A moça cahe... a criança chora assustada... e assim acaba sempre o meu sonho... horrível... horrível!

O dr. Machado estava transtornado, pálido, suando frio.

— A moça cahe precisamente onde você está agora, papae. Justamente debaixo do quadro!

E Maria Luiza levantou os olhos para a parede onde stava preso um quadro cuidadosamente coberto por uma cortina preta. Chegando perto, a mocinha levantou o panno negro e deu um grito. Era o retrato a oleo de uma linda mulher, ainda muito moça, pálida e suave com uma santa.

— Oh! Mas é ella!... E' ella! E' a moça do meu sonho!

Virando-se em alvoroço, em direcção ao pae, perguntou, ansiosa:

— Mas quem é... quem é que representa o quadro, meu pae?

Sob o dominio hypnotico do olhar de Maria Luiza, o dr. Machado calbuciu em voz abafada.

— E' tua mãe, minha filha, é tua mãe... Perdôa!

E a menina, cheia de horror, comprehendeu, enfim, que o seu sonho, teimoso não era genão uma recordação...

A MELHOR EPOCA PARA FORTIFICAR-SE

Novo meio rapido para recuperar a saude e obter augmento de forças.
As Pastilhas McCoy de oleo de figado de bacalhau.

Seu visinho — seu amigo — seus parentes — mesmo seu irmão ou irmã — alguém já lhe terá falado dos grandes e rapidos beneficios que se obtêm, tomando as Pastilhas McCoy, de oleo de figado de bacalhau.

Esta é a melhor estação do anno para fortificar o organismo debilitado, e as pessoas fracas e doentias devem refazer sua saude. O oleo de figado de bacalhau é o maior reconstituente do corpo que se conhece. Com as Pastilhas

McCoy obtêm-se todos os beneficios do puro oleo de figado de bacalhau em fórma agradável para todos.

Si seu filho está fraco ou anêmico, si não tem appetite, si está rachítico e atrasado em seus estudos, dê-lhe as Pastilhas McCoy de oleo de figado de bacalhau durante um mez, e verá com prazer como augmenta de dia para dia em peso, forças e vigor.

Vendem-se em todas as phar-macias. Estão cobertas de uma ca-

mada de assucar, e as crianças tomam-n'as com facilidade. Um menino de 9 annos augmentou kilos em dois mezes. Uma senhora augmentou 8 kilos em 5 semanas.

Pastilhas
McCOY
de oleo de figado de bacalhau

MONICA DARBOIS era uma mulher muito bonita, com grandes olhos azues, viva, cabellos louros, que lhe davam ás feições deliciosas uma aureola de sol. Era alta e bem formada. Seu andar, seus gestos e atitudes desse orgulhava. Seduzia tanto por mostravam boa educação, de que sua intelligencia, que era muito viva, como por suas qualidades physicas. Por outro lado, ha um anno, época da historia que vou contar, ficára viuva de um "gentleman" campestre, e estava livre.

Não parecia indisposta a contrahir segundas nupcias, mas era considerada um partido difficil, já que possuia meios de fortuna e amava a riqueza; de sorte que teria muito cuidado em não deixar-se impressionar pelo primeiro aventureiro que se lhe apresentasse. Naturalmente, eu soffri o encanto dessa mulher esquisita, e, incapaz de rebelar-me contra a lei commum, apaixonei-me por ella. Por sua vez ella o comprehendeu e com grande prazer notei que não tratava de evitar-me. Pelo contrario, procurava-me.

Um dia, declarou-me que gostava muito de mim. Amava-me loucamente. Eu não queria ter a vaidade de o pretender. Mas, conhecendo o meu passado e meu presente, ella podia olhar um futuro commigo sem receio.

— Casar-me outra vez? — disse-me. — Talvez. Em todo o caso permitta-me fazer-lhe uma pergunta, ainda que lhe pareça que estou louca. O sr. ronca?

E sem me dar tempo, de surpreender-me, explicou-se:

— Meu marido possuia, no meu modo de ver, todas as qualidades necessarias para fazer feliz a uma mulher. Infelizmente, tinha um somno tão barulhento, que jamais pudemos dormir juntos. Quando viajavamos, eu tomava nos hotéis um quarto que ficasse em outro

A viuva De Pierre Chanlaine



andar que não o delle. E o amor que lhe tinha quando nos casamos soffreu tanto com esse defeito que me prometti prevenir-me contra outro inconveniente dessa especie.

Eu assegurei-lhe — com toda a veracidade — que tenho as vias respiratorias livres, sãs, e que o meu somno, por profundo que seja, jamais alterou a paz dos meus contemporaneos.

Quando chegou o verão, decidi ir a La Baule passar alguns dias. Levei commigo o meu cão, um "cocker", ao qual quanto mais velho e doente, mais amo. Tendo sahido muito tarde de Paris, só cheguei ao meu destino, apesar de forçar a marcha do auto, ás 23 horas e dirigi-me para o hotel.

Na manhã seguinte, vi uma dama que sahia do quarto vizinho ao mesmo tempo que eu sahia do meu.

— Monica!

Primeiro manifestou-se muito contente por ver-me, exprimindo a sua alegria com palavras amaveis e gestos affectuosos. Mas, de repente, ao contemplar a porta que eu fechava a chave para que o meu cão ficasse descansado na minha cama, franziu o sobrecenho:

— O sr. foi meu vizinho? — perguntou.

O olhar que lançou ao redor fê-la adquirir a convicção de que eu era o seu unico vizinho, visto

como a porta de seu quarto se encontrava no extremo de um corredor.

— Espero que poderemos passear muito juntos — disse-lhe. — Trouxe o meu carro.

Mas, mudando de tom, assegurou-me que havia decidido sahir de La Baule para regressar a Samur, onde a esperavam algumas amigas, pelo rapido da tarde. Convidei-a, então, a almoçar, mas desculpou-se com o pretexto de que estava com uma dor de cabeça provocada por uma noite de insomnia.

Comquanto me surpreendesse a subita mudança de attitude, não quiz insistir. Que poderia dizer? Desejei boa viagem a Monica e disse-lhe que esperava tornar a vê-la bom depressa... E, depois, nos separámos.

Um mez mais tarde, quando regresssei a Paris, soube por alguns amigos que Monica Darbois estava compromettida e que o casamento se realizaria breves dias.

— Sei — disse-me o meu amigo — que pensava casar-se commigo, mas parece que um dia (aqui o meu amigo se expressou com certa ironia), estando em La Baule quando occupavas um quarto vizinho do della, roncaste de tal maneira, que renunciou as seus projectos.

Estremeci. Recordei-me, com effeito, que naquella noite o meu pobre cão, velho, fatigado por uma jornada de automovel durante a qual não pudéra dormir, tinha adormecido no meu quarto com um somno que a sua asthma tornava ruidoso. Mas, para que não adoescesse, eu não havia querido perturbar-o e resignára-me a passar uma noite de insomnia.

Casar

O Que Toda Moça Deve Saber Antes e Depois Do Casamento

Todos sabem que Certos Terríveis Padecimentos e as mais Perigosas Perturbações Genitales são Sofrimentos que perseguem grande numero de Mulheres.

Quantas vidas cheias de desgostos e pezares, quantas lagrimas, quanta tristeza e quantos desenganos produzidos por estas tão dolorosas Enfermidades!

Quantas Senhoras Solteiras, Casadas ou Viúvas, que padecem de tão terríveis Doenças!

Quanta Mãe de Família se considera infeliz, por soffrer assim!

Quem tem a infelicidade de soffrer do Utero sabe bem o que é padecer!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Appetite, incomodos do Estomago, Arroto Frequentes, Azia, Bocca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbidos nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Differentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimento da Memoria, Moleza no Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pelle, Certas Cocciras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc. Tudo isto pode ser causado pela inflamação do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado e ella de alegre que era, passa a ser triste, aborrecida, zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes!

O Melhor Tratamento é usar **Regulador Gesteira**
Sim! Sim!

REGULADOR GESTEIRA é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelidão e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dores da Menstruação, a Fraqueza do Utero, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comecem hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

A RUINA



CHICO LEMOS, o velho e inveterado conquistador, pela força do habito olhou ainda uma vez em redor, procurando um vulto feminino a quem endereçar um derradeiro olhar de ternura (artificial), mas não viu ninguém que valesse o esforço do seu nervo optico. Após haver cumprimentado mais de vinte pessoas e manifestado um apaixonado interesse pelo tempo que tinha feito durante o dia e o calor que faria no dia seguinte dispunha-se a deixar os salões do grande hotel, deslizando cautelosamente sobre o assoalho encaixado para não cahir no ridiculo de escorregar, embora, deante daquellas senhoras que o não interessavam. Quando já se passavam tantos annos da vida preoccupando-se com os problemas da politica e do commercio internacional, é justo que não se tenham mais reservas de curiosidade para os assumptos que oferecem certas aglomerações de individuos especializados em dissecar futilidades. O dr. Lemos ia retirar-se em busca do almejado repouso da noite, quando um braço, gondo e nú, se alongou ao seu lado para permitir que uma mão, cheia de aneis e de rugas, o tomasse pelo pulso com amavel violencia. Sur-

prehendido, olhou a mulher que o importunava com tamanha familiaridade, sem poder atinar quem fosse. Era uma deusas caras communs, tal como se encontram facilmente nas melhores

sociedades e nos *Palaces-Hotels*; a cara de quem luta ha annos para conservar alguma apparencia de mocidade sem comprehender que taes esforços vão justamente de encontro ao fito almejado, chegando a produzir o effeito diametralmente opposto: o effeito do mais trágico temor... a mascara da velhice.

Sob os cabellos vermelhos pelo *henné*; atraz do espesso rebôco de pomadas e de pó de arroz, que elle examinára com ansiedade, a mulher não lhe lembrava nada, nem ninguém. Felizmente, a um dado momento surprehendeu nas pupillas, que ella relava languidamente na órbita azulada, um olhar brejeiro e ao mesmo tempo sarcástico, que despertou os mais reconditos meandros das recordações do dr. Chico Lemos. Num relampago,

teve a visão retrospectiva da encantadora creaturinha que fôra a esposa de um dos seus melhores amigos:

— Nicola? — gritou.

— Ainda bem!.. Veja com prazer que me reconhece! Tive receio de haver mudado por tal fórma, que você não mais pudesse atinar quem era.

Nicola Tibiriçá não tinha mudado; pelo menos, não mudára quanto ao moral. Ella se manifestava uma vez mais pela mesma validade, cujas consequências temíveis foram tão nefastas aos outros. Chico Lemos formulou logo uma sequencia de phrases amaveis para lhe assegurar que permanecia sempre a mesma ou quasi...

— Ah, o inveterado galanteador! — disse ella, com a mesma voz ciciante que encantára outrora o proprio Chico e os seus jovens amigos, mas que hoje parecia o gemido lúgubre de uma velha boneca quebrada: — No final de contas, ainda prefiro acreditar nestas mentirosas palavras, infinitamente mais agradaveis, do que ouvir verdades crúas! Venha conversar um pouco comigo.

E arrastou o Chico Lemos até um grande sofá, incommodo, collocado no fundo de um dos salões, entre duas janelas, explicando ao amigo, que o procurava no meio dos convidados, desde o começo da recepção. Ella contava encontrá-lo. O marido, Edward Terry, partira havia apenas algumas semanas, para substituir, nos Estados-Unidos, um dos confrades do Lemos, mas este ignorava totalmente que Nicola, após haver tão cruelmente abandonado o seu melhor amigo Guilherme, e casado em segundas nupcias com o conhecido finarceiro Seabra, estivesse agora casada pela ter-

BANHOS DE MAR

Os mais modernos e elegantes modelos das afamadas roupas de banho

Jantzen. Neptuno e Boreal

Toucas, salva-vidas, sapatos, lenços, tampões para ouvidos, bolas e brinquedos para praia encontram-se na

CASA SPORTSMAN

a melhor e mais antiga casa de artigos para todos os sports

RAUL CAMPOS

Rua dos Ourives, 25 - 27 — Tel.: 3-2225 — Rio

Ponto de Itavaz

vez com um ameri-
Mas isto é allucinan-
Não compreendo es-
corobacias conjugaes
nessa terra! E que é
do Seabra? pergun-
quasi com insolent-

Annulei; annulei;
caro! Com dinheiro
é mais facil. Era
homem impossivel,
e não pudiamos
entender. Quando se
deceram homens ra-
como o Guilherme,
Arnaldo, não se póde
aturar individuos
educação como...
ouvir pronunciar os
dos seus dois ami-
mortos. Chico Lemos
meceu. Durante os
da mocidade ti-
sido os amigos in-
aveis, intimamente
por uma dessas
ões que desafiam o
a distancia, as
versias, tudo! Gui-
me, medico; Arnaldo,
gado; e Francisco

destinado a gal-
os mais altos postos
diplomacia. Não se
avam nunca, e fóra
trabalhos de cada
enchiam a vida de
ntras repletas da-
ellas exuberantes
que constituem um
maiores encantos da
idade. Um dia, Gui-
me introduziu na in-
idade dos trez ami-
uma encantadora
strinha. A filha de
professor de direito.
Nicola, Arnaldo e
acolheram com de-
strações de contenta-
a menina ingenua,
os considerava com
a ironia; era loura
um ralo de sol, es-
como ainda não se
naquelle tempo, e
cada de uma inver-
sedução. Guilherme
este, ultrapassou lo-
os limites da franca
paradagem e apaixo-
se doidamente pela
menina loura. Ca-
em. Durante os pri-
anos do casa-
to, Arnaldo e Chico
entram, com sincero
entamento fraternal,
sidade do casal. A

ventura de Guilherme
era a ventura de Chico e
de Arnaldo, que admira-
vam e amavam intensa-
mente o amigo.

Mas, ninguem sabe co-
mo as coisas mudaram
com o tempo. Nicola sa-
hia frequentemente com
Arnaldo; era natural que
sendo elle o mais rico e
o menos occupado dos
trez, pudesse dedicar
maior numero de horas
á tarefa agradável de
acompanhar nos passeios
a joven senhora, em-
quanto o marido cuidava
da clientela e Francisco
ficava preso nos Minis-
terios. Nem Guilherme
nem Chico estranhariam
uma coisa tão natural,
baseados na confiança
mutua que lhes inspirava
a reciproca amizade.
Mas, um dia, Guilherme,
entrando para jantar,
achou a casa vazia. Uma
carta, apenas, sobre a
mesa da sala de jantar,



o prevenia de que a mu-
lher se enganára em
suas affeições e que reto-
mava a sua liberdade.
Mas, Arnaldo tambem

desapparecêra com ella!
Foram dias de angústia
e soffrimentos, Guillher-
me, sinceramente apaix-
xonado pela mulher, soff-
ria pelo ciume e pela
dupla traição. Durante
um anno conseguira aba-
fiar o seu desespero; mas
a desgraça quiz levá-lo,
um dia, até São Paulo,
onde encontrou Nicola e
Arnaldo no restaurante
do Esplanada-Hotel. Foi
direito ao seu ex-amigo,
e esbofeteou-o em plena
sala. Era impossivel pen-
sar em poder arranjar as
coisas. Chico Lemos, des-
graçadamente, não esta-
va lá; tinha ido levar
suas credenciaes ao rei
dos belgas, em Bruxellas.
Guilherme exigiu de suas
testemunhas as mais se-
veras condições. E, na
manhã seguinte, matava
o Arnaldo com um tiro
de pistola.

Em consequencia do
triste acontecimento, Gui-
lherme partira para a
Europa. O desgosto, o
remorso, o horror da soli-
dão o minaram pouco
a pouco. Uma bronchite
transformára-se em tu-
berculose, e dois annos
depois morria num sana-
torio, em Davos, na Suis-
sa.

Nicola, que havia des-
apparecido, casou com o
multimillionario Seabra.

(Cont. na pag. seguinte)

ELLA FEZ DESAPARECER O SEU PASSADO



Depois de se haver con-
duzido imprudentemente
durante muito tempo, um
bello dia resolveu-se a ini-
ciar uma vida nova. Não
era nada mais que uma
mocinha, porem em seu ro-
sto appareciam todos os
signos da velhice: os per-
fidos pés de gallinha, os
horriveis cravos. Seu as-
pecto denunciava bem clara-
mente o damno que

a uma formosa tez causa o abuso de cremes e
pinturas. Porem bastaram algumas applicações
de Cera Mercolized, feitas antes de deitar-se.
para que a nossa heroína lograsse fazer desap-
parecer o seu passado, pois essa cera dissolve a
cuticula morta exterior da pelle e faz apparecer
em seu logar a nova e encantadora cutis que
toda mulher possui encoberta pela velha tez.
Onde se vende bons artigos de toilette encon-
tra-se Cera Pura Mercolized.

As tablettes de "Stymol" rosado, dissolvidas
em agua tepida, dão uma efficacissima solução
para a instantanea extirpação dos cravos.

Passaram-se os annos, tristes, feios, jubilosos ou indifferentes, e agora Francisco via novamente deante d'elle a causadora da tragedia que truncara o lindo poema de amizade da sua mocidade. Mas não era mais a Nicola loucamente amada pelos seus dois infelizes angios. Era a sua propria caricatura, a sombra grotesca do que havia sido aquella formosa personagem de romance. Não era de estranhar que a não tivesse reconhecido, logo no primeiro momento.

— Como é curioso nos encontrarmos novamente no Rio! Quantas recordações communs temos nós!

Tanta inconsciente futilidade desarmou o dr. Chico, que almejava apenas não ouvir relembrar nenhum episodio do passado doloroso.

— Confesse — dizia ella — que eu tive mesmo pouca sorte. Ha tan-

A RUINA (Conclusão)

tas mulheres que se des- coube-me um verdadeiro quitam facilmente, mas selvagem!...



A VIUVA E O PAPAGAIO — A viuva (casada em segundas nupcias). — Si não aprendes depressa a dizer "Geraklo", em vez de "Arthur", eu te torço o pescoco, maldito!

Chico Lemos não disse nada, mas pensava nos amigos mortos; nas intelligencias e nas energias aniquiladas; no caracter recto que promettia mens de tanto valor, molados para sempre boneca empastada de cera e carmim que falava deante d'elle com gesto de franca vulgaridade. Ah, se Guilherme e Arnaldo tivessem podido ver, ha 40 annos atraz reflectida num espelho encantado, a sua adorada Nicola, tal qual estava agora deante dos olhos de Francisco, certamente ainda estariam vivos!

Nicola inundou-se de pó de arroz.

— No final de conta — disse ella — Guilherme foi muito feliz morrendo. Que mais poderia elle esperar da vida?

Chico encarou bem mais uma vez, o velho idolo decrepito, e crescentou:

— E' verdade; eu tambem acho que elle mesmo feliz morrendo.

INTERROGANDO O INFINITO

(Paraphrase)

(A PLINIO MOTTA)

*Com o tempo a noite em dia se transmuda,
Com o tempo a primavera em negro inverno,
Com o tempo morre o amor com ser eterno,
Com o tempo a chaga occulta se se desnuda;*

*Com o tempo tudo passa e tudo muda,
Com o tempo o que era antigo hoje é moderno,
Com o tempo a gente deixa o lar paterno,
Com o tempo afina emfim a voz mais ruda;*

*Com o tempo a selva em cinzas se renova,
Com o tempo a flor a escura cova,
Com o tempo o rio em cheia entra no leito;*

*Com o tempo acorda a matta adormecida,
E somente com o tempo, a minha vida,
Com o tempo a chaga occulta se desnuda;*

FERNANDES VIANNA

(Da Bibliotheca Publica de Minas).

Campanha Nacional para um ambiente melhor

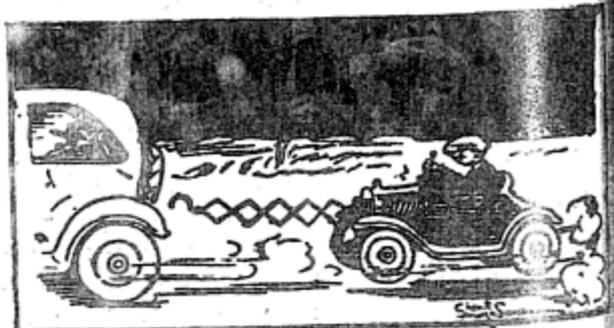


MOBILIARIOS e TAPEÇARIAS
de qualidade e beleza incomparaveis



a casa que serve sempre melhor e por preços ao alcance de todos.

65 RUA DA CARIOCA 67 — Rio



PARA OS AUTOMOBILISTAS — Um accessorio de muita utilidade: economiza a gazolina e permite alcançar grandes velocidades...

Saibam todos...



OME. DE STAEL (S. Paulo) —
al, v. ex. deseja tanta coisa...
de tanto... Posso até anotar
suas preferencias...

A) — Deseja conversar commi-
— epistolarmente. Por carta,
se vê — uma vez que seria difi-
cil, a v. ex., uma viagem ao
por tão pouco...

B) — Quer uma resposta mi-
ma, mesmo curta, — para ter a
de que está afastada da ma-
terialidade da vida... Muito bem!

C) — Pede que lhe indique li-
vros. (Oh! santo Deus!)

D) — Faz questão de que lhe dê
minha opinião sobre o seu sone-
to de amor...

E eu? Não peço nada. Nada!
Vejam o que posso fazer:

A) — Conversar, epistolarmente,
pode ser agradável. Mas, depois
da segunda carta, essa "conversa-
ção" põe o missivista platonico,
em estado completo e perfeito,
e quem póde entrar, no hospicio,
em exigencias de diagnostico...

B) — A resposta a uma carta
de, ou não, afastar a pessoa da
materialidade das coisas... Mas,
certo é que *materializa*, ás ve-
zes, a pessoa que a recebe... Isto
deixa-a *petrificada*...

C) — Indicar livros! Que hor-
ror! Considero tal indicação o
mesmo que offerecer um menú de
essa preferencia a uma pessoa
quem não se conhece bem...
Assim, si a pessoa gosta de fei-
taça, e a outra tem horror a
feijão, será uma *gaffe* tremenda...
O caso dos livros... Eu gosto,
por exemplo, de ler a *Historia* da
Prochizha... E v. ex.? Que me
dá a respeito?

D) — A proposito do seu so-
neto, escreve v. ex.:

"Aproveitando da oportuna-
dade junto o meu ultimo soneto.

Si achar que está em condições
de ser publicado, a honra será
da minha por figurar numa re-
vista como FON-FON.

Na hipotese de que tenha um
certo "feuchant" para a poesia,
indique-me um tratado de Versi-
ficção que não seja o de Marques
da Cruz.

Seja franco para comigo como
o fui para com você.

Deixe-me completamente "Knock-
out" caso ache conveniente. Dessa
forma desistirei, meu caro Ives,
de invocar a... ira das Musas.
Adeus, Ives."

Como notei que o seu soneto

revela uma intelligencia brilhante,
mas que, como arte, está muito
imperfeito, julgo opportuno indi-
car-lhe o tratado de versificação.
Compre o de Olavo Bilac e Gui-
marães Passos, edição da Livraria
Alves.

Está satisfeita, encantadora pau-
lista?

FAUSTO (S. Paulo) — A sua
carta é synthetica. Vê-se bem que
o sr. não gosta de perder tempo
com ninharias. Entretanto, apesar
disso, o sr. sempre perdeu o seu
latim... com o seu soneto...

Aquí está a sua missiva:

"Colina, 31 de março de 1934
(E. de São Paulo) Prezado sr.
Ives. Sem preambulos, faço a apre-
sentação do soneto anexo a esta,
com desejos de, com sua interfe-
rencia, ve-lo publicado em FON-
FON.

Na expectativa de encontrar so-
licito acolhimento a m/º pedido,
subscrevo-me agradecido. — De
V. S. Amo. Ato. Obgo."

Cortei a sua assignatura para
lhe evitar dissabores, como poeta.

O ROUGE ORIENTAL ILLUSÃO
*sêcca instantaneamente, não engor-
dura os lábios nem transmite o*
máu gosto dos rouges communs.

*As suas côres são firmes, per-
mittindo sem a menor alteração,*
beijar, comer, beber, tomar banho
de mar etc., a tudo resistindo.

O uso do ROUGE ORIENTAL
ILLUSÃO assetina os labios e é de
grande commodidade, pois uma
*única applicação matinal é o bas-
tante para o dia inteiro, o que o*
torna pratico e muito economico.
Vende-se em todas as perfumarias,
em lindas caixas de porcellana
pelo preço de 4\$000.

Mas averdade é que ella não era
mesmo legivel: o sr. fez um ra-
bisco, á guisa de assignatura, — o
que, em graphologia, se chama
"carrement" — *má fé.*

Mas não é de graphologia que
se trata; é de poesia, e má.

Vejam o seu soneto:

MAIOR CASTIGO

Fui ousado? Perdôa. Culpam o luar
De contagio de amor e de desejo.
Torpe calunia. A quem deves
[culpar,
Se te puzeste ao alcance de meu
[beijo?

Fui ousado. Que queres? Se é ousar,
Solver á flôr de uns labios, num
[lampejo,
O mel que o amor destila, acovardar
Tambem seria o ter perdido o en-
[sejo.

E has de convir, com menos ira e
[alarde,
Que é bem mais ser ousado que
[covarde,
E mais doce o perdão que vem
[depois.

Arrufas? E's cruel. Basta-me o cas-
[tigo,
De trazer essa mágoa atroz comigo
De ter ousado um beijo em vez de
[dois.

Colina, 31-3-34.

FAUSTO

Com a mesma parcimonia de es-
tylo, lhe declaro: "Sem preambu-
los, o seu trabalho não serve para
as paginas do FON-FON.

A. D. F. (Capital) — Aquí es-
tá a 3ª carta, onde v. ex. adaptou
um retrato meu, cortado de *O Sua-
ve enlero*. Nessa carta v. ex. me
manda "bôas festas".

E só.

Tudo isso é surprehendente
para mim. Mas, de qualquer mo-
do, agradeço a homenagem que me
rende, e retribúo as "bôas festas",
que me envia, em abril...

Bôas festas, de que anno? De
1933? De 1934?

Não importa! O principal é que
sejam festas, e bôas...

WIR DUO (Capital) — Olá!
Uma poetisa? Com certeza não o
será de versos aleijados, creio eu.

Examinemos a sua carta:

(Continúa na pag. seguinte)

SAIBAM TODOS

(Conclusão)

"Prezado Yves, espero que me perdôa a audácia de lhe escrever, ou antes, de lhe mandar uns versos para a crítica. Espero que me responda pela sua secção no *Fon-Fon* e que não fique mal impressionado com o tom frio e official da minha carta. Estou me apresentando; passados os primeiros instantes de embaraço, serei mais natural e espontanea.

Espero de lhe poder ser grata pela resposta."

Ora, o que me surpreendeu não foi o *tom frio* de sua missiva, foi o *tom quente* do seu poemeto — onde v. ex. dá expansões aos impulsos do seu coração em chamma, dizendo ao seu amado:

*Gozemos a ventura enquanto
[existe
amemo-nos enquanto o amor im-
pera...*

Mas, fóra de brincadeira, senhora, o seu poema está mau. Sentese que v. ex. possui qualidades aproveitaveis. Encontrando um bom mestre, que a guie com interesse, que a oriente nos meandros das letras, mais tarde poderá escrever bellas coisas.

Por ora, não. O que produz é muito pueril.

Si lhe posso ser util em alguma coisa, eu aqui estou, ao seu dispôr. Serve?

TONG HOLL (Ceará) — O seu conto foi entregue ao secretario. Deverá ser aproveitado.

H. C. T. (Capital) — Upa! Lá vem mais um poeta! Não é de estranhar: estamos em abril... Ha um dictado, que affirma: "Abril — aguas mil". Não será melhor dizer: "Abril — poetas mil?"

O sr. me dirige uma carta longa, — e cheia de *consideranda*.

A primeira... Mas, leiamos, antes, a missiva:

"Rio, 23-3-934. Sr. Yves. Saudações. No *Fon-Fon* de sábado, (17-3-934), tive a agradável satisfação de ver a resposta que o sr. se dignou a me conceder através do "Saibam Todos".

Muito agradecido, caro Yves. E pode crer que este meu agradecimento seja sincero, pois, embora eu não tenha conseguido o que ambicionava conseguir, ao menos obtive uma ótima lição que me conformou, reparando a minha tentativa malograda de ver publicado o meu soneto.

Bem Yves, de qualquer maneira, o sr. foi bastante gentil. Se não me contentou como eu desejava, foi porque não seria justo, não seria possível.

Agradeço, pois, a atenção que o sr. me dispensou e direi alguma coisa sobre a resposta que me escreveu pelo "Saibam Todos".

Disse-me, então, o sr. que eu escrevi, escrevi, para chegar a um resultado diminuto. Francamente, é engano seu! Estaria certo se apenas tivesse lido os meus versos, para depois, enfadado, envia-los á amavel acolhedora das produções literarias, que, por serem "ótimas demais", não podem figurar em nenhuma revista. Mas não! O sr. não procedeu assim! Ocupou-se em me atender com toda a gentileza, que é sempre peculiar ás inteligencias cultas e superiores. Reparou os defeitos do meu soneto, da minha carta e, finalmente, me deu uma lição em regra.

Vê-se, pois, que eu obtive um resultado. E não foi ele diminuto!

Agora, para que o sr. veja se conseguiu melhorar com a sua lição, mando-lhe um soneto. Fio-o, procurando sempre seguir os seus ensinamentos. E envio-lhe esse outro que fiz no ano passado, para que o sr. tambem repare que eu não só fazia versos cujo motivo fosse apenas uma inspiração á "jeune fille".

Ponho, aqui, ponto final, agradeço mais uma vez, e subscrevo-me com toda a estima e consideração. H. C. F."

"P. S. Respondendo pelo Saibam Todos, rogo-lhe que tenha a

finesa de usar somente as minhas iniciais."

Perfeitamente. Sou-lhe profundamente agradecido pelas gentilezas que me concede. Infelizmente, função do censor, do julgador do trabalho alheio, do critico literario... (si bem que eu seja apenas o fiscal, ou antes, o ponteiro do *FON-FON*) é dizer as coisas como ellas são. E nesse terreno eu sou inflexivel. Digo o que penso e enquanto essa opção fór acatada pela Empresa *FON-FON* e *SELECTA*, eu hei de enal-a no *Saibam todos*...

Mas, deixemos de circumloquar poeta! O que eu quiz foi conversar um pouco com o sr., que é amavel. Podia ter resumido a minha lenga em duas palavras: só poder ser publicado o seu soneto *O sorriso*. O outro — *Amor* — como sentimento — pode ser um portento como arte — é um desastre.

E até breve, sim?

GILDA (Capital) — E' encantadora de amabilidade e de exa-gero, em relação á minha obscura pessoa, a carta que me dirige. Por esse motivo, é que me sinto comovido, quasi tremulo, (a letra não apparece tremida, porque crevo a machina) ao responder, v. ex.

Antes, vejamos o que me escreveu. Dois pontos. Dois ou tres, Trez, seria já uma reticencia; portanto, uma perfidia... Ponhamos, apenas dois pontos... Quando mais não seja — por economia.

"Rio, 24 de Março de 1934. Dignissimo Sr. Dr. Bastos Portela Felicidade. O seu nome scintilla nos jornaes, e não menos a minh'alma observadora. Sou um destes seres creados para contemplar as grandezas espirituaes. sinto-me enlevada em dizer que sr. Yves é um destes espiritos nobres da nossa intellectualidade, que com elogios ou desillusões, attrai a *Saibam Todos* — uma consideravel somma de admiradores.

Julgar-me-ia uma Minerva conseguisse vêr esses versos sob a sua critica e nas columnas da minha predilecta revista o — *FON-FON*, da qual sou incantavel letora.

Comtudo — *Fiat voluntas tua*. Mais uma admiradora aqui está na pessoa de".

Agora, o poema:

SOLUÇOS
*Minha voz cantou um dia.
Para ver se te ouvia
— Cantar.
Mas o silencio foi sem fim,
E somente ouvi a mim
— Chorar.*

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviarnos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO
Ru. Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136

FON-FON — 21-4-934

Data da consulta.....
Nome do consultante.....
.....

SABONETE



VALE QUANTO PESA
GRANDE, BOM E BARATO
RECUSE IMITACOES

Minha voz em soluços transformou-se,
[se,
E de tristeza enrolou-se
-Então.
Agora a alegria foi-se embora,
E a minh'alma por ti chora
-Em vão.

Como vê, soluços... amorosos
de sua parte, e soluços... litera-
rios... da minha...

Explica-se. E que v. ex. soluça
por amor... e eu, soluço, por não
poder aplaudila, como poetisa.
Acredito que seja uma joven boni-
ta, inteligente, bôazinha, delicada,
rica, excelente pessoa, dedicada
ao sacrificio, amorosissima porém,
como poetisa, está muito fraca.

Estude um pouco. Leia os bons
autores. E pôde ser que, dentro
de pouco tempo, eu mesmo venha
ter o orgulho de escrever: "A jo-
ven poetisa Gilda ... , cuja estrêa
nas leiras se faz com um magni-
fico volume de versos, foi uma
assidua leitora do Saibam todos...
Ali, sempre bebendo os conselhos
do autor da referida secção, a poe-
tisa patricia acabou demonstran-
do que, de algum modo, lhe foram
úteis as irreverencias daquelle
porteiro literario do FON-FON..."

E eu imagino daqui a inveja das
suas collegas e o fingimento de
certos amigos ursos, que se ve-
riam forçados a cumprimentá-la
"pelo êxito retumbante do seu li-
vro". Azas douradas na amplidão".
Gostou?

S. G. PENNA (?) — Outro poe-
ta apressado. Tem-se a impressão
de que o sr. passou, por cima do
FON-FON, de avião. E, lá de cima,
atirou a sua carta a minha mesa.
Carta essa que se arriscou a cair
dentro da cesta...

Escreve o sr.:

"Sr. Yves. Cumprimentos. Sen-
do como é natural ser o seu leitor
constante, venho pedir-lhe que se
achar aproveitavel publicar na sua
pagina "Saibam todos", este verso
abaixo:

AMOR DESFEITO!

A W. B.

E tudo se desfez!... Hoje entretanto
Tenho saudades deste amor aja-
[nado.

Vive agora a rir deste meu pranto
A rir de um coração dilacerado

Se soubesses a dôr que soffro tanto,
Como vivo tão só, tão desolado.

Buscando o teu perfil por todo
[canto

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Como, se eu fóra um louco, um des-
[vairado

E enquanto eu soffro, tu, indifferente
A' este martyrio atroz a esta sau-
[dade

Não sabes esta quanto é latente

Mas has de recordar alguns mo-
[mento

Quando viviamos de a'acridade

E te arrependers do meu tormen-
[to.
do amigo obrigado".

Ahi está! Não foi perido de to-
do, o seu raid aviatorio... A sua
carta foi feliz: não cahiu na cesta...
Assim, a sua bella W. B. terá o
prazer de ler o soneto onde o sr.
chóra as suas mágoas...

A vida é isto: enquanto ella go-
za a sua literatura amorosa, o sr.
chóra...

Rosta-lhe o consolo de exclamar
dramaticamente: "Rira mieux..."
O resto é sabido.

YVES



Uma Pelle

da qual a
Sra. poderá
se orgulhar!

NÃO ha razão para
a Sra. soffrer de
feias e desagrada-
veis erupções cutaneas,
provenientes da imperfei-
ta eliminação das toxinas
de seu organismo. Si tem
pelle má, experimente
melhoral-a tomando de 1
a 3 tabletes diarios de
Fermento Irradiado Fleis-
chmann. Além de regula-
risar o trabalho intestinal,
Fermento Irradiado Fleis-
chmann lhe dará melhor
disposição physica por-
que é um alimento vegetal
riquissimo de vitaminas.

Agora, V. S. pôde comprar Fermento
Irradiado Fleischmann no Rio! Para
adquiril-o guie-se pela tableta azul
e amarella. Si seu fornecedor não o
tiver, peça a Standard Brands —
Tel. 8-2209.

Fermento Irra-
diado Fleisch-
mann é o unico
fermento que
contem vitami-
na D além das
vitaminas B
e G.



FERMENTO IRRADIADO FLEISCHMANN

MONZONIA

ENTRE as arvores gigantes, merece menção a da villa de Reinham (Allemanha), que, segundo a tradição, tem mil e duzentos annos de existencia. E' tal a sua exuberancia durante a primavera e o verão, que, á sua sombra, se abrigam facilmente mais de trezentas pessoas.

A caridade social na Dinamarca alcançou um alto gráo de perfeição. Ha tempos, destinou-se uma pequena ilha para asylos das pessoas debéis de espirito e atacados pela mania da vagabundagem...

A policia de Copenhague, outróra, levava para casa, em carro de aluguer, todas as pessoas que encontrava bebidas na rua, e quem pagava o carro era o dono do ultimo botequim onde o ébrio havia bebido.

A Biblia, até hoje, já foi impressa em 523 idiomas diferentes.

FÓRA da espécie humana não ha ser humano que possa rir.

A moda dos cachorros pequenos, como artigo de luxo, e antiquissima. As mulheres gregas e romanas tambem possuíam seus diminutos favoritos de raça canina, e, em Roma, até os homens sahiam á rua com os seus cãeszinhos debaixo do braço.

CADA cabello da cabeça tem um musculo na sua raiz. Si bem que as pessoas humanas não possam manejar esses musculos, ha, no entanto, animaes que o fazem, como os que têm a faculdade de eriçar os póllos, para parecerem maiores, e assustar seus inimigos.

MUITOS commerciantes de pársaros contractam tocadores de flauta para ensinar aos seus cana-

rios a cantar, apressando, assim, a venda dos mesmos.

OS fiapos brancos que ficam adherentes á banana, depois de descascada, são summamente indigestos, pelo que devem ser separados, cuidadosamente, da fructa, antes de ser a mesma dada ás crianças.

HA um grande consumo de leite vegetal na China. Nesse paiz, é difficil a criação do gado, devido ao terreno, que pouco se presta á pastagem. Assim, recorre-se ao grão de uma leguminosa, que, depois de cozido e espremido, fornece uma especie de pó, dissolvel n'agua, e que substitúe bem o leite animal.

A cidade de Nova-York recebe a agua que bebe e gasta das montanhas de Catskile, situada a alguns kilometros da cidade. Para conduzir a agua até Nova-York foi construido um enorme tunnel, a uma profundidade de duzentos metros do nivel do sólo.



SI ELLA SOUBESSE....

Constantemente está obsecada pelos seus disturbios intimos, que julga incuraveis...

O seu lar desunido, a sua saude obalada e o seu marido que já não é mais o mesmo...

Perdeu a coragem de enfrentar a vida; bem perto de si, sente a neurasthenia...

SI ELLA SOUBESSE,.... que a mulher sã não envelhece nunca, que o seu corpo fica moço e que seu ser todo, irradia felicidade...

Todas as senhoras devem fazer cada mez uma cura de FANDORINE, para garantir a saude e evitar epocas dolorosas.

FANDORINE

regulariza a circulação sanguinea e é um maravilhoso tonico uterino porque supprime a insufficiencia ovariana.

Combate: perdas, metrites, overites e leucorrhéas.

Corte este anuncio e peça uma amostra gratis para: Serviço "F" - C. Postal 624 - BO



é um producto **CHATELAIN** A MARCA DE CONFIANÇA

Na sua hygiene íntima, adopte a Gyraldose

RA com esses grandes trens internacionais que ligam, com constantes soluções de continuidade e paradas muitas vezes inexoráveis, a Europa occidental ao oriente.

Eramos oito sentados num compartimento de segunda classe. Uns fumavam, outros fumavam. Dentro em pouco, mais uma vez, estaríamos na fronteira. Ainda alguns minutos, e teríamos dado mais um passo para esse Oriente mysterioso que os poetas românticos nos deram uma idéa tão falsa. E já recordava em nós esse sentimento de angustia e de irritação que conhecem bem todos aquelles que, desde a guerra, tiveram occasião de percorrer a Europa central. Verificação dos passaportes, revisão das bagagens, corridas desatendidas e rudes através escriptorios arredidos, onde funcionarios mal humorados promulgam decisões contraditorias, troca de dinheiro, margetas, supplementos e não sei mais o quê. Talvez vejamos num instante a ordem laboriosa e sapientemente elaborada das nossas coisas irremediavelmente destruída por mãos grosseiras e sujas. Talvez que o bonito vaso, comprado

O salvador

De Eugène Bestaux

baratinho em algum bazar de Munich e chamado a figurar como turqueria authentica no salão dum amigo nosso, seja destruído sob os nossos olhos ou então taxado como mercaderia de luxo. Quem sabe se o volume que um propagandista armenio ou balkanico nos deu ao partirmos não vai causar-nos sérios aborrecimentos? Quem sabe? Quem sabe?

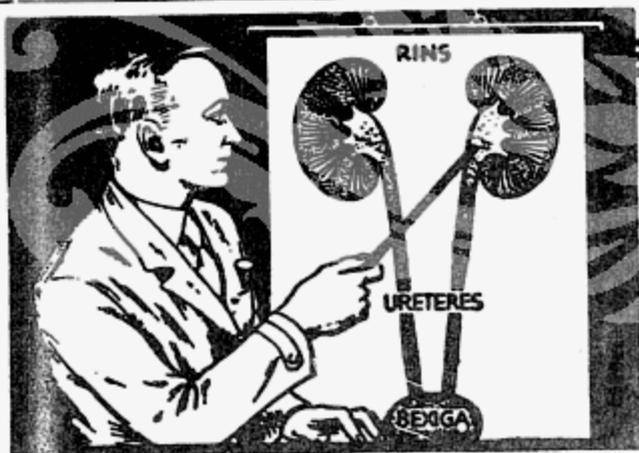
Num canto do nosso compartimento estava sentada uma senhora, joven e bonita como convem. Mergulhada na contemplação duma dessas revistas francezas de modas, que são redigidas e impressas em Vienna, ou em Berlim, só ella parecia inacessível á especie de febre que nos atacára. Enquanto que a cada instante um

de nós se levantava, tropeçando com desculpas nos joelhos e nos pés dos vizinhos, mudava as valises de lugar, tirava dos bolsos restos de provisões ou jornaes da ante-vespera, enfiava ou tirava o sobretudo ou a peliça, subia ou descia a portinhola, sahia para o corredor ou entrava batendo as portas, ella, indifferente a tudo, continuava a leitura.

Emfim, o trem, depois dum longo tunnel, entrou na ponte monumental lançada de travez sobre o Danubio. Ainda um quarto de hora, vinte minutos no maximo, e estaríamos na fronteira.

Lentamente, a joven senhora dobrou a brochura, abriu a maleta de viagem, tirou o necessario de *toilette* e, com toda a graça que se imagina, tentou refazer uma belleza. Depois, quando as pestanas, os labios, as faces, os dedos, as mãos, as unhas cõr de rosa retomaram os seus attractivos um pouco prejudicados pelas longas horas de viagem, encantada com o seu lindo trabalho, repór em ordem os pequenos instrumentos de marfim e de aço, tirar a carteira, explorar o conteúdo, fechá-la, tor-

(Cont. na pag. seguinte)



Rins, ureteres, bexiga

O aparelho urinario é um terreno propicio para o desenvolvimento dos germens provenientes do sangue e do exterior e causadores de perigosas doenças. Combata sem

demora estes males e os transtornos que os acompanham (dôres, pontadas e ardor ao urinar, etc.) fazendo uma desinfecção ou limpeza interna com a Urotropina. Graças á sua efficacia e innocuidade, é recommendada pelos medicos do mundo inteiro para desinfecar as vias urinarias e refrescar ou limpar o sangue de suas impurezas. Peça sempre:



Urotropina

Tubos de 20 compr.

Schering

nar a collocá-la no lugar, examinar minuciosamente todos os recantos da maleta, abrir uma valise, depois outra, fechá-la, folhear nervosamente a revista que lia ha pouco, espiar para baixo do banco, na réde, no chão e, finalmente, muito pálida, atirar-se para um canto do compartimento, ao mesmo tempo que lagrimas appareciam na ponta das longas pestanas e traçavam um sulco sobre o velludo das faces.

Intrigados, adivinha-se, por essa agitação subita da nossa companheira de viagem, não ousavamos perguntar-lhe o que lhe succedêra.

O mais velho de nós, ao qual sem duvida a idade dava mais coragem, indagou do manifesto desespero da joven senhora. Esta, em meio das lagrimas, explicou-nos que esquecêra o passaporte... Agora, que fazer?... Voltar?... Impossível, ou pelo menos muito desagradavel; era esperada nesse mesmo dia em M..., onde a sua presença era indispensavel. Que diria seu marido?... Graves interesses estavam em jogo... Telegraphar para casa?... Sem duvida, mas, antes que tivessem podido encontrar e enviar o documento em questão, horas se passariam, seria impossível chegar em tempo util e o negocio importante que estava em jogo ficaria irremediavelmente compromettido... Que fazer?...

E a linda estouvada desfazia-se em lagrimas. Era realmente de despedaçar a alma... Mas ninguém achava uma sahida... Na maioria eramos estrangeiros e não podíamos fazer outra coisa sinão maldizer todas essas chinezices boas, no maximo, para importu-

O Salvador

(Conclusão)

nar as pessoas honestas, sem entrar em nada os malandros.

A fronteira aproximava-se... Alguns minutos ainda e seria preciso descer, affrontar agentes impiedosos que podiam abrir-nos ou fechar-nos as portas do paraíso vizinho. Assim, apesar dos aspectos e das phrases compadecidas, cada um de nós pensava sobretudo nos seus negocios.

Subito, um vermelhão gordo, sentado no canto oposto do compartimento, que, pelo sotaque, roupa e maneiras, se reconhecia facilmente como indigena, e que, unico entre nós, não tomára parte na discussão, elevou a voz:

— Vejamos, vejamos, minha senhora; não precisa chorar assim. Perde a cabeça e não será isso que a ajudará a sahir do embaraço... Quer passar, hein? Pois bem. Encarrego-me disso. Logo que chegarmos, apanhe a sua bagagem e siga-me... E quando fôr o momento oportuno, obedeça-me sem hesitar, embóra o que lhe disser... Não posso jurar coisa nenhuma, mas ficaria muito surpreso se não conseguisse...

— Mas, senhor...

— Disse... Se lhe diz alguma coisa, faça como lhe digo, senão...

— Está bem...

E a joven viajante, intrigada mas visivelmente tranquillizada pelo tom decidido do seu compatriota, preparou-se com a nossa ajuda para tentar a aventura.

E' inútil dizer que os seis outros viajantes do compartimento acompanharam o casal improvisa-

do, curiosos como estavam de vê-lo que se ia passar e promptos a ajudar o melhor possível á salvação da sua amavel companhia de viagem.

A revista das bagagens effectuou-se sem difficuldade. O personagem que se fizêra cavalheiro-servente da viajante em perigo só tinha uma maleta de viagem e não julgou necesario carregar com as valises pesadas, parecia, da dama que o seguia.

Emfim, ella tambem terminou. O agente aduaneiro trouxe sobre as bagagens o signal fatídico e ambos, um atraz do outro se encaminharam para a mesa do verificador de passageiros. O vermelhão gordo entregou o seu, ornamentado com duas photographias e dum numero incalculavel de carimbos, recebeu o visto necessario e passou.

Atraz delle, vermelha e interdita, a joven senhora parou, e já o empregado estendia a mão para ella reclamando o passaporte, quando uma voz brutal se elveou, a do viajante que tão decididamente offerecêra a sua ajuda á joven dama:

— Então, vejamos! Vens ou não vens, especie de mollenga?

O empregado dos passaportes não hesitou. Amavelmente, com um gesto cavalheiresco, inclinou-se para a viajante, que já se lançava para a terra promettida:

— Ah! — disse elle. — E sua senhora?... Passe, madame...

E alegre, a joven atravessou a fronteira, salva por essa grosseria de quem ninguém se offendeu e que, bem evidentemente, só um homem bem educado podia permittir-se com a sua legitima esposa.

VINOVITA

GRANDE TONICO

O Restaurador das Forças Physicas e Mentaes

LITERATURA DO NORDESTE

(A MARGEM DE UMA PALESTRA LITERARIA)

O Ceará dos verdes mares bravios continúa a ser uma luzida e forte colmeia de abelhas mestras da sciencia e das letras.

A parodia ao verso de Henri Heine:

Poetas, que somos nós?
Ferreiros de arsenaes,
A bater, com arte, na bi-
[gorna,
Estrophes de brnoze e
[phrases de crystaes,

enquadra-se perfeitamente ao seu perfil mental.

E' precisamente essa a gloriosa realidade literaria que ambienta a cidade em que fulgiu e se irradiou o creador de "Iracema".

Em sentido opposto ao seu immemore martyrio, sob o dantesco imperativo das seccas, através dos tempos, e "Terra do Sol", de que nos fala o elegante e notave! escriptor Gustavo Barroso, há derramado, paiz a fóra, uma phalange de homens e mulheres de talento.

Disciplino-me á lembrança de um episodio historico.

No Ceará agitára-se intenso movimento literario, após a victoria da campanha abolicionista.

Fundára-se a *Padaria Espiritual*, nucleo de profunda repercussão no seio das *élites* intellectuaes do Nordeste.

Foi desse centro de cultura e accção que surgiram á evidencia das letras nacionaes os gloriosos nomes de Juvenal Galeno e Ciridião Durval.

Alinharam-se á memoravel Academia outros paladinos alliados á causa reaccionaria da renascença literaria brasileira.

Antonio Salles, Idefonso Albano, Rodolpho Teophilo, Mario Bulcão, Quintino Junior João Brígido, Gentil Falcão, Barão de Studart, Corrêa Lima e tantos outros nomes illustres que me não occorrem no momento.

Lembro-me sómente de trez parahybanos que figuraram no flanco aguerrido do estandarte des-

fraldado: Sabino Baptista Rodrigues de Carvalho e João Jayme de Medeiros Paes.

O segundo é ainda uma organização mental em onimoda actividade.

Labôra, como *primus inter pares*, no Instituto Archeologico Pernambucano.

Ao passo que os seus dois illustres companheiros entraram para a es-

tranha vida da immortalidade.

Na mesma arena, por volta de 1922, em home-

(Cont. na pag. seguinte)



*Que dirão
de sua pelle*

AS SUAS AMIGAS?

Para que ellas só possam dizer bem, trate a sua pelle com intelligencia e carinho. Segundo os medicos, o melhor tratamento para a cutis é o uso da agua e de um sabonete puro que, desobstruindo os póros, permita a respiração da epiderme.

O Sabonete Gessy, deliciosamente perfumado, feito de oleos vegetaes seleccionados, é puro e neutro. E' indispensavel para o seu banho diario e, para o rosto. Use-o de manhã, antes de fazer a sua "maquillage", e á noite ao retirar a pintura.

Removendo impurezas, o Sabonete Gessy, de espuma suave e perfumada, vitalizará a sua pelle, tornando-a bella, fresca e saudavel.

GRATIS! DD 34
Se desejar receber "Eva e Venus", conselhos uteis sobre o tratamento da pelle, remetta este coupon á Cia. Gessy, S. A., Caixa, 237, Campinas, com o seu nome e endereço.



UM 1\$500
No Rio e São Paulo

**SABONETE
GESSY**

Producto da Companhia Gessy, S. A.,
fabricantes do Creme Dental Gessy,
contendo leite de magnesia.

PURO COMO A ROSA QUE LHE DÁ A CÔR

nagem ao insigne cantor das "Lendas e Canções", um lindo pugilo de espiritos femininos fundou o "Salão Juvenal Galeno".
 Revive, rebrilhando nesse suave ambiente de tão carinhosa recorda-

ção, como um corajoso desafio á Morte, o nome do immortal cearense.
 Quem, como elle, em seus dias de luta tanto snalteceu a Justiça e a Liberdade, quantas vezes ultrajada, há de viver

(continuação) - LITERATURA DO NORDESTE

sempre, espiritualmente, palpitante, na alma do Ceará.

O "Salão Juvenal Galeno" é um nucleo "rafiné" de envolvente cultura.

Os intellectuaes representativos que têm aportado ás verdes plagas da jandaya e da carnahúba, são atrahidos ao rútillo cenáculo.

E' quando então a palavra castiça e douta de Henriqueta Galena se alça ao mais alto imperio de seu fastigio.

E' que, no augusto ambito, vive, impressionante, nos panejamentos de sua gloria, o vulto de José de Alencar.

Vive e não desaparecerá nunca, conduzindo os seus destinos, o immortal cinzelador do "Guarany".

Há o culto do merito e, por isso, todos "têm ouvidos para ouvir e entender" as lendas emotivas, fundidas no cadinho ultra maravilhoso da imaginação desse genial fundador do romance indigena.

E' nesse ambiente de esthetico encantamento e espiritualidade que gravita o "Salão Juvenal Galeno".

Suas vibrações revestem a alcandorada forma fraternal da alma literaria que se agita, precipuamente, no coração da America latina.

E não lhe tem faltado, no percurso, o influxo de uma vontade firme e forte, em luta aberta contra todos os obstaculos.

E assim é que, após a sentimental interrupção, forçada pela morte de

seu patrono, que vive na glorificação de todos os espiritos, foi reencontrada a sua vida nova.

Coube reatar a continuidade dessa exaltação literaria, depois desse golpe que lhe vibrou o Destino, a senhora Lygia Soares Bulcão de Vasconcellos.

Este nome fortalezen-se faz *pendant* com outros, filigranados em ouro, como o de Rachel de Queiroz.

E, como valor authenticico, talvez não precisasse citar outros, alem dessa gloriosa realidade que traçou magistralmente "O Quinze", retrospecto commovente da calamidade das sêccas.

Mas não me contenho de alludir a outros, filhos da mesma globa, que na sementeira espiritual do Ceará e fóra delle semeiam livros e idéas.

Alguns que cito de relance. João do Norte (Gustavo Barroso), Antonio Salles, Martins Capistrano, Elcias Lopes, Catulo Cearense, Sá Leitão Junior, Leonardo Mota, Gilberto Camara e Renato Vianna — este o maior dramaturgo do Brasil moderno, vedetas da literatura Todos de fama profundamente arraigada no espirito colectivo das classes familiarizadas com o livreiro e a bibliotheca.

A Palestra Literaria de Sylvia Bulcão, da qual tenho um exemplar que me foi offerecido pelo meu culto coestadano, dr. Salviano Leite, está anticipada de um pugilo de finas phrases de lavor

MISERICORDIA, SENHOR,
 MISERICORDIA!...

*Protegei-me, Senhor, nesta jornada
 Com vosso manto de fulgor divino.
 Aclarae, por momentos, minha estrada,
 Que me faltam, Senhor, a força e o tino.*

*Esta capa que trago, esfarrapada,
 Symboliza tambem o meu destino:
 —Eu sempre fui ovelha desgarrada,
 E nunca vos ouvi, meu bom Rabbino.*

*Peccador contumaz eu me confesso,
 E arrependido é que chorando peço
 Que me livreis, Senhor, da tentação.*

*Dae-me a cruz, dae-me os cravos, a corôa,
 Que minh'alma, afinal, tudo perdôa
 Só pelas glorias da resurreição!*

HORACIO MENDES

A CUTIS REPRESENTA UM THESOURO PARA A MULHER. CONVEN DEFENDE-LA COM ZÉLO



NA ESCOLHA DE UM PRODUCTO PARA A CUTIS É DE SUMIMA IMPORTANCIA - VERIFICAR A IDONEIDADE PROFISSIONAL DO FABRICANTE OU OUVIR A OPINIAO DE UM MEDICO ESPECIALISTA (CONS. UTES)



LIMPA, ALVEJA E ANACIA A PELLE REMOVE AS IMPERFEIÇÕES DA CUTIS INDISPENSAVEL AO TOILETTE FEMININO



— Não enthusiasma uma paisagem como esta, Ernesto? — Como quer que me enthusiasme, si aqui conheci minha mulher?...

LITERATURA DO NORDESTE - (conclusão)

da doutora Henriqueta Galeno.

Uma justa apologia ao talento de Sylvia Bulcão, com uma ode de saudades ao inolvidável autor das "Lendas".

E, após, desenvolve-se o estudo á poetisa Juana de Ibarbourou.

A palestra envolve accents de exaggerada modestia.

Ao inicio, a autora revela claramente a sua admiração pela musa plástica e vibrátil de "Implacable", admiração que confessa "desejar ver alargada num vasto círculo", como justiça ao mérito da subtil cantora uruguaya.

Frisa que Fernan Valdez a confundiu com arvore, aves, ninhos. E que, mais, com "justeza a chamou — *Arbol que canta, pajarito hembra*". Porque, com taes, "cantou numa floração exuberante de flôres palpitan-tes e canôras".

Mas, gizando uma tangente comparativa entre os poemas de Juana de Ibarbourou e os do autor de "Agua del tiempo", conclúe existir alguma similitude na arte de ambos.

Si o fetichismo é Nateza é o sentimento que inspira os dois vates uruguayos, a distinguida belletrista tem razão.

E de tal guisa peço venia para incorporar ao rebrilhante duo o nome de Santos Chocano, formando, assim, uma fulgida trindade de lyricos pantheistas do paiz irmão.

Correspondendo a no- bre desejo, friso que os

poemas envolvidos nas lindas columnas das palestras são algo desconcertantes.

Recapitulo assim sua arguta opinião: em "El Dulce Milagro", há a submissão dádívosa, a graça pagã, a algeria infantil e ruidosa.

Em "La Hora", o sentido da angústia dos dias que passam, destruindo a sua formosura.

Em "Lamentacion", a queixa dolorida de uma paixão persistente, cujos liames envolvem, contra sua vontade, o desespero de um amor perdido...

Em "Lo que soy para tí", humildade em se tornar a posse do homem escolhido, em completo contraste com "Implacable", do onde resalta o mais soberano desdem, o mais profundo desprezo áquelle que a faz amar- gar com a enfática arrogancia de sua indifferença...

Lygia Bulcão, ao epílogo, fez notar certa afinidade que há entre a poetisa brasileira Francisca Julia e a senhora de Ibarbourou.

Vale mesmo terminar esta chronica com os seus conceitos.

"A poetisa dos "Marmores Partidos", Francisca Julia, temendo com razão os exaggeros sentimentaes, foi talvez demasiado máscula, e, se os seus versos senhoris sobrepõem os de Ibarbourou, em bravura, técnica e requintes de forma e rima, aquella lhe é superior pela vibratibilidade, porque soube ser, sera pieguismo, orgulhosa e

encantadoramente femi- nina".

Não devo proseguir. No quero subtrahir ao gosto de quem me lê o prazer de sentir mais tempo o topico da palestra.

Mesmo porque, si não fôra o imperio do Tabú,

que me fez expender este julzo, eu aqui não estaria.

Porque, em summa, que sei eu de literatura, para dizer de taes poetisas?

João Pessoa, Parahyba.

SIMÃO PATRÍCIO

"LA DONA É MOBILE"

*Esquece, coração, de vez, esta mulher...
Ella te faz soffrer? Inda melhor, portanto...
— Tu bem sabes que o amor é como o malmequer,
que se deve esfolhar por entre um beijo e um
[canto...]*

*A vida por ahí anda cheia de encanto
e cheia de mulher... Procura outra qualquer
que te queira offerlar o que ella não te quer:
— prazer, em vez de dôr; sorriso, em vez de
[pranto...]*

*"Souvent femme varie"... Que mais verdade
[queres?
Procura sempre ler "Ibis" de Vargas Vila,
depois tu saberás o que são as mulheres...]*

*Desfolha, num sorriso, as tuas illusões
— que as mulheres, verás na tua dôr tranquilla,
não valem uma só das tuas pulsações...*

STENIO DE SÁ



BOM DANÇARINO — O tio. — Não conheço muito bem estas danças de hoje, Lili.

A sobrinha. — Pois eu acho que danças muito bem, tio. Todos os outros me pisam os pés...

ROUGE

ROYAL BRIAR

Alinda a mulher

Notas de ARTE

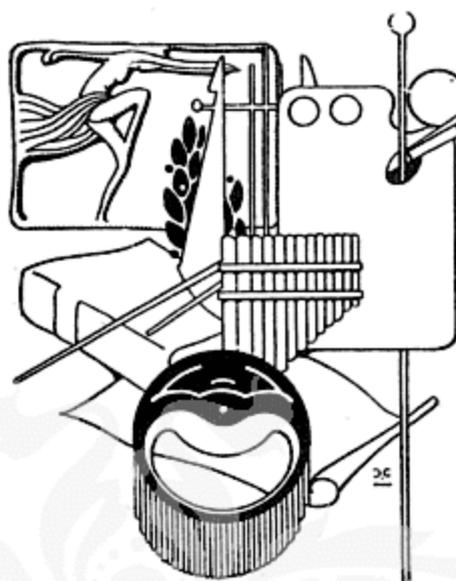
ALICINHA RICARDO. — Realizou a Associação Brasileira de Musica, martedia 3^a.f., 10 de abril, ás 21 h., no Salão Leopoldo Miguez do Instituto Nacional de Musica, o seu 1^o concerto deste anno e o 44^o da série, com o recital de canto da sra. Alicinha Ricardo Mayerhofer, que é a tantas vezes applaudida cantora brasileira — Alicinha Ricardo.

Consagrado a homenagear o celebre melodista francez Henri Duparc, foi todo o recital constituido das seguintes obras desse compositor, fallecido, há pouco, na idade avançada de 17 lustros: I—*L'Invitation au voyage* (poesia de Baudelaire); *Sérenade florentine* (p. de Jean Lahor); *La vague et la cloche* (p. de François Coppée); *Extase* (p. de Jean Lahor); *Phidylé* (p. de Leconte de Lisle); *Le manoir de Rosemunde* (p. de Robert deBonnières); — II — *Lamento* (p. de Théophile Gautier); *Testament* (p. de Armand Silvestre); *Chanson triste* (p. de Jean Lahor); *Élégie* (traduction en prose d'une poésie de Thomas Moore); *Soupir* (p. de Sully Prudhomme); *La vie antérieure* (p. de Baudelaire).

Na interpretação lito-musical do bello cançãoeiro, a illustre artista patricia revelou o cuidado, o apuramento com que estuda os autores procurando dar á expressão musical o sentido literal dos poemas. Sob esse aspecto, senão excepcionaes, foram muito apreciaveis quase tidas as impressões recebidas. Não assim quanto á voz. Pareceu-nos que no intervalo decorrido da penultima á ultima audição, de 2 de junho de 1932, no T. M., a 10 de abril de 1934, no I. N. M., a cantora adquiriu e perdeu qualidades vocaes. Tornou-se-lhe a voz mais volumosa, mais grave, e ao mesmo tempo menos doce, menos emotiva. Creemos entretanto se trate de um estado passageiro, determinado por factores occasionaes, de sorte que breve ouviremos a distincta artista manifestar com a nova extensão, com o novo volume da sua voz, a mesma belleza de timbre que assignalámos em audições anteriores.

Essa restricção, que aliás pode ser injusta e resultar apenas do nosso imperfeito modo de sentir, só a fazemos para ser fiel ao programma que nos impuzemos de extenar sempre francamente as nossas impressões.

E' com essa mesma franqueza que destacamos sem favor como



das melhores interpretações do recital, *Chanson triste*, *Soupir* e, melhor que todas, *La vague et la cloche*, a que a artista deu especial relevo vivendo com emoção muito communicativa todo o sonho dramático dos versos de Coppée, toda a belleza melódica da musica de Duparc.

Louvando a cantora, não se deve



Alicinha Ricardo Mayerhofer a joven e festejada cantora brasileira, va realizar na proxima terça-feira, 24 do corrente, ás 21 horas, mais um recital para a nossa sociedade, dedicando-o ao canto francez através dos seculos. Será um novo successo e um novo triumpho para a arte e para a gloria da nossa talentosa patricia, que se apresentará á «élite» carioca no Instituto Nacional de Musica (Salão Leopoldo Miguez).

esquecer a pianista, que, acompanhando a recitalista, com especial mestria, muito contribuiu para o exito do recital. Ruth Mayerhofer partilhou com justiça dos applausos que recebeu Alicinha Ricardo.

A proposito do programma occorrem-nos duas observações. A primeira é que na melodia de Duparc *L'invitation au voyage*, falta esta estrophe, a 2^a da poesia homonyma de Baudelaire:

*Des meubles luisants,
Polis par les ans,
Décoreraient notre chambre;
Les plus rares fleurs
Mêlant leurs odeurs
Aux vagues senteurs de l'ambre,
Les riches plafonds,
Les miroirs profonds,
La splendeur orientale,
Tout y parlerait
A l'ame en secret
Sa douce langue natale.*

*Là, tout n'est qu'ordre et beauté,
Luxe, calme et volupté.*

A segunda observação é que a mesma poesia do estranho poeta das *Flores do Mal*, existe integralmente musicada por Pascal d'Aix compatriota e contemporaneo de Henri Duparc, e foi ouvida pela 1^a vez em Paris a 24 de janeiro do anno passado nos "Concertos Georges de Lausnay".

Antes de concluir esta nota, applaudamos e desejemos sempre se repita o modo de organização de programmas, adoptado no concerto de Alicinha Ricardo pela A. B. M. Em vez de limitar-se o recitalista, como é commum, a indicar no programma apenas o nome e o autor musical das peças, convem mencionar tambem, como se fez no recital da distincta cantora, o nome do poeta, e reproduzir toda a letra do poema. Rende-se assim homenagem a ambos os poetas, o da palavra e o da nota, e do verbo e o da solfa, e tornam-se os ouvintes mais aptos a gazarem e julgarem as audições.

INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA. — Celebrando o Dia Pan-Americano, effectuou-se na tarde de 14 de abril, no I. N. M., além de uma sessão solenne, onde discursaram o ministro do Exterior, embaixador Felix Cavalari de Lacerda e o prof. dr. João Marques dos Reis, um concerto symphonico com a orchestra daquelle Instituto, sob a regencia de Nicó

Milano. Concerto excepcional, pela excepcionalidade da regencia.

Até então, e desde muito, sabiamos e admiravamos em Nicolino Milano um dos grandes senão o maior violinista do Brasil e que se reconheceu com dos maiores do mesmo tempo, se a sua fama mundial correspondesse a toda a extensão do seu merito. Mas não sabiamos que o mestre do arco era também mestre da batuta. Não sabiamos que, regendo, elle era capaz de fazer da orchestra um só instrumento que elle tocava com a mesma magistralidade com que toca o seu magico violino. E foi isso a que assistimos no vesperal do I. N. M. através de bellos trechos de musica brasileira, da verdadeira musica brasileira e não da musicaria afro-indigena, que pretende os fóros de arte nacional e é a caricatura scnora da brasilidade, a qual — não cessamos de dizer — não é, nem pode ser africana nem selvagem, mas iberica, occidental, apenas levemente mesclada de elementos indo-negreiros. Foi isso que applaudimos com enthusaismo ouvindo e ouvindo regidos por Nicolino Milano — *Prelude* da "Suite", de Henrique Oswald; *Air de Ballet* e *Marionnettes*, de Francisco Braga; *Berceuse*, de Barroso Neto; *Scherzetto Fantastico*, de Leo-

NOTAS DE ARTE

poldo Miguez; *Elegia*, de Agnello França; *Serenata*, de Alberto Nepomuceno; *Symphonia* da op. "Salvador Rosa", de Carlos Gomes.

Dir-se-á agora, mas não foi Nicolino foi a orchestra do I. que executou todas as peças magistralmente executadas. E' verdade. Da-hi participar ella também dos louvores, dos applausos entusiasticos com que brindamos, com que todo o auditorio brindou, o admiravel regente. Mas, para ser franco e bem verdadeiro, é preciso reconhecer, que essa mesma orchestra só attingiu á grandeza a que attingiu, pela regencia excepcional de Nicolino. Por isso é que concentramos nelle toda a nossa entusiastica admiração.

Quizeramos destacar este ou aquelle numero mas impossível: todos foram, pelo menos nos pareceram, impecaveis. A distincção a fazer é só a que provem do gosto de cada ouvinte em relação ao genero de cada composição. Afigurou-se-nos que todo o concerto era constituído por uma só peça com tempos e movimentos diversos, mas todos ligadas pela unidade da magistral regencia. Aberto e fe-

chado por dois premetos epicos, o *Preludio*, de H. Osvaldo e a *Symphonia* de C. Gomes, desenvolveu-se em estrophes lyricas de penetrante e voluptuosa emoção com *Air de Ballet* e *Serenata*, de suave e embaladora poesia com *Berceuse* e *Elegia*, e de comica ou dramatica belleza com *Marionnettes* e *Scherzetto Fantastico*. O regente fez do concerto um poema em 8 cantos.

Solista na *Air de Ballet*, merece destacado louvor o *spalla* da orchestra, srta. Yolanda Peixoto.

A regencia de Nicolino Milano pareceu-nos pairar em plano a que só attingem grandes regentes. Superiores, só nos lembramos de Marinuzzi e Weigartner. De sorte que ahí está um nome a juntar a outros e dominando todos, para figurar como regente brasileiro de grandes Companhias Lyricas. Ade mais, não esqueçamos que Nicolino Milano já exerceu a grande função em Lisboa, regendo, entre outras a *Tosca* de Puccini e o *Othello*, de Verdi. Não é de admirar, nada tem de extraordinario, que em sua patria seja escolhido para igual mister. Esperamos vê-lo breve entre os regentes de Companhias Lyricas do Theatro Municipal.

OSCAR D'ALVA

OS PRODUCTOS "GALLY" AGRADAM PELA SUA SUPERIOR QUALIDADE PELO SEU PERFUME SUAVE E DELICIOSO PELA ELEGANCIA E LUXO DE SUA APRESENTACAO

PO. DE ARROZ
SABONETE DE LUXO
AGUA DE COLONIA
AGUA DE LAVAR
ESMAITE PARA UNHAS
BATO. EXTRACTO
BRILHANTINA CONCRETA
ROUGE PARA FACES

ORYGAM
de
GALLY

INVERNO

PULL-OVERS - SWEATERS

VENCEDOR

MARCA REGISTRADA

Os mais elegantes
modelos com acabamento
americano (*Elastico*)



Enconfram-se
nas
principaes
casas

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1934

"La Bonne Chanson"

SÓ, tão só, como estou, neste domingo claro e festivo, cheio de azul e de beleza, evoco e recordo...

Lá, longe, *dans le fond de la vallée parfumée*, um vulto pequenino de mulher parece acenar-me, com a carícia de seus olhos cheios de ternura, que me convidam para a paz sentimental e bucólica de um amor florindo *au grand air*, em plena natureza.

Commo-me, nem sei bem porque, e evoco e recordo...

E a meus ouvidos, parece chegar, pouco a pouco, de manso e de manso, uma dessas canções sem palavras que, partidas do mais íntimo do coração da gente, realizam o silencioso milagre de uma exaltação de enternecimento.

Asalta-me, de subito, uma inquietação de saudade. Saudade? Saudade, por que? Saudade, de quem?

L'heure bleue... Ah! sim... A hora azul... A doce, a suave hora cor de céu, em que eu esperava alguém. Alguém que vinha encher a minha solidão de alegria e de consolação...

Ser poeta... Se eu fosse poeta?... Mas, se ha, se sinto cantar, dentro de mim, uma silenciosa canção sem palavras?

Os meus poetas predilectos? Por que não os ler, por que não sonhar, um pouco, com elles, neste domingo azul, em que me sinto tão só?

Pego, ao acaso, na minha bibliotheca, um volume de poemas.

Verlaine... Por que Verlaine e não outro, mais moderno, mais de accordo com o espirito do seculo? Por que Verlaine, esse grande e infeliz espirito, tão torturado pelo anseio da perfeição, e que sempre foi tão imperfeito?

"La Bonne Chanson"... Os poemas admiraveis de pureza, de "La Bonne Chanson"...

Quinze longs jours encore et plus de six
[semaines]

Dejât

On s'écrir, on se dit comme on s'aime, on
[a soin]

D'évoquer, chaque jour, la voix, les yeux, le
[geste]

De l'être en qui l'on mit son bonheur, et
[l'on reste]

Des heures à causer tout seul avec l'absent...

A doce, a suave paz do nosso "sweet home", agora abandonado.

*Le foyer, la lucer étroite de la lampe,
La rêverie avec les doigts contre la temp.
Et les yeux se perdant parmi les yeux aimés;
L'heure du thé fumant et des livres fermés;
La douceur de sentir la fin de la soirée;
La fatigue charmante et l'attente adorée
De l'ombre nuptiale et de la douce nuit:
Oh! tout cela mon rêve attendri le poursuit
Sans relâche, à travers toutes remises vaines,
Impatient des mois, furieux des semaines!*

Mas, tu voltarás, *n'est-ce pas?*

E, então.

N'est-ce pas? en dépit des sots et des mé-
[chants]

*Qui ne manqueront pas d'envier notre joie,
Nous serons fiers parfois et toujours indul-*
[gents].

N'est-ce pas? nous irons, guis et lents, dans
[la voie]

Modeste que nous montre, en souriant, l'Es-
[poir].

Peu soucieux qu'on nous ignore ou qu'on
[nous voie].

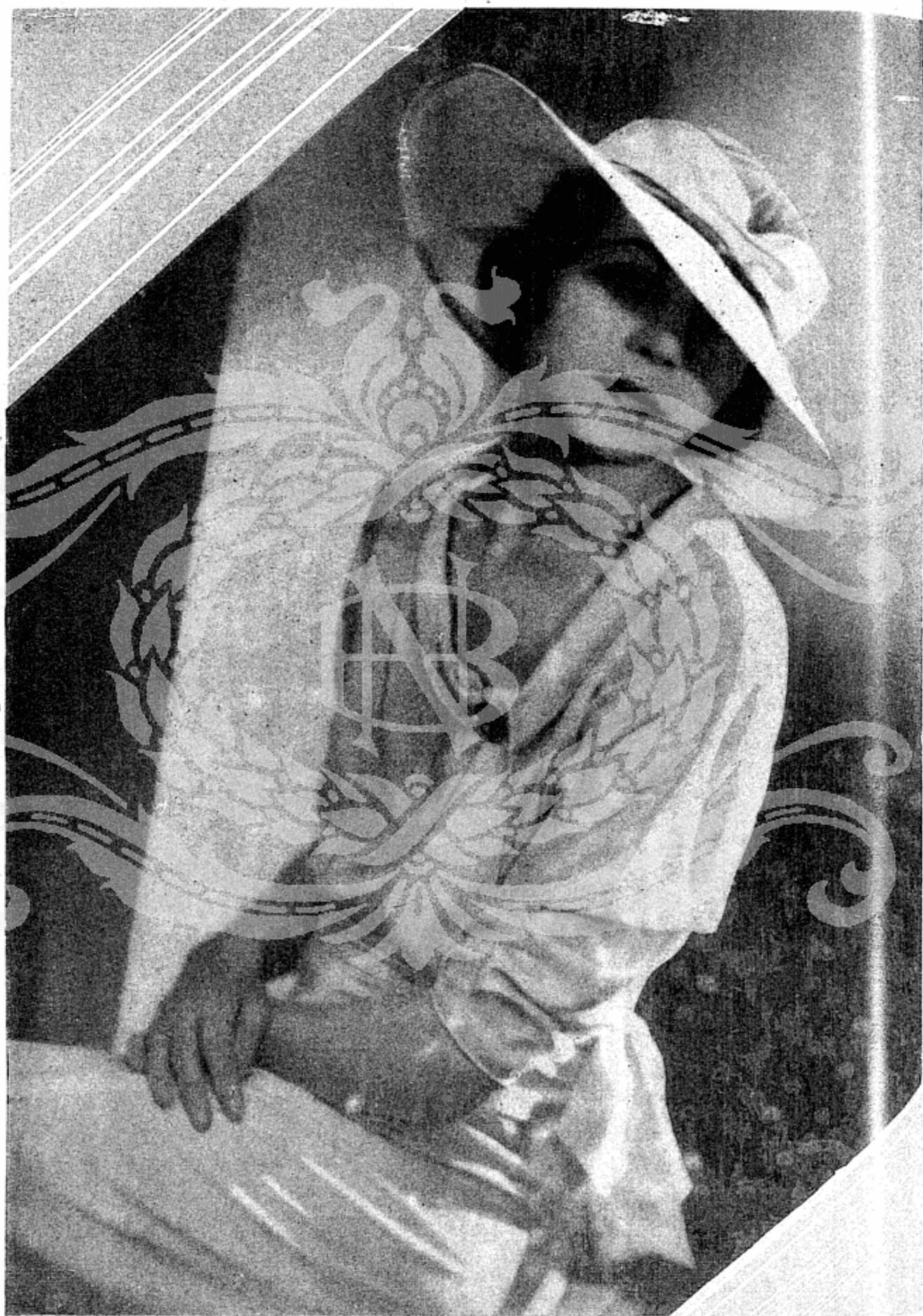
*Isolés dans l'amour ainsi qu'en un bois noir
Nas deux cœurs, exhalant leur tendresse*
[paisible].

Seront deux rossignols qui chantent dans le
[soir].

Recordo. Evoco. Saudade. E a saudade é bem a alma das immensas distancias, como o disse João Ribeiro...

Terás, porventura, comprehendido *cette bonne chanson*, a canção, toda rythmo de coração, de meu proprio coração?...

Elcias Lopes



A MULHER CHIC Panama de papier rose beige. Calotte de velours de tons pastel rose et bleu.
CREAÇÕES JEAN PATOU (Photo especial para FONDON).



ROSA de VELLUDO

POEMA PARA UNS OLHOS PEQUENINOS...

SEUS olhos tristes são a fascinação da minha vida. Gosto de vê-los penetrando nos meus como a luz inquietada de uma chama sentimental. Gosto de vê-los indiferentes a outros olhos curiosos que, perto de nós, procuram, inutilmente, devassar o segredo harmonioso dos nossos corações. Gosto de vê-los quando você, bem junto de mim, não pôde falar do grande poema de amor que nasceu do encontro tardio das nossas afinidades. Gosto de vê-los sempre, nas horas de melancolia ou de prazer, nas horas de decepção ou de desejo em que rola, amargamente, a vida de duas almas que não tiveram tempo de ser felizes... Nelles eu vejo toda a ternura que ilumina a sua sensibilidade e o seu coração. E sinto, bebendo-lhes a serena e doce poesia, o que deve sentir um homem desiludido que encontrou, afinal, o seu destino.

Que força infinita têm os seus olhos para quem, um dia, descobriu nelles um pouco de esperança e um pouco de amor!... A força espiritual da doçura...

Pequeninos, mansos e desolados, seus olhos côm de felicidade derramam, sempre, nos meus olhos e na minha alma, a carícia envolvente de uma ilusão perenne. Uma ilusão que é esperança e é ventura, que é promessa e amor, que é sentimento e emoção ao mesmo tempo. Uma ilusão que doira e perfuma a minha vida interior, tão integrada na sua vida subjectiva e tão identificada com o seu espirito insatisfeito de mulher emotiva e sonhadora. Uma ilusão que ilumina a realidade do meu sofrimento, offerecendo-me o impossível da felicidade.

Tudo o que você, meu grande amor, não me pôde ou não me quer dizer de viva voz, eu leio nos seus olhos, eu surpreendo nos seus olhos, eu adivinho nos seus olhos serenos e bellos, quando elles palpitam dentro dos meus, voluptuosamente... Nesses instantes de mutua contemplação interior — eu e você conversando pelos olhos — quanta coisa linda nos dizemos um ao outro, em confidencias subteis de almas irmãs, que se compreendem e se querem!

Eu sei interpretar o idioma silencioso que elles falam. Por isso mesmo, sinto as suas alegrias e as suas angústias, soffrendo as mesmas inquietações e os mesmos anseios que você sofre, toda vez que esses olhos lyricos vertem nos meus pobres olhos profanos a divina luz da esperança...

Seus olhos são a fascinação da minha vida. Seus olhos são o meu destino e a minha esperança. Seus olhos são o meu amor impossível... O amor que você me promete, luminosamente, quando me pôde dizer eloquente, com os olhos pequeninos: "Gosto muito de você!"...

Mauro de Alencar

MARCELO ROBERTO



Alto-Falante

SER FELIZ...

— VOCÊ, meu amigo, é de um optimismo — perdôe-me — quasi morbido, deante da vida...

— Não, minha querida amiga, engana-se. Sou, apenas, um homem que vive das suas próprias ilusões. Um homem feliz, portanto...

— Feliz? Feliz, por quê?

— Por que? Porque ainda sei iludir-me a mim próprio.

— Uma blague, não é?

— Não. Uma convicção.

— Fora da vida...

— Ao contrario: feita e firmada dentro da propria vida.

— Alimentada, alicerçada fora da realidade da propria vida, a não ser que...

— Que eu seja um louco, é o que queria dizer...

— Um louco, propriamente, não: um sonhador.

— E quem é que, na vida, não é uma expressão de seus proprios sonhos?

— Eu!

— Você?

— Sim. Eu, que não vivo dos sonhos que sonho. Eu, que sempre encontrei em todo anseio de felicidade um motivo de inquietação e de sofrimento. Por que?...

— Porque, minha querida amiga, você nunca comprehendeu a felicidade. E, até agora, tem procurado viver fora e não dentro da unica realidade da felicidade...

— Não o comprehendo, não. A felicidade, cmfim, é simples sonho ou existe realmente?

— Por que não?

— Em pilheria, por blague, não é?

— Não. De verdade!

felicidade. Da tua cara eu que nos faz viver o seu anseio...

— E' que você, minha cara amiga, ainda não comprehendeu a felicidade.

— Não a comprehendeu, eu que, ha tantos annos, u venho perseguindo, em que sinto que tenho qualidades e condições para ser feliz... muito feliz!

— Sim, tem-nas, realmente. Mas não soube comprehendere a felicidade de que, tantas vezes, já tem passado por suas mãos.

— Inquietando-me, fazendo-me soffrer!

— Precisamente desse estado de inquietação, que você não comprehendeu, é que dependia a sua felicidade...

— Ora! você está brincando.

— Não. Falo-lhe seriamente.

— Queria, então, que renunciasse a tudo?

— Não. Que tivesse assegurado a sua felicidade.

— Como, se ella é sempre um motivo de inquietação?

— Dominando esse estado de inquietação...

— Por que?

— Porque, como disse Maeterlinck, être heurreux, c'est avoir passé l'inquietation du bonheur...

— Talvez tenha razão. Quem o sabe?...

— Eu, que nunca fui feliz...



Anísio Teixeira é um dos nomes mais representativos da nova geração de publicistas brasileiros. Inteligencia fulgurante, cultura aprimorada, fecunda e incessante actividade mental, todas as virtudes de um grande espirito exornam a personalidade do joven escriptor. Sua obra mais recente é um estudo magistral, uma critica percuciente e profunda da civilização americana. «Em marcha para a democracia. A' margem dos Estados Unidos» é obra de vigoroso ensaista e sociólogo. A critica nacional tem ahí nesse livro de palpitante actualidade uma opulenta seara de idéas. O espirito do livro é verdadeiramente aphorístico, pela condensação do pensamento, que cada pagina documenta com raro fulgor. Inumeros serão os louvores, que Anísio Teixeira irá receber pela sua notavel contribuição sociologica ao estudo complexo da poderosa e dinamica civilização americana.



— Existe...

— Existe? E, por que você não é, então, feliz?

— Mas, eu o sou.

— Você, feliz?

— De verdade? Então,

me ensine, tambem a mim, a ser feliz. Porque,

até hoje, tenho visido apenas da inquietação da



O DIA DAS AMERICAS

O «Dia Pan-Americano», que a União Pan-Americana instituiu em 1930 e vem sendo, desde então, comemorado, com solenidade, em todo o continente, foi, este ano, brilhantemente festejado nesta capital, onde se realizaram varias ceremonias para exaltar a expressão da grande data da paz americana. Entre essas ceremonias, se destacou a festa cívico-artística promovida pela instituição «Paz pela Escola», no Instituto Nacional de Musica, sob a presidencia do ministro das Relações Exteriores, embaixador Felix Cavalcanti de Lacerda, que falou sobre o pan-americanismo, salientando a significação do patriótico movimento em pró da harmonia continental. Também o prof. João Marques dos Reis fez um discurso allusivo á comemoração. Seguiu-se á solennidade inicial o concerto symphonico de musica brasileira pela orchestra do Instituto. Fixa a nossa pagina aspectos da festa do Instituto Nacional de Musica.





O Rotary Club do Rio de Janeiro comemorou o «Dia Pan Americano» durante o seu almoço semanal realizado na sexta-feira, 13 do corrente, e para o qual convidou o ministro das Relações Exteriores e todos os chefes de missões diplomaticas americanas junto ao governo brasileiro. Os principais oradores da reunião foram o rotariano dr. Edmundo de Miranda Jordão, presidente da Comissão de Serviços Internacionais, e o embaixador Alfonso Reyes, do Mexico, que falou em nome dos diplomatas presentes.

PROSCRIPÇÃO E AMNISTIA

De que serve proscriver?

Para que a proscricção seja efficaz, é preciso que seja eterna; é preciso que o proscripto se torne como a arvore ferida pelo raio, que jamais reverdece. Ora, o estado de nossos costumes não permite mais essa

inflexibilidade. Cedo ou tarde quem proscreeva amnistia. E entretanto amnistiar um adversario declarado é um acto de capital imprudencia. O odio longe de extinguir-se pela clemencia, aumenta. O inimigo fica odiando duplamente: pela proscricção que o fulminou e pela amnistia que o humilhou.

EMILE OLIVIER



Tambem a Federação Brasileira pelo Progreso Feminino festejou o dia das Americas, promovendo com esse fim um almoço de confraternização, que se realizou no restaurante da Casa do Estudante do Brasil, e do qual o «cliché» acima focaliza um aspecto.



OS systemas philosophicos que, depois do israelita Spinoza, se fóram desenvolvendo e espalhando no mundo occidental até o seculo XIX tiveram todos um fundo materialista, mesmo quando se apre-goavam idealistas, e apresentaram sempre os mais accentuados caracteristicos analyticos. Elles analysaram o universo, o nosso planeta, o homem e a physionomia interior do homem. Nessa critica continuada, tudo foram despindo, descobrindo, descarnando até que deixaram o individuo inteiramente isolado e enfraquecido no ambiente da vida.

Projectando-se nas manifestações da literatura, sobretudo na poesia, essas philosophias geraram o scepticismo, o pessimismo, o saudozismo, o penumbriismo e outras formas de tristeza e de decadencia. Assistimos ao espectáculo das carpideiras lite-

rias. Todas achavam que era tempo de morrer, que só o passado fóra grande, fóra bello, que nada mais funesto do que o nascimento. Depois seguiram-se os cultores do que se chama ironia e que não passou de desdem da vida.

A Grande Guerra encerrou em sangue esse periodo de desfibramento. E, se nella houve heróes e mártires, é que se não haviam perdido de todo, nas camadas do povo, as virtudes ancestraes. Ella abriu a tiros de canhão uma era nova, e este seculo, para as gerações que despontam, é um seculo de luta, mas de optimismo, de fé na victoria.

Procedendo a um inquerito entre as mais altas figuras da vida social e cultural brasileira sobre se vale a pena viver, nós esperamos que as respostas dêem bem a medida do sentimento actual a esse respeito.

A RESPOSTA DE MARTINS CAPISTRANO

QUANDO eu me lembro das minhas horas amargas e dos meus sonhos impossiveis, e penso na doçura da esperança, que me acompanha, sempre, no mundo, com uma sombra da minha propria inquietação interior, acho que vale a pena viver.

Minha vida tem sido um permanente desejo de ser feliz. Entretanto, não sei bem o que é a felicidade. Ter dinheiro, para conhecer a volupia burgueza do conforto? Viajar? Beber sensações novas em terras estranhas? Gozar a tranquillidade prosaica de uma existencia igual, sem grandes emoções e sem grandes desgostos? Amar e ser amado? Possuir um coração que nos queira? Ser dono de alguma coisa imponderavel e subtil como a sensibilidade?

Nada disso, talvez. Ou, talvez, tudo isso. Não sei. A felicidade parece que é, apenas, esse desejo.

O desejo que a gente tem de ser feliz...

Como no verso lyrico de Olegario Marianna.

Porque não ha ninguem que se considere integralmente feliz. Não ha ninguem que se julgue satisfeito com o seu destino. Sempre falta qualquer complemento para se chegar a essa perfeição que não existe. Falta o dinheiro a quem ama. Falta o amor a quem tem dinheiro.

A insatisfação instinctiva e constante do homem não lhe permite a serena indifferença pela ventura dos outros. Ha sempre uma ambição occulta, ha sempre uma occulta revolta na sua alma. De maneira que, em cada individuo, arde a chamma de um desejo incantado.

Eu não me julgo infeliz. Tenho tudo o que posso ter. Até, ás vezes, o impossivel... Entretanto, vivo na mesma insatisfação em que se debate, guardadas as differenças de condição e temperamento, o resto da humanidade. Da humanidade insatisfeita.

Mas tambem não posso dizer que sou feliz. A felicidade não existe.

Por isso mesmo é que vale a pena viver...

Martins Capistrano

No proximo numero, virá a resposta do poeta e romancista Bastos Portela.



A Casa do Estudante do Brasil e a União Universitaria Feminina ofereceram as jovens «calouras» de 1934 das escolas da Universidade do Rio de Janeiro um chá de cordialidade, que se realizou quinta-feira penúltima, na sede da primeira dessas instituições. Foi oradora oficial do ágape a dra. Elza Pinto, directora da U. U. F.

O ANIVERSARIO DE "FON-FON"

Registamos sensibilizados as felicitações que, por motivo do 27º aniversário de FON-FON, nos trou-

xeram em visitas pessoas a esta redacção, ou nos chegaram em cartas, cartões e telegrammas endereçados a esta revista.

O numero elevado dessas felicitações nos impede que cite-mos nominalmente as pessoas e instituições que gentilmente nos distinguiram na data anniversario de FON-FON.



Promovido pelo «Círculo das Doze», e em benefício da sede propria da Tattwa Nirmanakaia, realizou-se na sede actual desta sociedade scientifica de estudos super-mentalistas um chá, que reuniu os mais representativos elementos femininos daquelle centro intellectual.

NA CASA DO ESTUDANTE

CARTAS DE AMOR...

UM concurso genuinamente francez foi esse de que sahia victoriosa uma parisiense sentimental: madame Marcelle Maurette. Consistia o concurso em apresentar a mais bella e a mais doce carta de amor. A autora da pequenina obra-prima, seleccionada entre alguns milhares de cartas daquelle genero, ganhou o primeiro lugar com uma pagina aparentemente simples. E' que, nas epistolas amorosas, a arte de commover está na maior simplicidade possivel. O sentimento verdadeiro é o amigo de artificios. Flue como um manancial.

Madame Marcelle Maurette, a esta hora, será considerada, talvez, uma epistolographa notavel. Entretanto, tenho para mim que ella recolheu de algum escripto querido uma carta authentica de amor, escripta sem a preocupação de publicidade e na qual a sua linguagem foi a mesma do coração...

Estylo literario intencional não se pode ter em casos dessa natureza. O amor é que tem o seu estylo proprio e dá ás palavras a sua expressão de belleza.

"O jardim te espera... E todo o céu... E Maria... E Top... E eu... Aborreço-me. Chego a ter febre... Amo-te! Toma a minha bocca. Tenho medo e sinto um ardor dentro de mim, como na primeira vez. Escreve-me immediatamente... Não demores... Adoro-te"...

Na outra columna, transcrevo no original a carta de Marcelle. Quantas Marcelles não já terão dito: "Que c'est difficile de t'écrire!"

LUCIANO

A União Universitaria Feminina e a Casa do Estudante prestaram uma encantadora homenagem ás "calouras" da Universidade do Rio de Janeiro.

Essa homenagem consistiu num chá, que foi muito concorrido, renando durante o mesmo um adoravel espirito de pura e irresistivel feminidade.

As "calouras" universitarias de 1934 bem mereceram essa manifestação de sympathia, que o sexo fello costuma tambem prestar aos seus elementos, em occasiões congratulatorias, se bem que muito desgracioso e monotonoo...

* * *

A relação das homenageantes e dos homenageados é bem longa. Contudo, registrei os seguintes nomes: a doutora Elza Pinho, engenheira civil; a doutora Anna Rydh, universitaria suissa e cientista; a poetisa Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça; a doutora Rachel Crotman; a senhora Renée Rocque; a senhora Sylvia Vaccani; a senhora Clotilde Cavalcanti; a senhora Ramalho Novo; a senhora Iracy Ferreira; a senhora Déa Paranhos e as "calcuras" Maria Pontes de Miranda, Lucania Martha de Aguiar, Marianna Brito Rodrigues, Alice Vera Gallotti, Erotides Arruda, Norma Aragão e Carmen Moura.

* * *

A reunião, apesar de ser de feministas, foi elegantissima.

* * *

"EDITORA RAVARO"

POR iniciativa da escriptora Rachel Prado, acaba de ser inaugurada a "Editora Ravaro", destinada, principalmente, a divulgar obras de interesse educativo.

A cerimonia da inauguração da nova empresa, a cuja frente se acha o espirito corajoso daquella conhecida escriptora, teve numerosa concurrencia. O dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, pronunciou uma oração de louvor á bella iniciativa, tendo tambem o dr. Gustavo Armbrust, presidente da Cruzada Nacional de Educação, se congratulado com a senhora Rachel Prado pelo acontecimento em apreço. Dentre os presentes, contavam-se o senhor e a senhora Pontes de Miranda, senhora Alice Estretram, Didi Reis Garção, senhora Ida Escobar, senhora Julieta Martins, senhora Rachel Crotman e as senhoritas Maria do Carmo Vieira, Zelia Machado Zizinha Reis, etc.

ESTAÇÃO MUSICAL

A alta sociedade carioca está de parabens com a auspiciosa noticia de que na presente temporada musical e m que o anno de 1934 vai celebrar as melhores audições artisticas, o festejado e brilhantissimo pianista professor J. Octaviano realizará uma serie de importantes concertos. Maestro próximo interprete talentosissimo e pessoal, J. Octaviano tem uma nomeada que se segura á simples noticia de seus concertos uma ansiosa e profunda expectativa. O primeiro concerto da serie de 1934 de J. Octaviano se effectuará no Salão Leopoldo Miguez, no Instituto Nacional de Musica, de que é professor de piano e um de seus mais fulgurantes elementos.

Como compositor, J. Octaviano projecta fazer ao publico carioca a apresentação de obras novas, nas quaes a sua alta e vigorosa inspiração se manifesta em primeira

novos e marcados de talento. No Salão Essenerfeld, a convite do Movimento Artístico Brasileiro, o grande pianista dará dois concertos.

E', como se vê, uma noticia de excepcional vibração no nosso mundo artístico.

SOCIAES.

PASSOU, no dia 13 do corrente, o anniversario natalicio da illustre escriptora e medica, doutora Ernesta von Weber, cuja obra litteraria tem sido de um perenne louvor ao Brasil e á nossa gente. Radicada em nossa terra, a doutora Weber, austriaca de nascimento, é hoje uma perfeita conhecedora do meio brasileiro, sobre o qual tem escripto vibrantes paginas encomiasticas. Por motivo do seu natalicio, a brilhante intellectual recebeu muitos cumprimentos.

* * *

Em torno da anniversariante, reuniu-se na tarde de quinta-feira, na Lal-le, um grupo de amigas para um chá, ao qual compareceram a senhora Conceição Gomes, a senhora Povina Cavalcanti, a senhora Bergamini de Sá, a senhora Moraes e Castro, a senhora Laura Moura, a doutora Elisa Imbuseiro, a professora Marietta Fernandes, a senhora Gourvitz, as poetisas Hyldeth Favilla Neuhaeusser e Dina Jabot, a senhorita Olga Bergamini de Sá e mademoiselle Kootz.

RAMON NOVARRO

A passagem de Ramon Novarro pelo Rio foi o maior acontecimento carioca destes ultimos tempos. O "astro" cinematographico teve, aliás, uma grande habilidade, como propaganda: Resolveu ficar a bordo para não descontentar ninguém, tantos foram os convites de terra... Foi isso, pelo menos, o que as entrevistas radiotelegraphicas anteciparam á imprensa. E deve ser isto mesmo o que aconteceu, arrastando á praça Mauá alguns milhares de "fans" do formoso interprete da cutr'era famosa scena muda...

* * *

Ramon Novarro prometteu dentro de dois meses voltar ao Rio e aqui se exhibir. Devem, pois, as admiradoras preparar-se para o verem de mais perto. Na Argentina, segundo disseram os telegrammas, no primeiro dia de abertura da bilheteria do theatro, para onde vae contractado Don Ramon, esgotaram-se logo varias lotações. Não ha de ser menor o entusiasmo carioca pela applicação da figura do romantico e bello galan de cinema.

* * *

A imprensa tem fornecido a respeito do "astro" mexicano inform., completa. E para aguçar a inveja da gente já ennumerou todas as grandes "actrizes" de Hollywood, que Don Ramon tem longa e delirantemente beijado. Acrescentam, entretanto, os chronicistas desse novo genero de litteratura, que elle é dos poucos solteirões da original e soberba Cidade do Cinema.

* * *

Não creio que a noticia logre impressionar o coraçãozinho mais romantico da carioca 1934. Don Ramon, elegante, bonito, celebre, deve ser o typo ideal do Príncipe Encantado.

LETTRE D'AMOUR

*«M*ON chéri,
Que c'est difficile de t'écrire. Je te "vois" tellement, toi, ton cher visage et tes yeux tristes que, sans avoir parlé, j'attends que tu me répondes: "Ma petite"... Alors, t'écrire... Tu es trop loin... Il faudrait que je te touche...

Mais, tu veux ta lettre, d'amour... Tiens, tu ressembles aux écureuils: ils engrangent des noisettes, comme toi des regrets, pour la mauvaise saison...

Enfin, voilà.

Il pleut gris, en duvet de chat... Marie a raté le poulet. Il fallait s'y attendre: elle ne vaut rien quand tu es absent... Tes vestons traînent... J'en ai pris un, avec moi, dans mon lit... Je dors mal... Es-tu bien couché?... Prends garde aux rhumes... Soigne-toi... Le vent est traître... J'ai sorti toutes tes photos de l'album: celle en pantalon blanc, celle de sport et la petite où tu ris pour me faire rire... Mais maintenant que tu es parti, elles ne te ressemblent plus: il faut que tu sois là.

Pour la maison, elle est toujours la même, les meubles aussi... Les choses oublient comme les gens... Top, par exemple, si tu le voyais! Je n'ai qu'à dire ton nom: il jette un oeil en l'air, l'autre par terre, et il pleure!... Il pleure trop bien... Je suis jalouse de lui...

M. Graus est venu pour te voir... Il reviendra... Au fond, c'est laid un homme!... Toi, tu es beau...

Le jardin t'attend... Et tout le ciel autour... Et Marie... Et Top... Et moi... Je m'ennuie... J'ai un peu la fièvre... Je t'aime... Prends ma bouche... Je suis intimidée et toute chaude à l'intérieur, comme la première fois... Ecris vite... Ne reste pas longtemps... Je t'adore...

Mais tu vois bien mon cher amour... Je ne sais pas te le redire avec des mots... — MARCELLE."

TURF E MUNDANISMO
FLAGRANTES DO HIPPODROMO
BRASILEIRO



A tarde de domingo passado assignicou mais um brilhante acontecimento, de caracter sportivo e mundano, para a temporada hippica, no Hippodromo Brasileiro. O esplendor de um céu lindo, rico de luz, a reccortar-se naquelle «decor» privilegiado, pela natureza pujante, alliado á fulguração do mundo elegante, que ali se movimentava, concorreu para que as corridas de domingo ultimo, no prado da Gavea, tivessem a animação dos grandes dias da nossa «season» turfi-ta. Nas archibancadas, nas «pelouzes», nas tribunas dos socios scintillavam as silhuetas e os sorrisos mais encantadores do Rio. A nossa pagina focaliza expressivos instantaneos da deslumbrante tarde turfista de domingo.



O dr. Arnco de Mello, que acaba de ser nomeado advogado da Associação Commercial do Rio de Janeiro, é um dos espiritos mais luminosos do jornalismo brasileiro. «S. Paulo venceu!», o seu livro de chronicas sobre a revolução de 33, é bastante para lhe assegurar, como já lhe assegurou, um lugar de relevo, nas letras e no periodismo do paiz. A nomeação com que ora vem de ser distinguido foi, portanto, um acto bem inspirado que teve a directoria da Associação Commercial, e digno, por isso mesmo, de louvores.

INTERROMPE um instante a vida e ella para traz. Hoje, esse passado não faz medo e nós podemos, de alma tranquilla, pousar nelle os olhos e ler tudo o que nos mostram aquellas sequencias que foram vividas com a naturalidade dos que nada querem.

Que é que teus olhos vêem all, no lance tozco que o sol illumina furtivamente? Duas criaturas tristes. Namorados? Não, que elles não têm o sorriso dos que sonham com a felicidade, nem se dão as mãos como fazem os que se amam. Elle é triste, com os olhos cravados acima do mar, como triste é ella tambem enquanto vai murmurando, com voz melancolica, o poema que Guilherme de Almeida escreveu para a saudade de toda gente:

...pois quem sente saudade nunca está sozinho e a gente tem saudade de tudo nesta vida...

E parece que ha uma lagrima naquella voz...

Depois, que vêm? Os dois vultos que vão, lentamente, como quem deseja demorar a passagem das horas, caminhando á sombra das arvores copudas, dizendo coisas que só elles entendem, enquanto que em torno a vida tumultua no deslisir macio das rodas dos automoveis. Ella, talvez para disfarçar a emoção, faz-se criança e diverte-se

PALAVRAS de AMOR.

DE Raul Lellis

esmagando os fructinhos dos "figus" que atapetam a alameda, enquanto agita na mão o chapéo de palha de abas largas. O seu vestido branco com botões vermelhos põe uma nota suave na sombra espessa que as arvores projectam.

Vê mais alem agora. Lá está um portão verde, largo, triste, diante do qual o mar repete invariavelmente a sua queixa. Junto ao portão elles, mais tristes do que sempre, mais distanciados do que nunca da vida, das criaturas, de si mesmos. Falam, e tu podes ouvir o que elle diz, tendo na voz um desespero immenso:

— Nunca mais?

E ella responde, fria, pondo no rosto uma firmeza inabalavel:

— Nunca mais nos veremos!

E' o ponto final de um romance curto, de um romance que foi vivido insensivelmente, involuntariamente, sem que os protagonistas delle se apercebessem. Aquelle "nunca mais" parece arrastar após si um turbilhão sombrio, que contrasta rudemente com o ouro que o sol derrama sobre o mar, sobre a praia, sobre as criaturas.

Ha uma pausa longa, durante a qual elles deixam os olhos vaguear pela natureza, que não communga do luto que lhes vai na alma e, depois, é ainda o homem quem pergunta:

— Que é que me condemna?

E ella retruca, com a rapidez de quem tem a dizer coisas desagradaveis:

— Tudo...

Agora, se tu apurares o ouvido, veses que o homem fala da maldição de um passado, de uma condenação que esmaga, de um alardeno que apavora. Parece que lhe sahem da alma, juntamente com as palavras, lagrimas que elle não consegue reter e que vão agitar o peito daquella que o cuve ao peso de uma emoção incontida. Depois elles se vão, cada um para um lado diferente, e o destino parece que ergue entre elles uma barreira espessa, sobre a qual a fatalidade escreve em negro, um grande e triste "nunca mais"...

Essas paginas que acabadas de ver e que estão gravadas no livro da vida, eu as tenho relido muitas vezes. Folheiei-as no passado, tendo

no espirito uma revolta surda contra a injustiça do mundo e dos homens; folheio-as ainda, no presente, para me certificar de que tudo isso foi verdade; e de tanto as ler e reler eu já as tenho gravadas na memoria. Mas outras vieram depois dellas, porque acima daquillo que a fatalidade estabelece está uma força que vem do coração das criaturas. Olha e verás que elles, os namorados tristes de outro tempo, estão juntos novamente, tendo agora nos labios um sorriso de esperança. Não param mais no portão verde, nem passeiam na alameda que os "figus" sombreavam: avançam, de mãos dadas, pela estrada, do futuro, que as illusões tornam suave. Creem na vida, creem em Deus e em si mesmos...

De quando em quando, elle pergunta, fitando-a nos olhos:

— Nunca mais?

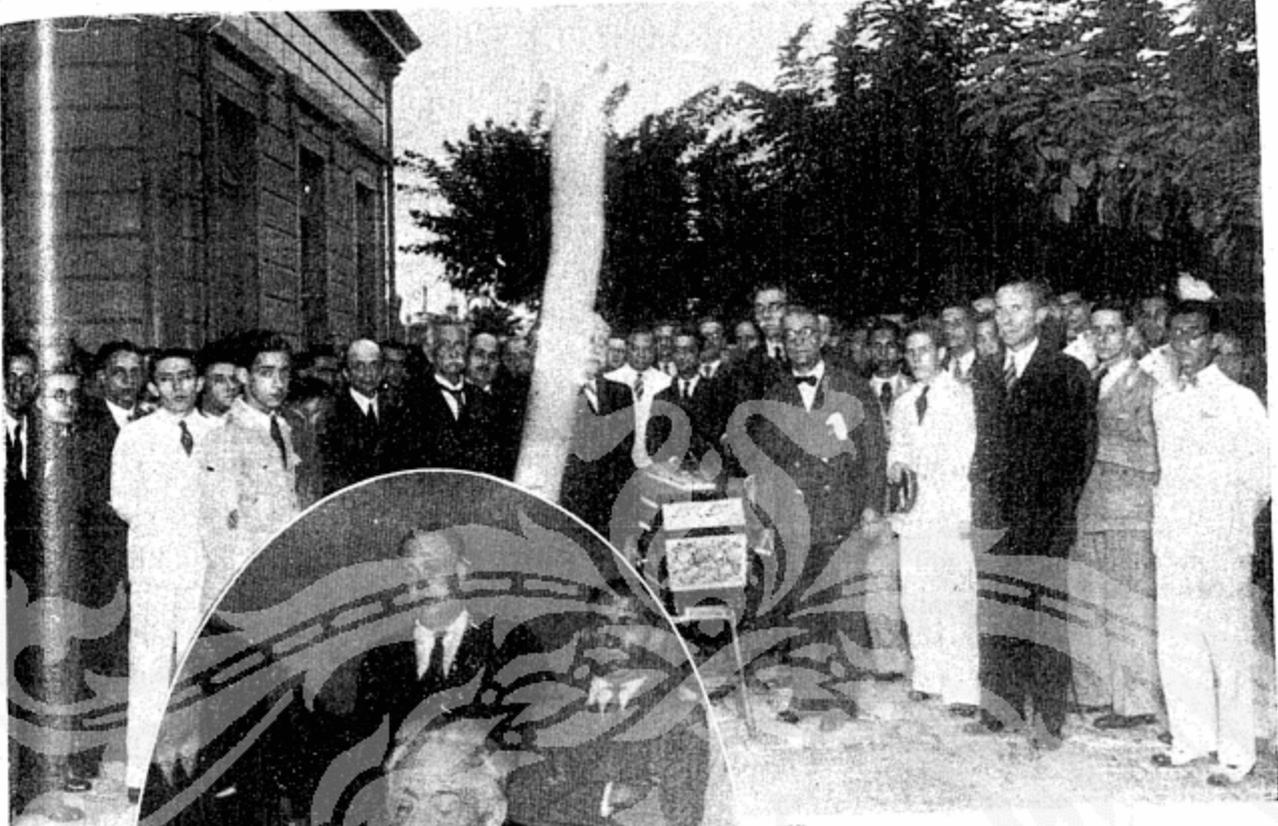
E ella responde, tendo na voz a loçura dos que sonham:

— Nunca mais ficarei longe de ti...

Só o amor sabe o segredo de absolver com as mesmas palavras coiza que condemnou.



O nosso joven patricio Benedito Carlos Serôa da Motta, que é uma brilhante intelligencia da nova geração, concluiu recentemente o curso de perito-contador na Escola de Commercio Amaro Cavalcanti, tendo collado grão na colennidade realizada a 16 de dezembro último no theatro João Caetano.



Deix flagrantes
das funeraes de
João Ribeiro,
realizadas na
tarde do último
sabbado, com
grande acompa-
nhamento de fi-
guras representati-
vas das letras, do
magisterio, do jor-
nalismo e da mocim-
dade estudiosa.

JOÃO RIBEIRO — O desaparecimento de João Ribeiro foi uma sentida perda nacional, que consternou o espirito publico e, principalmente, os circulos intellectuaes do paiz. Polygrapho nctavel, grande humanista, João Ribeiro, membro da Academia de Letras, era uma das nossas mais completas personalidades literarias. Prosador e poeta, critico e professor, deixa o admiravel escriptor uma obra rara de erudição e bom gosto. Não é possível fixar numa simples nota a proteiforme riqueza intellectual deste extraordinario moestre, que aos estenta e quatro annos de idade ainda trabalhava com apaixonado e indefecto ardor, servindo á causa do pensamento e da cultura universal. As manifestações tribuidas ao grande morto fóram as mais expressivas de geral e profunda consternação.



EDWIN MORGAN

Com o inesperado fallecimento do illustre diplomata norte americano Edwin Morgan, occorrido segunda-feira, em Petropolis, perde o Brasil um dos seus mais leaes e mais nobres amigos. Embaixador de seu paiz, acreditado junto ao nosso governo, Ewin Morgan ainda ha pouco se afastára do seu alto posto, no exercicio de cujas funções sempre primou pela dedicação e elevação de vista com que as desempenhou. Espirito culto, de uma fidelidade captivante, o saudoso diplomata, cujo desaparecimento tanto nos conterra, bem cedo identificou-se com o ambiente da vida brasileira, tornando-se «personalidade grata» e figura de expressivo relevo dos nossos circulos culturais e sociaes. Amigo do Brasil e do seu povo, Edwing Morgan era, por isso mesmo, na representação diplomatica aqui acreditada, uma das figuras mais queridas, sempre carinhosamente acolhida no seio da nossa alta sociedade. A memoria do illustre ex-embaixador americano que, por ultimo, fixára residencia definitivamente no Brasil, prestará o nosso governo excepçionaes homenagens de saudade, num tributo do mais justo apreço, e das quaes participarão o corpo diplomatico estrangeiro, o mundo official e todo o povo brasileiro.



A mulher sem meias

EDIGAR DE ALENCAR



A 27 do corrente, no Instituto Nacional de Música, Jorge Fernandes, o festejado e querido cantor brasileiro, far-se-á ouvir em longo e primoroso programma, confeccionado a capricho, e comprobatorio da variedade e selecção por que se vem caracterizando, ao mesmo tempo, o repertorio desse brilhante artista. Faz quatro annos que elle realizou, no Studio Nicolas, uma audição coroada de extraordinario êxito. Assim, apesar da frequencia com que actúa nos «broadcastings» do Rio de Janeiro e de São Paulo, ou justamente por isso mesmo, nosso público está de cejeoso de contactos directos e mais prolongados com a arte de tão feliz interprete da canção brasileira. Será, como sempre, acompanhado por Mario Cabral, um pianista de attributos não menos proclamados.



HA quem duvide do bom senso das mulheres. Desse peccado não nos penitenciamos. O senso commum é communissimo no bello sexo. Succedeo é que a mulher nem sempre se demora na analyse desses pequeninos nadas que constituem, afinal, a vida das mulheres.

O mal dellas é apenas a falta de reflexão. Mas, quando se dão ao luxo de pensar, quasi sempre denotam uma vivacidade de espirito admiravel. O custo é pensarem.

Taes considerações nos vêm deante da ultima resolução das nossas lindas patricias da Metropole de andarem sem meias, costume feio que se vae alastrando como uma febre de mal character.

Não podemos admittir que as mulheres louvadas e proclamadas como as mais elegantes do Brasil

tenham meditado um instante no desprimor e no ridiculo de tal uso.

Não cremos, igualmente, que este tenha razões de ordem economica. Porque, neste caso, si é apenas resultante da crise de que o mundo inteiro se queixa, nada podemos objectar. O factor economico tem razões que a razão não desconhece.

De facto, andar sem meias deve ser optimo recurso para quem não vae lá das pernas. Ou para quem não quer bolir no seu pé de meia.

Fóra dahi, porém, não se justifica o mau gosto.

Porque não se comprehende, por melhor boa vontade, uma mulher *chic* sem meias. A mais simples *toilette* não está completa si lhe falta a seductora peça de malha de sêda. Dá-nos sempre a impressão de que a sua dona esqueceu alguma coisa de essencial.

A mulher bem vestida, sem meias, assemelha-se ao pavão. Feitas as devidas restricções.

Todo cioso de sua belleza. Mas sem olhar para... as pernas.

A meia, com ser um dos mais graceis adornos da mulher, tem muitas vezes a missão esthetica e piedosa de encobrir a verdade sob o manto diaphano da malha.

A meia estandardiza, com felicidade, todas as pernas. As mais bem torneadas. Os canicos. As de jaspe e as de canela e ouro. As macias de arminho e as pelludas de caranguejo.

A meia faz com as pernas o que os sociologos modernos querem fazer com os homens: — a socialização.

Andar sem meia é quebrar esse rythmo. Ferir essa uniformidade agradável. Para substituil-a pelo desfile heterogeneo dos mais disparres pares de pernas.

Não recorremos á estatistica, mas apostamos que com o advento de tal moda os casamentos diminuíram sensivelmente na metropole.

Consequencia do desencanto dos olhos que vêem um lindo rosto, um corpo airoso desenhando-se num vestido encantador e depois esbarram com duas pernas masculinizadas ou chelas de lindas manchas azuladas, que, não sendo attestado de puro sangue real, não devem ser attestado real de sangue puro...

E o peor é que os sapatos tambem já mostram o pé a descoberto. E dahi novas decepções e desalentos.

Imaginemos si pôde haver maior

catastrophie que uma mulher bonita mostrando o joannete luzido da maior estimiação!

Que nos perdõem as gentis e femosas patricias. Que não nos agradeçam os fabricantes de meias.

Em nossos reparos falla apenas o enamorado da esthesia e da belleza.

A meia, através os seculos, foi sempre elemento efficiente e inseparavel da graça e seducção da mulher.

Poetas e escriptores galantes teceram-lhe dythirambos e odes. Os livros nos dizem que as mais lindas e famosas mulheres não prescindiam das meias nos mais intimos instantes.

Para exhibição das pernas bonitas, que ainda o são mais vestidas, ahi estão as nossas praias. Ahi, sim, é campo propicio ao desfile variado das tibias. Esculptraes ou gandhicas.

Não nos theatros, não nos passeios, não nas Avenidas ou no *footing*. Nessas occasões, a mulher sem meias é um disparate. Tão grande como si as usassem, de *maillot* frente unica, ao sol dourado de Copacabana...



O dr. Wilson Silva é um dos novos medicos formados pela Faculdade da Universidade do Rio de Janeiro. Colheu grão em dezembro último, pertencendo á turma de 1933. Foi interno effectivo do Hospital Nacional e do serviço do professor Clementino Fraga. Fez um curso brilhante.



"FON-FON" EM PETROPOLIS
A EXPOSIÇÃO PECUARIA

Com a presença do dr. Getúlio Vargas, chefe do governo provisório, do ministro Juarez Távora, do dr. Yêdho Fiuza, prefeito de Petrópolis, e de muitas famílias, realizou-se sabbado paeado, na cidade serrana, a solenne inauguração da IV Exposição Pecuaria municipal, promovida pela Associação de Criadores daquelle municipio. Foi um acontecimento de grande relevo na vida da cidade das hortensias, conforme o attestam as nossas gravuras, na primeira das quaes se vê o dr. Getúlio Vargas, tendo á esquerda o dr. Raul Braga de Azevedo, presidente da Associação de Criadores de Petrópolis, e á direita o dr. Yêdho Fiuza. Outros aspectos da solennidade se fixam nesta pagina.



TAÇA GREGA

A um canto do museu, quanta coisa recordas,
gloria de uma arte nobre, ó taça hoje esquecida!
—Aédos immortaes, a mente enfebrecida,
A crocar e a tanger da lyra as quatro cordas;

Phrynéa, as cortezãs, o Parthenon, a vida
Dessa Grecia pagã, tudo ao meu sonho acordas...
—Scrates e Platão, e o atro furor das hordas
de Barbaros, levando Athenas de vencida!

Tudo a meus olhos passa, e voê, e resuscita,
no fulgor immortal do teu encanto novo,
e, ó taça, eu te venfro a belleza infinita,

porque guardas no teu ignorado esplendor,
a perfeição de uma Arte e a gloria do teu Povo,
—Povo feito de herões, Arte feita de amor!

LUIZ LAMEGO

(Da Academia Fluminense).



A brilhante escriptora sra. Rachel Prado, cuja actuação no movimento intellectual é de todos conhecida, acaba de fundar a Editora Ravaro, destinada á publicação de obras didácticas, e que se acha installada no setimo andar do Edificio Rex. A solennidade inaugural da Editora Ravaro, realizada a 13 do corrente, compareceram autoridades do ensino, membros do magisterio, escriptores e jornalistas. Hcuve trez discursos: o do presidente da Associação Brasileira de Imprensa, dr. Herbert Moses, o da sra. Rachel Prado e o do presidente da Cruzada Nacional de Educação, dr. Gustavo Armbrust. O «cliche» abaixo focaliza um aspecto da solennidade.



O Rival-Theatro, que está conquistando o nosso público e vem alcançando, desde a sua inauguração, successivas victorias com a representação da peça «Amor», de Oduvaldo Vianna, prestou, ha dias, expressiva homenagem a São Paulo, dedicando ao grande Estado os seus espectaculos da noite. A photographia ao lado foi tomada no inicio das representações de «Amor», na noite



A senhorita Irene Cardoso Maltez e o dr. Paulo Valle Viçeira, cujo enlace se realizou ha poucos dias, nesta capital, onde residem os noivos, que são figuras distintas da nossa sociedade.



GRACULOS...

Referindo-se a Napoleão III, quando entrou no Instituto de França, escreveu Emile Ollivier: "Il réussit si bien à se draper dans une gravité historique qu'il vit l'Académie des Sciences Morales et Politiques, oublier ce jour là du premier de ses noms, se lever tout entière à son entrée, comme si le politique venait le Dieu de la science politique venait apporter ses oracles."

Nós temos visto muitas vezes scenas identicas: Acadêmicos que se levantam deante de indivíduos vestidos de gravidade apparente e parecem lhes tirar oráculos e são tão vazios quanto o pobre Napoleão III.

o paulista do Rival-Theatro, vendo-se o escriptor Ribeiro Couto, que fez um brilhante discurso em nome de São Paulo, entre os interpretes principaes Odilon Azevedo, e o autor da victoriosa e impressionante comedia.

Trepalagoes

ECOS DO CARNAVAL



Uma encantadora carnavalesca dos prêmios infantis de 1934. Chama-se Zeyneb e é filha do casal Lucio Teixeira-d. Zilah Teixeira.



mente executado por um cavalheiro que dizem ser deputado. Talvez na provincia do constituinte a moda ainda seja tolerada, mas aqui é totalmente ridicula.

O tímido representante do povo pôde penetrar no recinto... Perca a cerimonia, peça licença ou en-

aplauses da familia, que facilitava tudo para a pequena ser feliz. Quando, em um grande baile, ella conheceu o rapaz militar, acreditou ser a creatura mais feliz do mundo. Finalmente! Era o desejo! Elle havia apparecido, em carne e osso: um tenente p'ra lá de bom, do outro mundo. A familia tambem tomou parte nos acontecimentos e tudo corria ás mil maravilhas, quando o outro dia a garota entrou em casa chorando, maldizendo-se, infeliz... Foi um alvoroço na zona!

O que foi, o que não foi, toda a sorte de conjecturas, e nada da pequena desembuchar. Cada palpite assustador, em conselhos de familia, e tudo errado, por fim, quando appareceu a verdade na sua singeleza. A garota desiludira-se com uma espantosa descoberta: o militar eleito pelo seu coração não era tenente já tinha posto mais elevado! Eis a grande decepção! Ella queria e quer, para começar, um tenente de verdade, e só por isso, para satisfazer ao seu capricho de mulher, vai dispendiar o coronel...

Até parece mentira!



O pequeno Wangles, filhinho do coronel Luiz Zacharias-d. Rosa Castilho Zacharias, numa «pose» de gente grande...



Wanda Marchetti e Norma Geraldão duas lindas figuras novas do Rival-Theatro, cnde estream com successo e continuam rutilando todas as noites.

NO Rio antigo, foi popular o namoro denominado pittorescamente de *gargarejo*. A pequena fitava na janella, debruçada para a rua, e o *gajo* na calçada, de peço esticado, de nariz para o ar, *gargarejando* madrigaes, prometendo á eleita do seu coração um pedaço da lua... A pequena, que então tinha medo do papae, ao tempo que attendia ao namorado, tinha tambem cuidados attentos para o interior da casa, e ao menor ruido de passos tomava posição de candida innocencia, encobria a garganta como avisando *sem genio*... O *gajo* fugia até a esquina, para depois de passado o custo voltar ao *gargarejo* debaixo de olhar complacente da vizinhança e dos transeuntes camaradas.

Mas, o Rio civilizou-se, deixando d'lado as características antigas do tempo dos nossos avós.

Hoje, tudo é arejado, e o namoro é um *sport* exercitado ao ar livre, com a licença dos paes, e nas lares, sem sentinela á vista... Por isso, ninguém mais admite o *gargarejo*, que morreu por falta de parceiros.

Por isso, anda a rua pacata de certo bairro intrigada com a revivencia do *gargarejo*, escandalosa-

tre mesmo sem ella, que será bem recebido. Na calçada, de nariz para o ar, *gargarejando*, é que não pôde ser, para bem dos povos civilizados da cidade de S. Sebastião.

A garota, quando percebeu o engano, experimentou tremendo abalo. Não era para menos. A sua predilecção fóra sempre pelos tenentes, (interventores ou não...) Especie de idéa fixa, que um dia havia de dar certo... Não perdia occasião para agir no sentido de conquistar um tenente, desejo, aliás, acompanhado de perto pelos



Na última reunião do Comitê de Imprensa do Touring Club do Brasil foram tratados vários assumptos, entre os quaes o regulamento do Concurso do Melhor Livro sobre Viagens no Brazil e a eleição de um representante do Comitê para tomar parte na proxima excursão turistica, de maio proximo, a bordo do «Almirante Jaceguay», com destino ao Amazonas. Nossa gravura fixa um aspecto dessa reunião, em que tomaram posse os nossos confrades Gastão de Carvalho, do «Paiz», e Cesar Ladeira, da Radio Mayrink Veiga. Os trabalhos foram secretariados pelo nosso brilhante collaborador Berilo Neves, director do Touring Club.

LYRISMO

Eu não sou mais eu. Eu não sou mais aquelle que andava pedindo a esmola de um consolo para o acervo das angústias.

Dentro de mim mesmo, encontrei a fonte da eterna consolação.

Sorrindo com ironia e piedade dos meus algozes, vou seguindo feliz na luminosa estrada de Damas-

co, ouvindo a canção dos passavos alegres.

Ser poeta não é saber fazer rimas bonitas para uma mulher que passa como todas as coisas na vida ephemera.

A mulher é flôr que se estiola e fenece.

Por muito linda e harmoniosa que se apresente,

ha sempre no seu corpo a triste multidão dos teidos...

Verdadeiro poeta é aquelle que, para esquecer o panorama da vida, mergulha os olhos no azul, sentindo na sua alma de eletro as vibrações cosmicas do Ignoto.

Manhã de verão.

O sol, com as suas mãos luminosas, envolve, numa carícia, a alma vibratil das coisas.

As arvores sentem na seiva a volúpia quente da manhã dourada.

Tudo é amor.

O poeta põe um bello de luz na bocca vermelha de uma flôr...

PAULO FREITAS

O «clichê» abaixo fixa um instantaneo do jogo realizado domingo passado, no campo do S. Christovão, entre este club e o Fluminense, na disputa do campeonato local de football profissional. E' uma bella visão da tarde sportiva do campo da rua Figueira de Mello.



Rendas de espinha

ILLUSÃO — AVÊSSO DA REALIDADE

UMA voz feminina, que me veio pelo telephone — uma dessas tardes — me pediu que escrevesse "alguma coisa", sobre a força da illusão.

Illusão!

A illusão, afinal, não é mais do que o avêssio da realidade. Eu não digo — desillusão. Esta pôde ser uma decepção, ao passo que a realidade, sendo o lado direito da illusão, — pôde ser, muitas vezes, uma bella surpresa.

Assim, eu prefiro dizer que a illusão é o avêssio da realidade. Não raro um "envers" mais bonito. Como acontece com certos tecidos finos, de duas vistas.

Não esqueçamos também que a illusão é irmã da ignorância. Porque toda vez que estamos illudidos, e ignoramos alguma coisa boa ou má, e essa ignorância se acalza — a illusão, ao contrario, se apaga, de repente, como uma luz intensa — ou se desvanece, se desfaz como uma nuvem que o vento esfarçapou.

E, acaso, a illusão não será melhor do que a realidade?

Quasi sempre.

E foi assim pensando, certamente, que o velho mestre Anatole fez sentir: "*l'ignorance est la condition nécessaire, je dis ça, du bonheur, mais de l'existence même. Si nous avions tout, nous ne pourrions pas supporter la vie une heure*".

Profundo esse pensamento do philosopho do "Jardin d'Épicure".

Tive um excellente amigo, que se não cansava de dizer: "Eu me illudo no amôr, como um viciado de ópio. A illusão, para mim, é como o éther, a cocaina ou qualquer outro alcaloide.

alto problema philosophico:

— Meu caro. Imagine você que eu goste de uma mulher cujo amôr não deseje perder. Um dia, essa mulher me nega o seu affecto, para dá-lo

SOCIEDADE



Senhorita Clelia Maccarenhas, graciosa figura da sociedade carioca.

(Photo Irmãos De los Rios).

Eu me embriago de illusão! E' um prazer. Um vicio. Uma doce volúpia". E si eu lhe perguntava: "Qual a vantagem que encontras nesse vicio?" elle me respondia, como se resolvesse um

a outro homem. Que faria você?

— Gostaria que me dissesse a verdade... Nua e crúa.

— E' porque você não conhece os prazeres do vicio da illusão. Eu pre-

feriria que ella me mentisse. E mesmo que não me mentisse, dando-me assim, a illusão de um amôr que não mais existia, eu teria a sibiritica volúpia de illudir-me a mim mesmo... E sabe de que maneira?

Eu lhe disse que não.

— Pois eu me illudiria, pensando em silencio: "Ella não veio hoje, porque o tempo está mau. Está chovendo" (Si isso fosse no inverno). "Está muito quente". (Si estivessemos no verão). Cu ainda: "Ella está dcente".

— Mas isso seria uma tortura masoquistica. Uma doença. Uma psychose.

— Não importa! Seja o que fór. Mas, pelo menos, com essa maneira de embriagar-me, com essa especie de "paraíso artificial", eu iria creando outra personalidade; habituar-me-ia á idéa de perder o amôr, que desejaria conservar... Sofreria menos, porque soffreria sob a acção da embriaguez da minha propria illusão. Comprehende o meu methodo, o meu systema, o meu principio ou doutrina?

— Tudo isso me parece apenas uma nevrose... E quando você despertasse da sua embriaguez?

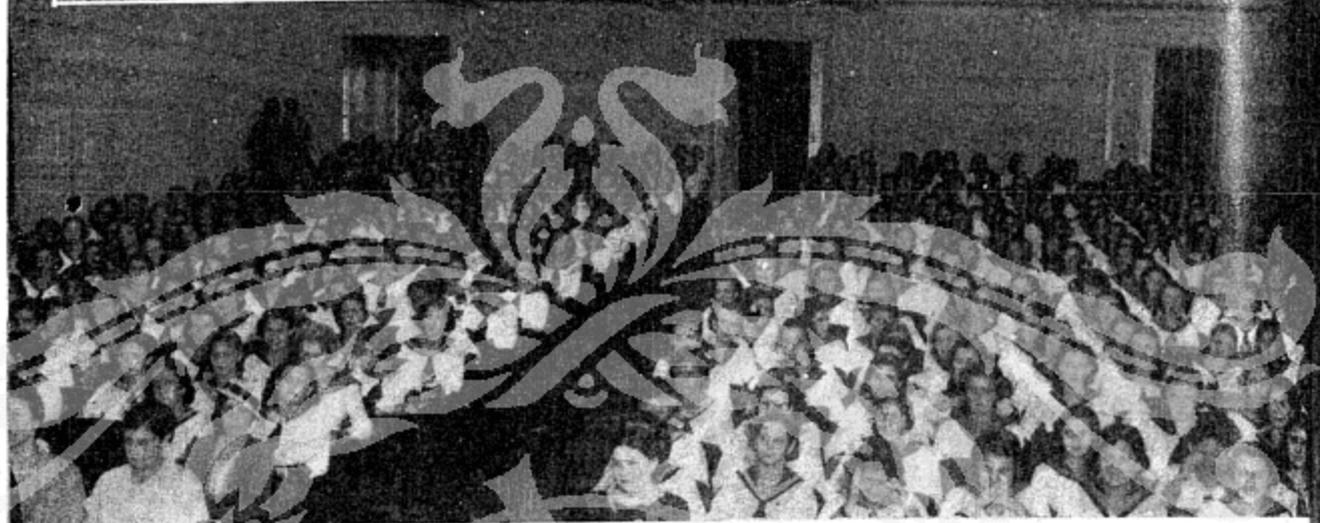
— Teria adquirido novos habitos, novo modo de vêr e sentir.

E como eu o olhasse sorrindo, elle acrescentou:

— E talvez novo amôr..."

Estou, nesse dominio de idéas, como o meu amigo illusiômano, e o sábio conceito de Anatole France...

YVES



O INTEGRALISMO EM MINAS

A mesa que presidiu á sessão integralista realizada na Escola Normal de Bello-Horizonte, quando falava o integralista universitario Herbert Dutra, e o auditorium daquelle estabelecimento de ensino cheio de normalistas ouvindo a palavra de Plinio Salgado.



O INTEGRALISMO EM SÃO PAULO

Aspectos da solennidade integralista realizada no salão das «Classes Laboriosas» para commemorar o quarto centenário de Anchieta. O chefe nacional Plinio Salgado falando sobre a grande obra do apostolo Jesuita e o chefe provincial de São Paulo, dr. Francisco Stella, dando posse ao dr. Eduardo Epaziano, secretario do Departamento Provincial de Finanças e demais secretarios nomeados.





NOCTURNO DO CAPIBARIBE

*O Capibaribe móve-se lentamente,
numa lethargia, num somnambulismo.
— As estrellas reflectem no fundo do rio,
jazidas de pedras preciosas.
— A cidade mira-se no espelho das aguas,
relembrando glorias passadas.*

*— A lua,
a mesma lua romanesca do Brasil-Colônia,
evôca os tempos que já lá se vão:
(— Duarte Coelho, Mathias de Albuquerque, Calabar;
— Tabócas, Páu-Amarello, Olinda, — a Marim dos Caetés!)*
*O rio é um subterraneo illuminado.
De longe em longe,
uma canôa córta as suas aguas.
E o rio, mais pesado,
mais preguiçoso,
parece retardar o contacto com o mar.
— O mar que é o grande assassino dos rios.
— Rua da Auróra, ponte da Boa-Vista, cáes Zé Marianna..*

*Vêem de longe uns sons gastos de musica, trazidos pelo vento...
— Os ultimos morcégos esvôaçam,
os primeiros passaros apparecem.
As andorinhas deixam os telhados dos "terceiros andares"
e vêem beijar a face fria da agua.
— Já vem o dia!
O Capibaribe, romantico, pesado, na sua mobilidade preguiçosa,
chóra, já, a ausencia da lua e das estrellas!*



O dr. Elba Dias, e sua exma. familia, num instantaneo tomado por occasião do embarque, para os Estados Unidos, do illustre director do Radio Club do Brazil.

CARTA

Meu amigo. — A sua carta me veio encontrar entre montanhas, em pleno campo, afastada de toda a civilização.

Tive-a nas mãos ha pouco; tenho-a, ainda, deante dos olhos, e chorei.

Você me foi direito a uma ferida que, desgraçadamente, não cicatrizou de todo. Julgava-me completamente anestesiada já. Pelo tempo que luto e pela força de vontade tenaz com que me empenho em fazê-lo.

No entanto, surpresa e decepcionada, verifiquei que a

antiga magoa — amortecida, embora — ressurte ainda em mim, dolorosamente.

A sua carta — tão fina, tão espiritual, tão delicado desejo de me ajudar — foi-me direita ao coração, repito-o. Mas, não me magoou. Nem me indignou, fazendo-o. Pelo contrario. Você apresentou aquillo mesmo que persisto em occultar a todos. Teve o supremo bom gosto — não fôsse você artista — que é! — de não me dizer nenhuma dessas phrases banalissimas de consolo que a tollice humana contrahiu.

Não me offendeu, com mostras de uma piedade humilhante, o orgulho de revoltada.

E, por isso, agradeço-lhe, commovida, o seu gesto de sympathia e de solidariedade espontaneas e não me envergonho de lhe confessar que chorei.

Ha tanto tempo não o faço... Ha quasi tres annos que, apenas, me atordo.

Por isso, talvez, e que numa linda tarde de sol, na cidade que nós ambos tanto queremos e cuja belleza é um motivo constante de vibração esthetica para nós, passei na Avenida sem vê-lo, salteada e de azul...

Você não sabe a força de orgulho que me ampara. Seria sempre. O meu sorriso é orgulho. A minha vivacidade, orgulho. A minha alegria, o meu enthusiasmo — ainda, orgulho.

Mas hoje, ao calor de sua sympathia, elle fundiu-se em que me sobreviesse nenhum sentimento acobardado de desprezo por mim mesma, sem me haver accusado de covardia.

Ha tanto soffro sózinha fechada nesse orgulho maldoso... Você sabe que exactamente quando a alma está mais vazia de affecto é que qualquer palavra boa commove mais.

Você tem razão quando insinua que me não devo trucidar. Sou, realmente, muito moça para encerrar, a essa altura, a existencia, numa tristeza estéril.

A vida não o merece.

Comprehendo bem por que você, apesar de tudo, está sempre deante della, em exaltação, glorificando-a.

Você lhe atria rosas para encobrir-lhe a lama. Incensa-a para que, através as espiras, não se lhe apercebam as fealdades. Gesto de aristocrata e de philosopho. Vingança generosa de estheta. Castigo de quem zurze perfumando.

Você tem razão.

E, olhe, ainda agora, deante de minha janella, espelna uma deliciosa manhã de sol. Estou possuida da mesma alegria pagã das coisas. Aspiro com voluptuosidade, deliciada, esse cheiro caracteristico que a terra tem. Estou contente, de um contentamento ingenuo de criança, por poder vêr um céu maravilhosamente azul, montanhas soberbas salpicadas das manchas amarellas dos ipês, orgulhosos das flores abertas em ouro, de ouvir o murulho de uma nascente proxima, muito clara, cantante.

Sou quasi feliz de ser moça, de viver, e a lembrança dolorosa do pobre amor humano se esvanece lento, ao amor das coisas que todo me penetra como um balsamo.

Muito obrigada, meu amigo!

LUCIA

“ FON - FON ” NO MARANHÃO

No salão do Gremio Litero Recreativo Portuguez de S. Luiz do Maranhão realizou-se, em 25 de fevereiro último, uma brilhante «Hora de inverno» em homenagem ao poeta mineiro Venturelli Sobrinho, que na gravura apparece ladeado pelas senhoritas Maria de Lourdes, Eline Mochel, Lucy Vasconcellos, Concy Story, Mizika Boabayd, Celia Carvalho, Ena Serra e Maria Amelia Mattos, jovens «diseuses», cantoras e pianistas que tomaram parte na linda reunião de arte e mundanismo.



XIFON-FON NO CINEMA

O LAR PERDIDO - (Long Lost Father) - Film da RKO-Radio



com John Barrymore, Helen Chandler, Donald Cook, Alan Mowbray e Claud King

consideravel quantia pertencente a sir Anthony. O baronete, enfurecido com a repulsa que sempre lhe demonstrara Lindsey, colloca-a na alternativa ou de restituir o dinheiro, ou de enfrentar a acção legal. Carl é então inteirado do soffrimento da filha. Reconciliam-se, e Carl promete restituir o dinheiro, si Lindsey desposasse Bill. Como, na realidade ella o ama, não lhe é muito difficil prometter.

Com a ajuda de um cumplice, Carl consegue tirar de sir Anthony dinheiro sufficiente para pagar a injusta mas inevitavel obrigação em que se encontrava Lindsey. Envia-lhe as notas de banco e sabendo que a policia está no seu encalço, foge pelo primeiro vapor. E, enquanto o noivo se afasta, Carl distingue uma fôrma branca e saudosa que lhe diz adeus. Ao som de "Aul Lang Syne", o navio deixa o cais. E o pae, que encontrára a filha, soffre a dor de perdê-la novamente.

A VENTUREIRO, levando uma vida errante á cata da fortuna, Carl Bellairs, tambem é pae, mas um pae verdadeiramente extraordinario. Ainda joven, abandonou a mulher e a filha, ainda pequena. A esposa falleceu logo após, mas Lindsey, uma linda garota, fez-se ballarina, e detesta sinceramente o propr'o pae, a quem, fazia annos, não via.

Pae e filha encontram-se de maneira bastante embarciosa: quando sir Anthony contracta Lindsey para ballarina de seu Club. Lindsey sente grande prazer em mostrar-se desconfiada e resentida com o pae então gerente do mesmo club. Carl, no emtanto, experimenta assumir as responsabilidades que negligenciára por tanto tempo, quando Lindsey começa a compartilhar da companhia dos amigos de sir Anthony e de lord Vivyan. Pede-lhe que se case com Bill Strong, um joven americano, esforçado medico, de quem era ella noiva. O seu conselho, entretanto, surte effeito contrario.

No emtanto, em dadas circunstancias, Lindsey e Bill são accusados injustamente do roubo de uma

POr 1840, o mestre de dança da cõrte de Inglaterra chegou a Vienna encarregado pelo seu soberano de levar para Londres um habil chefe de orchestra que fõsse ao mesmo tempo o melhor compositor de valsas viennenses. Um moço hungaro, chamado Honka, dançarino da cõrte de Inglaterra e que em tempos vivõra em Vienna, acompanha o seu mestre de dança. Este pensa levar consigo Lanner, cuja reputaçãõ chegãra até às margens do Tamisa. Mas acontece que João Strauss,



A GUERRA DAS VALSAS

DA UFA

com — Fernando Gravy e Jeanire Crispin

primeiro violino de Lanner, acaba de abandonar o seu director de orchestra depois de uma discussãõ motivada por Franz, unico da bateria. Este, apaixonado



amigo de ha muitos annos de Strauss, consegue que seja elle quem vá para Londres. E' assim que elle vence a primeira batalha da guerra das valsas. Strauss nada em alegria. Lanner fica furioso, mas Kati e Franz ficam desolados com a ausencia do seu amigo. Franz tem de partir tambem para Londres com Strauss, cuja boa estrella tem de seguir. Lannes, porem, não se conforma com a derrota.

Na manhã do grande dia em que elle tem de comparecer perante a cõrte de Inglaterra. Strauss desapareceu mysteriosamente. Uma carruagem chegou; uma carta lhe foi entregue por uma mão fina e delicada: Strauss subiu para a carruagem e depois ninguem mais o viu. Franz calcula que elle voltará antes da noite, mas a rainha ordena a presença de Strauss para que elle lhe fale um pouco das suas valsas. Franz, em semelhante aperto, resolve-se a substituir Strauss. No momento em que elle se dispõ a ensinar á rainha os passos de uma valsa, entra por uma das janellas a musica de um das mais lindas valsas de Lanner. No pateo do palacio está reunido um formoso grupo de moças.

nado por Kati, filha de Lanner, não se preocupa com a sua parte, porque passa o tempo a olhar e a sorrir para a sua amada. Honka.

(Conclue na pag. 26)



Esperto contra sabido

Da PARAMOUNT
com — W. C. Fields e
Alison Skipworth

curando reparar a barca desmantelada, afim de que não seja cancelada a concessão. E os tios, que acham boa a companhia e o passadio, logo assentam ficar.

Pratt, empenhado em esbulhar os herdeiros, compra outra barca a "Fairy Quenn", e ajusta-se com o inspector de navegação para que este declare a "Keystone" incapaz para o serviço. Essa manobra é, porém, frustrada pela esperteza de Augusto, que propõe uma regata entre as duas barcas, alcançando a concessão a que fôr victoriosa.

Na vespera da perflia, aproveitando a noi-

(Conclue na pag. 55)

POR morte de seus paes,

Mary Sheridan recebe, como unica herança, uma barca, a "Keystone", quasi contemporanea da arca de Noé, e ainda por cima gravada com uma forte hypotheca. Tillie de Winterbottom, irmã do falecido pae de Mary, e seu esposo, Augusto de Winterbottom, são, com a joven, co-herdeiros dessa barca que mais parece um pontão carcomido pelo tempo.

O casal dos Winterbottom é um modelo de desalão. No momento em que começa a acção, Tillie deslumbra a China com as suas 50 primaveras, e Augusto, mais velho do que ella, anda á cata de fortuna nas frigidias planicies do Alasca. Os dois têm apenas em commum o ideal de viverem separados pela maior distancia possivel e de ganharem a vida por qualquer meio que não seja o trabalho honesto.

Um e outro resolvem regressar ao solo patrio: ella, porque perdeu na China até o ultimo vintem; elle porque sabe que, se continuar no Alasca, não tardará que algum mineiro resolutio o despache para o outro mundo; e ambos, porque os attrae a herança que vão dividir com Mary.

Por acaso, no Canadá, tomam o mesmo trem para os Estados Unidos. Nenhum tem grande prazer no encontro, mas, já que o destino assim o quiz, logo tratam de "depenar" trez, companheiros de viagem, que os convidam para jogar, e a quem levam até o ultimo vintem.

Chegando á villa onde mora Mary, são os dois informados por Phineas Pratt, advogado da familia, de que o patrimonio a herdar consiste apenas na tal barca que está a cahir aos pedaços. Mais informa Pratt que Mary insiste em não vender a barca, se bem que vá perdê-la por causa da hypotheca. Nem por isso deixa o advogado de offerecer a Tillie e Augusto mil dollars pela sua parte na herança.

Augusto e Tillie, que no fundo são dois "sabidos", logo desconfiam que Pratt não está tratando serio, e calculam que seja seu proposito arrebatá-la a Mary a concessão para o trafego do rio, dada em vida a seu pae.

Desentendendo-se com o advogado, vão procurar a sobrinha, encontrando-a installada na "Keystone" com Tom, o marido, e um filhinho encantador a quem chamam de "Rei". Tom, que é engenheiro, está pro-



**KATHARINE
HEPBURN**
SUA HISTORIA

Dos Studios

A ascensão de Katharine Hepburn, para a gloria, foi rápida, mas não foi facil. E não foram as dificuldades communs que se ergueram como barreiras aos seus passos; não fóram productores incapazes de comprehender a verdadeira arte e que criaram embaraços á sua caminhada pelas aléas floridas do triumpho. Os seus contratempores nenhuma outra "estrella" conheceram.

Sem aceitar suggestões de ninguém, ella nunca se subordinou ao mando de quem quer que fôsse, de accôrdo com as exigencias do seu temperamento independente e combativo. Durante toda a sua carreira ella se impôz a si mesma, sem se curvar á vontade imperiosa dos directores e sem attender ás imposições dos "studios".

Comprehendendo que a gloria no cinema é pro-

ducto de algo differente e fóra do commum, só dado aos verdadeiros eleitos da arte sublime, marcou a trilha do seu destino com toda a energia de sua ferrea vontade, disposta a vencer. E ella propria, dentro de suas qualidades e defeitos, construiu uma personalidade tocada de caracteristicos inconfundiveis, marcada de traços que despertassem commentarios e provocassem curiosidade. Mas até ella attingir o apogeu, quantos tropeços e quantas vicissitudes!... E a prova disso está no estranho "record" de que ella é detentora. E' a artista que maior numero de vezes foi despedida de uma companhia theatral!... Despedida depois que fez "The big Pond"; por não ter, ainda, concordado com o director, foi tambem dispensada dos "casts" de "Death Takes a Holiday" e "The

animal Kingdom". Quando ia fazer, na Broadway, "O Marido da Guerreira", foi, mais um vez, eliminada, mas os productores, vendo que ninguém como a grande Hepburn poderia viver aqueile papel, chamaram-na de novo. Foi dentro desse papel que o publico, pela primeira vez, prestou attenção á sua arte. Seu nome começou, então a se impôr e a sua personalidade a ser discutida. Temperamento inquieto, cheio de energia mas cheio, tambem, de ternuras bem femininas, agradou em cheio, levando a RKO Radio a attrahil-a para o cinema, certa de que naquella mulher cheia de qualidades havia uma grande "estrella" a se revelar. E os productores da poderosa fabrica lhe deram um papel que seria secundario, em "Victimas do Divorcio", se ella não o impregnasse da

sua personalidade cheia de clarões, elevando-a ás culminancias da figura vivida pelo grande John Barrymore. Logo ao dia seguinte da estréa desse "film" a critica fixou, com nitidez, os valores que marcavam a figura da estreada. E com abundancia de adjectivos começaram a estudar o caracter e o temperamento, caracteristicamente victoriosos, da singular mulher que vinha como uma novidade para brilhar no firmamento de Hollywood, cheio de "estrellas" de brilho já conhecido. E esses mesmos criticos que vinham clamando por uma figura nova, differente de todas que já eram conhecidas de mais, acharam em Hepburn a mulher que estava faltando ao cinema...

A nova "estrella", que começou a fazer uma revolução nos dominios da cinematographia, fez, logo em seguida, "Christopher Strong", com Ralph Forbes e Collin Clive. Veiu depois "Mannã de Gloria", em que ella se consagrou defini-



Lona André, da Paramount.

ramente. Todo mundo, nos Estados Unidos, se impressionou fortemente com o seu trabalho, ao lado de Fairbanks Junior e Menjou. A Academia de Ciências e Artes de Hollywood, dando-lhe seu magistral desempenho em "Manhã de Gloria", conferiu-lhe o premio de "a melhor interpretação do anno." Enquanto isso, a sua personalidade continuava a cartaz. As revistas mais famosas extendiam-se em commentarios, em columnas e columnas, ficando-lhe a mascara indecifrável nas suas caras, em trichromias irreprehensíveis. Os jornaes, por sua vez, discutiam a sua arte. Vem, a seguir, "As quatro irmãs", extrahido da popular novella de Louise May Alcott, film no qual ella apparece ao lado de Joan Bennett, Frances Dee, Jean, Parker e Paul Lukas, sob a direcção do director que a conhece melhor, George Cukor. Esse film marcou successo formidavel. Seu nome, então, fixou-se em alturas antes não attingidas por nenhuma outra "estrella". Este film esteve, tres semanas consecutivas, em exhibição ao "Radio Musical Hall", tendo sido assistido por 450.801 pessoas, attingindo a renda total de \$325.000, que, na nossa moeda equivale á cifra fabulosa de 4 mil contos de reis!...

Era a fama e a fortuna. A imprensa continuou a exaltar-lhe a personalidade. Seu nome se popularizou mais rapidamente ainda. Uma estação de radio pagou-lhe cinco mil dollares para se apresentar ao seu microphone, uma unica vez, a maior importancia até hoje paga por qualquer organização de radio, no mundo inteiro. Charles Chaplin, o genial Carlito, manifestou-se, tambem, sobre eila dizendo que é a artista que mais aprecia.

A RKO Radio pretende, agora, dar-lhe a representação de "Joanne D'Arc". Nas suas mais recentes férias Katherine appareceu na Broadway,

vivendo o papel principal de "The Lake".

Katharine Hepburn nasceu em Hartford, Conn. E' filha de um afamado medico cirurgião. E sempre foi prestigiada pela familia em toda a sua carreira artistica.

Os cabellos de Hepburn são de um castanho com nuances avermelhadas, olhos pardos, corpo flexuoso e delgado, cheia de vitalidade. Sua conducta em Hollywood, impressionou desde a sua chegada, pelo seu feitio retrahido, que não lhe permittiu fazer os mesmos espectaculos de exhibição, extra-ecran, familiares a todas as outras "estrellas". Ella quasi nunca é vista, em "clubs", nem vai a reuniões. Pouco amiga de grandes convivencias, tendo mesmo prevenção com os grandes grupos onde sua pessoa possa despertar curiosidade. Seus divertimentos predilectos são: tennis, golf, natação. Deita se, todas as noites, ás oito horas.

Sobre a sua mascara — ninguém diz se ella é bonita. ou feia.

E é nesse mysterio que está a chave de ouro de sua Gloria.

ESPERTO CONTRA SABIDO
(Conclusão)

te, Augusto consegue amarrar a "Fairy Quenn" ao trapiche, de modo tal, que a ninguém seja facil descobrir o ardil. Assim consegue a "Keystone", logo na partida, uma b'ca deanteira, o que lhe permite chegar a metá primeiro, após uma corrida cheia de obstaculos.

Alem do fracasso da regata, outro ainda maior soffre Pratt: o de ter de confessar, cedendo ás ameaças de Augusto, todos os roubos que cometeu contra o pae de Mary e contra esta mesma, como liquidatario da herança.

E deste modo passa ás mãos da joven e de seu espco o que legitimamente lhes pertence, e recebem Augusto e Tillie o quinhão que lhes permittirá prolongar o rol das suas perigosas aventuras contra os haveres do proximo.

Katharine
HEPBURN em
Manhã de Gloria
"MORNING GLORY" com
DOUGLAS FAIRBANKS, ADOLPHE MENJOU
★
DIA 23 NO
BROADWAY
E NO
★ **REX** ★

Trade Marlen, que figura ao lado de Willy Fritsch, em "Des jungen Dessauers grosse Liebe", alem de se ter revelado uma artista de indiscutíveis qualidades para a t'ela, é a irmã mais nova de Marlene Dietrich.

Em "Heróes sem patria", film que se destaca da vulgaridade dos the-mas cinematographicos,

DOS STUDIOS

pela grande movimentação de massas que apresenta, foi quasi todo filmado em Karbin, durante o pericdo agitado da guerra civil na China. Ao lado de Pierre Blanchar, Kathe von Nagy deixa de ser a "mulher bon-bon", a que nos haviamos habituado, para se revelar uma artista

dramatica de primeiro plano. Ucicky dirigiu essa pellicula com a sobriedade de tons e o realismo forte que o caracteriza.

Simone Héliard é uma das mais lindas mulheres que pertencem á equipe franceza a serviço da Ufa. "Un jour viendra..."

é o film destinado a apresentá-la aos olhos sempre avidos dos cariecas.

Georges Rigand que desempenha o principal papel masculino de "Tambour Battant" e é tambem o galã sorridente de "A' sombra da espyngé", dedica-se nas horas vagas á corrida de lanchas, "sport" esse em que já tem obtido óptimas "performances".

dirigidas por Kati Lanner que quer auxiliar seu pae nesta guerra das valsas.

Entretanto, amigo sincero de Strauss e defendendo o mestre de dança cujo julgamento não deve ser criticado, Honka manda afastar-se a orchestra das danças. Mas Strauss não apparece. No palacio de Buckingham, brilhantemente illuminado, toda a cõrte espera o maestro.

Strauss, a esse tempo, encontrava-se, furioso, na presença do commissario

A Guerra das Valsas (conclusão)

de policia britannica, a quem repete, pela decima vez, que elle goza das mais altas relações na cõrte. Fôra victima duma perfidia de Kati. Nesta situação desesperada, Franz resolve-se definitivamente a substituir Strauss. Veste-lhe a casaca, põe um bigode postico e eil-o no estrado. Estava tão bem disfarçado que Kati não o reconheceu.

A rainha, encantada, pede ao pseudo Strauss que improvise uma valsa. Que horror! Franz vae perder a guerra? Felizmente para elle, encontra em uma das algibeiras da casaca de Strauss um lenço do grande musico, coberto de notas de musica, porque Strauss tinha a mania de notar no lenço as melodias que lhe acudiam á imaginação. Finginde limpar a

fronte ao lenço. Franz foi lendo a musica do lenço. Começou então a escrever as differentes partes da nova valsa para a orchestra.

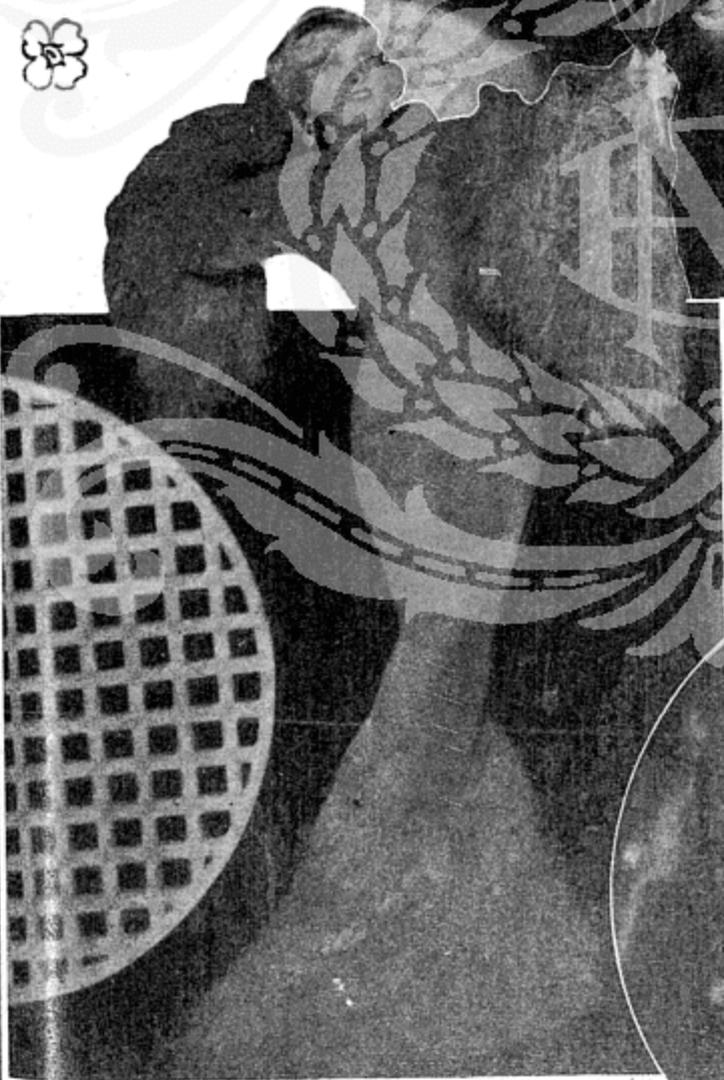
Acontecendo que essa valsa era precisamente de Lanner que a ditava, a Strauss. Nesse momento surge no salão o verdadeiro Strauss. Franz volta para junto da sua querida Kati, que deixando a Strauss a victoria ingleza, volta para junto do pae, em Vienna, a continuar a guerra das valsas.



No studio... Gary Cooper, Miriam Hopkins e Fredric March.

Josselin: Gael com o seu ar melancólico de moçoila arrependida vai ser vista aqui em "Tambour battant", ou seja, o film que no genero opera buffa veu revelar mais um aspecto fascinante do cinema e pôr em cheque os limitados recursos do theatro mesmo na realização de obras que pareciam, até aqui, ser do seu exclusivo dominio.

Renate Muller apparece em "travesti" em "Viktor und Viktoria". Disseram os criticos europeos que muito "marmenjo" do "high-life" não sabe utilizar-se tão bem de uma casaca como a interessante "estrella" da Ufa.



Mae West,

a mais sensual vampiresca "estrella" da Paramount

DOS STUDIOS

O pae de Ida Lupino, contractada da Paramount, acaba de ser posto á testa de uma empresa productora de films inglezes, com o capital de tres e meio milhão de dollares.

Aconselharam Ida a escrever-lhe para aproveitar a situação, ao que ella respondeu:

— E' inutil. Meu pae sempre fez questão de que eu abrisse caminho na vida por mim mesma.

Em vez de ir como todos os annos para Paris, conforme é costume, Travis Banton, o *costumier* da Paramount, foi este anno para Palm Beach.

O grande estylista da moda em Hollywood proclama-se convencido de que os Estados Unidos, e não Paris, é que dictam a moda ás lindas Evas das terras do Tio Sam.

Ainda ha desta gente... Quando chegou a hora da mãe de Dorothy Dell assignar com a Paramount o contracto de serviços de sua filha, que é menor, de balde os representantes da empresa a mandaram procurar por toda a parte.

Descoberto após dois dias o seu paradeiro, ella confessou não saber em que local ficava o studio em que trabalha a filha. Não sabia, nem queria saber! — accrescentou.

Mary Boland é uma apaixonada da aviação, mas fica tonta se olha para o chão de qualquer altura mais consideravel.

O casal Georges Burns-Gracie Allen observa uma pratica por certo interessante: é que Burns, que é na tela o elemento sério e circumspecto da dupla, quando se trata de acautelar ou empregar os fundos matrimoniaes, nunca toma nenhuma decisão sem previamente consultar Gracie, que é a maluça da dupla.

Abordada pelos reporters quando chegou a Hollywood para iniciar a sua carreira cinematographica, sob a bandeira da Paramount, Ethel Marman, "estrella" dos palcos musicaes de Nova York, declarou que "já havia sido escandalizada por George White, mas que não fôra ainda glorificada por Ziegfeld".

Declarou tambem que os seus artistas predilectos no cinema são Wallace Beery e Katherine Hepburn.

Aunque parezca mentira, Alison Skipworth iniciou a sua carreira theatral como contralto em programmas musicaes dos theatros de Londrse.

Na lista das mais populares "estrellas" do *broadcasting* americano, George Burns e Gracie Allen figuram em terceiro lugar.

Designada já para tres films "Cleopatra", "Honor Brighth" e "Here is my Heart", parece pouco provavel que caíha a Claudette Colbert o papel principal de "52 Weeks for Fleurette", conforme planejado pela Paramount a principio.

Parece que esse encargo recahirá sobre Helen Mack.

George Raft diz que deve o que sabe, como sapateador e dançarino, ao seu amigo de outróra, Maurice, o bailarino mais notavel de ha quinze annos.

Desde que concluiu a filmagem de "Search for Beauty", Buster Crabbe calça as luvas de box e faz diariamente uma meia duzia de *rounds* com um boxeur profissional de Hollywood.

E para que? Para fazer jús ao papel de pugilista de "Amar não é Peccado!", e assim poder apparecer ao lado de Mae West, a *great attraction* da téia moderna.

"Ready to Love" é a historia de uma innocente *sophisticated* que sacode toda uma pequena cidade num furor de ciumes quando involuntariamente ganha as sympathias da communiidade masculina, faminta de amôr.

A Paramount adquiriu os direitos de filmagem da novella, e destina-a a ser interpretada na téia por Ida Lupino.

"Herões sem patria", cujas ultimas scenas acabam de ser concluidas em Neubabelsberg, talvez seja estreado no Rio antes mesmo de seu lançamento em Berlim.

Rosine Dérean é outra francezinha que a Ufa adquiriu para o seu "cast" de mulheres formosissimas. Nesse terreno, França e Alemanha estão de mãos dadas. A arte tudo justifica. Rosine virá deliciar os "fans" brasileiros ao lado de Jean Murat, em "O Espião de Veneza".

Kate Von Nagy acaba de ser pedida em casamento por um conde austriaco. Até agora não se sabe o que respondeu a diva hungara ao seu pretendente... Mas, tudo faz crêr tenha elle se esbarrado redondamente na cerca de espinhos d eum formidavel não.

Wolf Albach Retty não gosta do tumulto das cidades. Prefere a solidão dos campos ás delicias de um bom "fox" num salão encerado... Parece que ha na sua vida um drama sentimental qualquer... Mas por enquanto nada se pôde afirmar de positivo.

A Ufa resolveu enveredar pelo terreno das pelliculas de montagens luxuosas e musicas divertidas. Acha, e com razão, que a pobre humanidade precisa mais do que nunca distrahir o espirito das coisas tristes deste seculo nevrotico.

Um grande director russo acaba de ser contractado pela Ufa. Mas ha tanto mysterio em torno do caso, que a imprensa, apesar de todos os seus esforços, ainda não lhe conseguiu apañhar o nome.

Rose Barsony, a bailarina acrobatica da Ufa, no decorrer da filmagem de "Danubio dos meus amores", fez tantas diabruras com as pernas, que acabou magoando seriamente um dos seus preciosos joelhos, numa queda desastrada. Rosy é considerada o "diabo loiro" da cinematographia européa e tem "fans" até no Polo Norte.

LITERATURA FRANCEZA

Curso completo de Literatura Franceza

pelo Dr. Edgard Liger-Belafr. — professor auxiliar de francez do collegio Pedro II. — titular da cathedra de Literatura Franceza do Collegio Jacobina.

Aulas ás terças e sabbados, das 4h.15 ás 5h.15, no salão de conferencias da Associação Brasileira de Educação (A. B. E.) — Edificio São Francisco, — 91, Avenida Rio Branco — 10.º andar.

As aulas que serão dadas exclusivamente em francez, terão inicio, sabbado, 5 de Maio.

Inscrições abertas na A. B. E.

Informações na A. B. E. e, pelo telephone: 5-3063

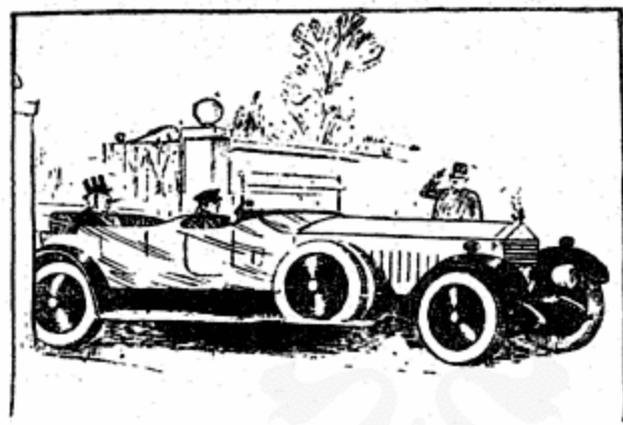
PONTO

MEU doce amor: —
 Não te quero modifi-
 cado como estás. Vejo
 claramente o teu afasta-
 mento e não quero que
 te queiras por piedade.
 Parte! Deixa-me só;
 faz a tua vontade, bem
 como; façamol-a, portan-

Já te disse uma vez
 que tudo era illusão; foi
 um sonho bom demais
 para ser vivido...

Deixa-me! Não te des-
 pedes, pois eu não ac-
 ceitaria nada de ti nesse
 estado. Que fazer? Sou
 tola e ciumenta mes-
 mo daquelle a quem que-
 ri. Tive a certeza de que
 te querias; não vi si-
 não hoje no meu espelho
 o unico que me fala a
 verdade, os fios de pra-
 que começam a se mis-
 turar no castanho alou-
 do dos meus cabellos e
 sabem só hoje é que
 cheguei á conclusão de
 que não poderias querer
 estar, desejar a mim,
 já estou no occaso
 da vida.

Vae, mas ama! A vida
 em amor assemelha-se
 a uma flôr sem perfume,
 um dia sombrio e tris-
 te. Bem sei que não é
 preciso que eu te diga
 depois, com o esplendor
 da tua mocidade, has de



COISAS INEXPLICAVEIS... — Por que será que um
 carro tão grande raramente conduz mais de um cas-
 sageiro?...



Enquanto que um como este...

FINAL

amar muito; has de amar
 a quantas appareçam em
 teu caminho.

Vae! Antes, porem, de
 ires para sempre, deixa-
 me dizer-te que vou sen-
 tir muito a tua falta; já
 sinto dentro de mim o
 grande vacuo que deixa
 o termino de alguma coi-
 sa que foi mais do que
 sorvi na taça rubra de
 tua bocca...

Terei saudades ainda
 da caricia quente e ma-
 cia do teu olhar de vel-
 ludo, do teu abraço ter-
 no, de ti emfim...

Deixa-me, por Deus,
 mas, antes de findar esta
 tortura, toma-me ainda
 uma vez em teus braços,
 beija-me com ardor, abra-
 ça-me fortemente, mata-
 me de amor, se quizeres,
 mas deixa que eu morra
 sentindo-te a ti...

Quando eu despertar
 novamente, orphã de
 amor e de carinho, e es-
 magada sob o peso de
 uma grande saudade,
 perguntarei a mim mes-
 ma: "De onde e por que
 me vem, Senhor, esta
 sôde abrazadora, esta an-
 sia incontida de felici-
 dade?... Sim, eu terei
 sôde de felicidade, porque
 ella é a vida e esta se
 resume no amor!

CABELLOS BRANCOS

«CARMELA» em poucos dias devolve aos CA-
 BELLOS BRANCOS a sua côr primitiva e exa-
 cta: loura, castanha ou negra. «CARMELA» não
 tingue porque não é tintura: é uma loção deli-
 ciosamente perfumada, muito usada pela alta
 sociedade dos mais adiantados paizes do mundo.
 «CARMELA» não mancha as mãos nem as roupas
 e é absolutamente inoffensiva.

PROSPECTOS GRATIS

Araujo Freitas & Cia. — Ourives, 88 — RIO

LOÇÃO CARMELA

ONDULAÇÕES
 PERMANENTES
 CABEÇA INTEIRA

12\$000

SEM ESTE ANUNCIO

50\$000

Av. RIO BRANCO, 173
 Elevador



TELEPHONE 2 - 00.90

ELIXIR DAS DAMAS

o Remedio das Senhoras

LEIAM os romances de *Fon-Fon*, que se encontram á venda na
Empresa Fon-Fon e Selecta S. A. á Rua Republica do Perú, 62
 (Antiga da Assembléa) — Rio.

O DIRECTOR DO HOSPICIO

ESPERE um pouco, senhor, escute-me. O que vou dizer não lhe será indiferente... Nada mais estranho poderá o senhor ouvir neste hospício... Espere...

— E' que... o director me chama... Não está ouvindo?

— Estou. O director tem seus motivos para abreviar a nossa conversa. Mas não quero crer que o senhor seja um insensível nem um egoista desses que, ao chegar á rua, sacodem a poeira de horror que levam deste inferno. Receia que o meu caso o impressione demais? Ouça-me... Ouça-me, e talvez se resolva a interceder para que termine o meu prolongado supplicio. Observe disfarçadamente o director. Não o acha nervoso? E diga-me: não será o senhor um jornalista, acaso? Eu poderia fornecer-lhe, com a minha narrativa, material abundante para uma extraordinaria chronica.

— Sim. Sou um jornalista, pouco mais ou menos...

— Percebi isso, logo que o vi. O director e os medicos mostram-se muito attentos com os jornalistas, porque temem o escandalo das chronicas em que se denunciavam os tratamentos deshumanos e os erros scientificos deste antro. Não querem que os senhores conversem com os "enfermos"... Até as enfermeiras se occupam em distrahir os senhores... E os senhores, quando sabem, acreditam que visitaram um manicómio. Mas nada viram, nem ouviram! Só lhes mostram os jardins, o vestibulo, o theatro, a lavandaria e as duchas... Para saber o que é um louco, meu caro senhor, não basta vê-lo a aquecer-se ao sol, entre o arvoredado. E' preciso penetrar o segredo da sua demencia. E' preciso ouvi-lo. Escute... Ah! o director aproxima-se! Mostre-se energico, senhor, e diga-lhe que lhe interessa conversar algum tempo comigo.

— Bem... Apesar de que... Oh! perdôe-me, senhor director, se o fiz esperar...

— Não ha que perdoar, meu amigo. Vinha convidá-lo a visitar o pavilhão das mulheres.

— Irei com muito gosto. Estarei á sua disposição dentro de cinco minutos... Não lhe desagrada que eu me entretenha esses cinco minutos a conversar com este enfermo?

— Absolutamente. Este enfermo lhe falará das perseguições que é victima.

E' na verdade um caso interessante. Até já, então. Esperal-o-ei á porta do pavilhão.

— Viu o senhor, cavalheiro? Que serenidade, a do director. Mas a sua tranquillidade o assombrará ainda mais quando o senhor souber que esse homem é o amante da minha mulher!

— Devéras?

— Sim, senhor! E imagino que o senhor está pensando: "Lá começa a manifestar-se a loucura deste sujeito!" Mas não, senhor! O que acabo de dizer é a pura verdade. E esse é tambem o mo-

tivo da minha internação. Estou sequestrado pelo amante da minha mulher. Imagina o senhor cousa mais horrivel? Mas afaste-mo-nos um pouco. Alguns companheiros de internação começam a agitar-se por causa da sua presença aqui. Não vá o director aproveitar-se dessa circumstancia para separar-nos e impedir que o senhor fique sabendo de tudo. Sei rei breve. Entrei aqui como o senhor, sim: no caracter de visitante, de curioso, acompanhado por esse mesmo director e por esses mesmos guardas. Era uma bella tarde de verão, apesar de um tanto abafada. Entrei pela porta ás duas e meia... e nunca mais sahi! Talvez não saia nunca mais!

"Alguns mezes antes, viéra eu morar nesta região, cujo ameno clima me ajudaria a restabelecer a minha saude vacillante. Adquiri o pequeno castello que o senhor deve ter visto no caminho para cá, uns dois kilometros antes de chegar a este hospício. Esperavamos ficar eu e minha mulher, até o fim do outomno. Eva — minha mulher chama-se Eva — parecia enfadar-se aqui. O acaso nos pôs em contacto com o doutor Beaumieux, director deste hospício. Começamos a fazer relações. As visitas se multiplicaram. E logo o doutor Beaumieux se tornou nosso amigo intimo. E minha mulher cedeu ás insinuações desse canalha... Eu não podia, como tantos outros, fingir que ignorava o facto. Seria, no entanto, inexacto dizer que o sabia, mas um surdo mal estar me permittia perceber a verdade das cousas. Sentime ciumento, terrivelmente ciumento. E os meus ciumes, como o de todos os temperamentos exaltados, manifestou-se em crises absurdas e violentissimas. Conhecendo a minha propria debilidade, eu lutava contra ella: desconfiava de mim mesmo, esforçava-me para aplacar a minha nervosidade. Nada disse. Espione observei, vigiei... Nenhum gesto, nenhum acto, nenhuma palavra me permittiria dar redeas soltas á minha ira. Os infames dissimulavam. Mas eu continuava "sentindo" a minha desgraça, apesar de me faltarem provas positivas della. E tal estado de angústia e de perturbação interior vinha

PASTA DENTIFRICA

Oriental
LIMPA
REFRESCA
PURIFICA



Os incomparaveis perfumes da elite:
 AGUA DE COLONIA
 LOÇÕES
 EXTRACTOS
 PO' DE ARROZ
 CREME
 BRILHANTINA etc.
 A' venda nas principaes casas.

De Henry Kistemakers

sitar o hospício. O doutor Beaumieux nos havia convidado para isso varias vezes. Um indefinível sentimento de repugnancia me fazia adiar a visita. Ah! Por que cedi. naquella tarde? Era talvez o meu destino!

"Beaumieux foi buscar-nos. Saímos os trez de automovel, elle conduzindo o carro, e chegámos ao hospício. A porta abriu-se, para logo fechar-se sobre nós. A lavandaria, as salas de hydrotherapia, a enfermaria... tudo o que o senhor viu esta tarde, eu o vi tambem naquella visita. Observei os calabouços revestidos de ferro, em que passeavamos silenciosamente fantasmas de homens. Ouvi os gritos selvagens dos loucos furiosos. Inquieto, pungido, sentia repercutir em mim a tragedia de todos aquelles seres... Eva parecia amedrontada. Creio que naquelle momento tambem ella soffria. Mesmo as almas infames têm um momento de rebelião ante as próprias canalhices. Afinal, Beaumieux introduziu-nos no theatro. Mostrou-nos os bastidores e os dispositivos mecanicos. Depois, por uma pequena escada inundada de sombra, dispuzemo-nos a subir ao palco. Eu estava tão nervoso que não podia subir os degraus. Beaumieux gritou: "Um momento! Vou accender a luz!" Nesse instante, uma fórma feminina surgiu de detraz de uma porta, precipitou-se para mim e tomou-me as mãos: "Salva-me, senhor!" Era uma louca. Como havia podido occultar-se ali? Retrocedi, espantado. Os meus olhos se haviam habituado á escuridão. No alto da escada vi nitidamente a cabeça da minha mulher apoiada ao hombro do director. Sorviam-se os labios num grande beijo. Ignoro, senhor, o que se passou naquelle rapido segundo. Foi uma desordem indescriptivel, um soffrimento que não sei exprimir... Mas consegui conservar o dominio dos meus nervos. Uma lampada acabava de accender-se. Quando Eva e Beaumieux surgiram dos bastidores e se apresentaram no palco, subi rapidamente as escadas, seguido pela louca. Esta gritava, implorando soccorro. Achavam-nos os quatro na ribalta. Junto á desgraçada, mais pálido e mais aterrado que ella, eu permanecia immovel, de olhos fixos no doutor Beaumieux. E, de repente, com voz rouca, ordenei: "Eva, saiamos daqui!" Creio... creio que um vago sorriso assomou aos labios do director. Esse homem, como o senhor sabe, é do-

tado de um extraordinario sangue frio. E é tambem valente. O perigo causa-lhe uma certa volupia... Avancei para Eva, como um automato. Minha mulher retrocedia... Eu estava hypnotizado por aquelles labios brancos e tremulos que o canalha havia beijado... "Saíamos daqui! Quero sahir daqui immediatamente! Ouves, miseravel?"

"Eva teve medo e gritou: "João, que aconteceu? Enlouqueceste?"

"Então Beaumieux disse tranquillamente: "Sim, está louco, minha senhora. Já tem a senhora a prova decisiva de que necessitava". O medico tinha razão. Naquelle momento eu me sentia enlouquecer.

"Uma nuvem rubra fluctuou ante os meus olhos. Um accesso de furia sanguinaria apoderou-se de mim. Dei um salto, agarrei pelo pescoço o doutor Beaumieux e apertei-o, apertei-lhe a garganta com raiva. Eva deu um terrivel grito. A louca pôz-se a rir convulsamente e depois a rugir, a

rugir como ruge uma féra moribunda. Beaumieux fazia esforços desesperados para livrar-se das minhas mãos. Mas eu vi que os seus olhos rolavam, mostrando o branco, e que a sua lingua se distendia, tumefacta, entre os dentes. Ah! senhor! Os guardas que nos esperavam em baixo ouviram os gritos... e acudiram depressa demais. E em um abrir e fechar de olhos reduziram-me á impotencia!

"Flegmatico, Beaumieux concertou a gravata e gritou: "A camisa de força!" As minhas energias haviam quintuplicado. Com um safanão brusco, soltei-me dos guardas, que quizeram tornar a apoderar-se de mim. A soccos, a ponta-pés, a dentadas, defendi-me por muito tempo. Os guardas estavam todos ensanguentados quando, depois daquella luta tragica, puderam atirar-me ao calabouço.

"No dia seguinte, um grupo de pessoas appareceu na minha cellula. Os medicos legistas interrogaram-me. Conteí a minha dolorosa historia. Escutaram-me friamente e, como resposta, um delles me perguntou se entre os meus ascendentes havia algum alcoolatra. A um canto, Beaumieux conversava com os magistrados. Algumas palavras chegaram aos meus ouvidos: "Degenerado... Crises epileptiformes"...

"Retiraram-se sem me cumprimentar. Um odio espantoso apoderou-se de mim. Pulei até a porta, dando gritos selvagens. só o silencio acolheu, piedoso, as minhas palavras.

"Silencio... Ha dois annos o silencio é, tambem, a minha tortura. Não posso falar a ninguém. Os doentes não me escutam... O director esquivava-se de mim... Vivi muito tempo entre os loucos "agitados", entre esses enfermos que contrahem constantemente o rosto em caretas desoladoras. O meu cerebro se foi gastando na inútil rebelião. A minha furia abandonou-se, á medida que branqueavam, com incrível rapidez, os meus cabellos... Por isso figurei licje entre os tranquillos. Deixame solto, como a um cachorro domestico e manso. Nem o proprio director tem nada a temer de mim. Póde aproximar-se da sua victima com todo o cynismo. Eu sei, eu "sinto" que elle continúa a ser o amante da minha mulher. Mas não me restam já esperanças de abandonar este inferno. Se o senhor, que é jornalista, quizesse

(Continúa na pag. seguinte)



Dr. Neves-Manta
DOENÇAS NERVOSAS
E MENTAES
(Psychanalyse)

Rodrigo Silva, 30
 1.º ANDAR
A'S 5 HORAS

O TODO-HUMANO

V A D I A

No Eden. O homem dormia... Nesse instante
Foi que o Criador fez a mulher... E havia
Pureza, perfeição, arte, poesia,
Naquelle corpo de belleza estuante!

Foi assim, da costella palpitante
Do homem-primeiro que, afinal, surgia
Esse poema de carne em que ha a mestria
Do Poeta-Deus, que o faz a seu talante...

O homem, sózinho, é uma metade-activa...
A mulher, esse assombro, a outra metade:
A divina metade que a outra inferna...

E homem-mulher... é o todo-ternidade,
Quando o fogo-amôr sacro se reaviva
Na glorificação da posse eterna!

Todos dizem que és tu muito vadia,
Porque cantas assim, meu lindo amôr...
Cantar... sempre cantar... Philosophia...
Pois a cantiga é o bálamo da dor.

E's cigarra... Sim... cantas noite e dia
Entre perfumes de um jardim em flôr,
Espalhando na vida feia e fria
Um pouco de lyrismo e de calor.

Vivendo a trabalhar, na luta diaria,
A formiga — coitada! — é uma usuraria
Que não sente a belleza do infinito...

Vibre, pois, lá no azul do céu teu grito!
Cantar... sempre cantar... Philosophia...
Em gloria ao sol, em gloria a Deus... Vadia!...

ALZIRO ZARUR

PAULO FREITAS

ocupar-se do meu caso... Posso
fornecer-lhe outros dados... Oh!
Lá volta o director!

.....

— Cavalheiro, desculpe-me, mas
devo pôr termo a essa conversa-
ção, que parece interessar-lhe tan-
to. E' tarde... E se quizer visitar
o pavilhão das mulheres...

— Estou á sua disposição, senhor
director... Interessou-me muito,
com effeito, a palestra com esse
"enfermo", como os senhores di-
zem... As suas confissões me per-
turbaram. Não posso negá-lo...
Por onde? Por aqui? Queira pas-
sar primeiro...

— Ah! sim! Esse enfermo sus-
tenta que sou o amante da sua
mulher... Pobre homem! Os ciu-

O DIRECTOR DO HOSPICIO-(conclusão)

mes constituem uma das mais
horribes fórmãs da loucura. Te-
nho diversos exemplares de ciu-

mento... Este é o pavilhão das
mulheres. Passe. Passe o senhor
primeiro... Mas, que é que tem,
meu amigo? A narração do enfer-
mo o pôz assim tão nervoso? Do-
mine os nervos, meu caro! Arre!
Ahn... Perdõe a minha indiscre-
ção: não tem o senhor, entre os
seus ascendentes, alguma alcoola-
tra? Mas... que tem, amigo?

— Que tenho? E você me per-
gunta? Você, seu canalha! Fale!
Confesse! Onde está minha mu-
lher? Você a encerrou aqui e a
tem sequestrada! Agora compre-
hendo... Você era amante da mi-
nha mulher! Você a aconselhou a
fugir! Miseravel! Miseravel!

— Ah! Ah! Solte-me! Guardas!
Guardas! Socorro! A camisa, a
camisa de força para este louco!...



Sem ASTREA
não ha hygiene.

Sem hygiene
não ha saude

Hygiene é a Saude do
corpo.

Saude é a alegria da alma.





scriptores e livros

Laudelino Freire — SELETA DA LINGUA
PORTUGUESA — Civilização Brasileira
S. A. — Rio — 6\$

Crisantheme — CARTAS DE AMOR
E VICIO — Ed. Calvino Filho —
Rio — 5\$

MESTRE insigne da nossa lingua, membro illustre da Academia de Letras, o sr. Laudelino Freire é um infatigavel trabalhador. As suas obras são notaveis pela erudição, pelo cunho de utilidade, pela somma de ensinamentos. Não destôa dos seus trabalhos anteriores esta *Seleta*, organizada e annotada para uso das escolas. O autor, numa advertencia preliminar, informa ao publico acerca do methodo que presidiu á confecção da obra.

"Não mira o presente livro outro alvo que o de ser util á mocidade e, em geral, a toda gente estudiosa.

"A' sua feitura presidiu o critério de cuidada seleção de trechos em que se vasam bons pensamentos em forma de extreme vernaculidade. Escolhidos para de modêlo servirem, nêles se deparam a correção, a propriedade e a pureza unidas á naturalidade, á concisão e á harmonia, qualidades essenciaes do bom escrever. E nem licito seria, num livro de leitura, deixar de ter escrupuloso tento na escolha do que pode e deve pôr-se em mãos do aluno, a quem de inicio já se faz mister incutir o amor da lingua, e ensinar os requisitos fundamentais da expressão escrita, sem o que habilitado não ficará a usar de linguagem puramente vernácula, tanto nas palavras como na frase.

"E' das escolas, a primaria principalmente, por onde todos passamos, que o aluno ou sai aparelhado para escrever correto, ou destinado sai a ser mais um alvíão a destruir a vernaculidade. A falta do aprendizado fundamental do idioma é mal de que difficilmente se livram os que desde o alvor da vida já se mostram descuidosos e desamorados. O escrever e falar lidimamente é requinte que não cabe a todos. Nem todos podem ser Vieiras ou Ruis. Mas, como diz Castilho Antonio, entre a perfeição esmerada e a incuria ignóbil, entre o classicismo e o barbarismo, há um meio termo que todos devem forcejar por atingir."

Esta apresentação do livro diz o sufficiente para bem comprehendê-lo. A selecção dos trechos é realmente admiravel.

A derradeira pagina é de Hermes Fontes, o nosso querido companheiro de FON-FON, inesquecível e desventurado amigo, o poeta fulgurante nascido em Sergipe, que pelas proprias mãos procurou, na morte, o socego para o seu torturado coração. Bastava esta homenagem do autor para justificar o nosso apreço ao trabalho, si outros meritos não o recommendassem ao acolhimento publico.

Leonor H. Porter — POLLYANNA —
Comp. Edit. Nacional — S. Paulo — 3\$

MONTEIRO LOBATO traduziu, para a nova biblioteca das moças, mais um volume de agradável leitura e enredo facil, e que dispensa maiores referencias para garantia do êxito da edição.

O titulo deste livro é demasiadamente suggestivo. Cartas maravilhosamente bem escriptas, urdindo um romance sensacional. Do amor, a autora pensa muito mal, pela bôcca das figuras movimentadas na têla da Vida. Mas, talvez por isso, a singularidade dos conceitos acerca de materia tão profunda provoca ardente curiosidade ao leitor.

Do vicio, temos tambem idéas saborosas... Emfim, amor e vicio, misturados, pôdem muito bem dar um excellent apperitivo.

Não faço favor em reconhecer os méritos excepcionaes de Crisantheme, como escriptora. Tenho que, entre as nossas intellectuaes, nenhuma se lhe avantaja na segurança, na posse plena da arte de escrever. E' completa, é perfeita, cuita, tem o dom de encantar. A sua obra é solida e interessante. Este livro, principalmente, consagraria definitivamente Crisantheme, si ella não fôra já consagrada. As cartas, segundo a autora, são verdadeiras, entregues que lhe foram por certo politico influente.

"Anna-Maria, Claudia Bezerra, Sergio de Oliveira e Flavio de Mendonça vivem, hoje, entre nós, frequentando o Copacabana, o Lido e algumas outras casas em que o vicio tornou-se uma fórmula elegante de se esquecer a... vida."

"Laura de Oliveira acabou desquitando-se do marido demasiado... scientifico e habita, presentemente, com um *chauffeur*, ao qual sustenta e que a surra de quando em vez, como prova de amor.

"Quanto ao felino amante de Anna-Maria, este, dá-se, agora, ao sport de seduzir normalistas românticas e de cultivar o sentimentalismo de varias senhoras idosas e ociosas e a que os aspirantes da marinha appellidam graciosamente de... *navios-escolas*. A unica victima real de toda essa comedia, parece ter sido o pequeno Marcello Avellar, que morreu de *grippe* no Amazonas, naturalmente, por usar em épocas frias, de ligeiras... camisas de mulher... Inverte os nomes de todos esses personagens, curiosos e divertidos e penso não desagradar ao dito procer, figura, hoje, de alto relevo na situação, publicando as missivas que elle me confiou, sublinhando a entrega com um sorriso... canalha no canto dos labios, grossos e sensuaes, de brasileiro, vaccinado, politico e diplomata, useiro e veseiro, na arte de virar as jaquetas pelo avesso. Elle que me desculpe esse rotulo... um tanto fantasista, mas traçado afim de que não se descubra o seu representante. As arvores elevadas attrahem quasi sempre os raios e os papagaios; não é verdade?"

Como vêm, a autora satyriza tudo, offerecendo ao leitor paginas que fazem sorrir e que tambem fazem pensar... O amor e o vicio! Afinal, que valeria o mundo si elles não existissem?...

Manoel de Barros

O THEOREMA DE

AO saber que o Gymnasio Pedro II acabava de abrir um curso nocturno especializado, para maiores, onde todo o programma se faria em trez annos, Waldyr Bastos foi immediatamente á secretaria do collegio pedir informações e, depois de alguma hesitação, afinal, matriculou-se.

Waldyr Bastos, rapaz intelligente, de uns vinte e poucos annos, trabalhava numa grande firma de artigos electricos. Começou elle a sua vida naquella casa como *office-boy*, com o formidavel ordenado de cincoenta mil réis mensaes. Isto, no emtanto, permittira-lhe estudar á noite e ao cabo de algum tempo tirou o curso commercial.

Justamente naquella occasião, abriu-se uma vaga de ajudante de correspondente na firma em que trabalhava, vaga essa que preencheu, passando a ganhar trezentos mil réis. Depois, foi augmentado para quatrocentos e, em 1930, com a revolução e a crise, rebaixado vinte por cento.

Quando o mundo acabou por familiarizar-se com a crise e novos contractos de grandes empreendi-

mentos se foram firmando, Waldyr, como outros certamente, queixou-se de muito serviço e pequena remuneração e os vinte por cento lhe foram devolvidos. E, assim, depois de treze ou quatorze annos de trabalho, o rapaz ganhava um ordenado miseravel.

Nos circulos dos empregados no commercio, de ha muito, commentava-se a absoluta necessidade de instrução superior. Sómente aquillo poderia afrouxar o machinismo enferrujado de sua intelligencia, despertar do pessimismo chronico que os dominava e fazê-os idealizar uma vida mais rendosa, talvez, no exercicio de uma carreira liberal.

Waldyr Bastos pouca attenção prestava ao assumpto.

— Ora essa! — dizia elle. — Recomeçar agora? Trez annos de gymnasio, cinco ou seis na faculdade! Quem tem paciencia? E mesmo que tivesse, poucos "doutores" vagam por ahí "promptos" e por felizes dar-se-iam com uma

collocação de trezentos mil réis?

— Mas, entenda, homem, — tentavam persuadi-lo: — aquillo tudo é provisorio. Por emquanto, somos muito materialistas para pensarmos só em hoje; o que não nos deixa dormir é o amanhã. Na época em que vivemos, o que pode sustentar o nosso interesse, a nossa ambição de existir é apenas o possivel éxito de amanhã, a possivel gloria no futuro! Morrerão os velhos, terão que vir para os jovens e, destes, somos nós os mais velhos, cabe a nós a primogenitura, que seja temporaria, mas temos que conseguil-a, sob todas as condições, senão, pelos mais novos seremos atirados ao chão e pisados...

Alguem observou:

— Não é tanto assim. Esquece que o mundo não fica parado, esqueces que, brevemente, virá algo que, de uma só vez, reformará a psychologia de toda a humanidade! Instrução superior não passará de uma especie de aperfeiçoamento da respectiva profissão, e entre profissões não pode haver differença; o peor é que... que... até lá, não vejo para mim futuro...

Riram-se.

Desconfiava Waldyr Bastos de cursos particulares e diplomas falsos e, por conseguinte, quando o Pedro II deixou abertas suas portas tambem durante a noite, não perdeu tempo.

Admirado, pálido de uma excitação feliz, parou no limiar da

CÔRES modernas

mas que não desbotam!

NÃO é vantagem bordar com linhas só de côres modernas e sim conservar o bordado sempre bonito, como novo. Isto só se consegue com as linhas Mouliné (Stranded Cotton) marca "Ancora" — macias, resistentes e sortidas em 350 côres differentes, firmes e garantidas. Não desbotam e nem perdem o brilho, ficando sempre como novas. Faça questão que lhe dêem sempre linhas marca "Ancora". Entre muitas outras vantagens, as linhas "Ancora" agora vêm em meadas que não se embarçam e nem se desmancham.



Mouliné (Stranded Cotton) Marca

ANCORA

Beijaflores
é
o legitimo
sabonete
de
Eucalypto

PYTHAGORAS

que, desde então, per-

Uns sessenta rostos cansados, os olhares fitos no professor; bellos pretos, encarpinhados de negro, a par de cachos loiros de uma joven branca; rugas profundas sulcando fronte pensativas e olhos ingenuos, brilhantes, largamente abertos como de estudante; e, quando pegaram em lápis para anotar alguma explicação, deparou allianças — paes, mães, que deixaram filhos em casa alheias e vieram, depois de um dia de labuta, ouvir attentamente as palavras dos professores e preparar-se para uma vida nova, uma vida independente.

Waldyr assiduamente frequentava as aulas. Sentia-se feliz, sentia-se como uma criança grande; revivia o passado entrelaçado de dias tristes e pesados; rememo-

rava os primeiros annos de escola, quando era obrigado sempre a começar, interromper e outra vez recommençar o estudo, nunca conseguindo levar a fim cousa alguma.

Entre os professores e alumnos reinava uma camaradagem construída numa comprehensão e reconhecimento mutuos; as aulas eram de vez em quando, acompanhadas de conversas agradaveis, sobre litteratura, philosophia, feminismo, politica e, não raro, um gracejo ou anecdotia bem contada provocava entre alumnos e professores ondas de gargalhadas, que se confundiam num rythmo unico, formando um côro singular.

Esqueciam-se, então, todos os pesares, todas as magoas.

O tempo corria.

Aproximava-se a época dos exames. De accôrdo com o Decreto

n. 21.241, artigo 100, o curso especializado nem pensar podia em gozar a "media". Era preciso estudar, preparar-se para os exames. O pessoal andava bastante preocupado. Bastos tremia. Ficar reprovado depois de tanto esforço? Se tivesse pelo menos uma hora, por dia, para estudar!

Accordava elle ás seis e meia, ás oito já estava no escriptorio, almoçava na cidade, pelas seis e muitas vezes mais tarde deixava o serviço, conseguia tomar alguma cousa e corria logo ás aulas. Voltava para casa (morava elle nos suburbios) alta noite. No entanto, tentava ainda estudar. Debalde. As palpebras, pesadas, cahiam-lhe como cortinas de chumbo e, na manhã seguinte, a dona da pensão queixava-se de luz accessa no quarto d'elle, durante a noite toda.

Isto, porém, não era tudo; poderia estudar aos domingos. O peor era que, antes de ter começado a

(Cont. na pag. seguinte)

AONDE ME LEVAS?...

DE DARCY TEIXEIRA MONTEIRO

*Onde me levas tu — mulher — aonde me levas,
 nas azas do amor, nas azas
 desta paixão da côr escarlata das brazas?...
 nos páramos de luz ou ás profundas trevas?
 ao céu ou ao inferno?
 ao planício ou ao precipício?
 ao azul tranquillidade ou ao negro sacrificio?
 ao radiante primavéra
 ou ao flôr,
 ou á tristeza e á solidão do inverno?...
 Onde me levas? Ao prazer ou á dor?
 ao fim, aonde me levas, aonde
 mulher, na aza do amor que o teu sorriso
 indica ser a aza que leva ao Paraiso.
 a mansão que se esconde
 atrás das nuvens, atrás
 das espessuras de ar,
 onde tudo são raios de luar,
 perfume de lilaz,
 aromas de beijos de anjos e de santas
 musicas subtis de divinas gargantas?!...*

.....

*Eu louco, eu cégo, eu mais e mais
 arrebatado a amar-te tanto, tanto,
 não sei para onde vou, na vertigem do encanto,
 porque, também, não sei para onde vões!...
 Onde me levas tu — mulher — neste transporte,
 que pôde ser á Vida e pôde ser á Morte?...*

CHOLEINE CAMUS

CAPSULAS DE EXTRACTO DE
 FEL DE BOI

Innumeras pessoas padecem de PRISÃO DE VENTRE, DE ENTERITE, de DIGESTÕES DIFFICEIS: é insufficiente a função do seu FIGADO.

Algumas capsulas de **CHOLEINE CAMUS**, todos os dias, bastam para descongestionar o FIGADO provocando a evacuação da BILIS.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

estudar, namorava elle uma moça de quem gostava sinceramente, pretendendo pedil-a em casamento assim que terminasse os exames. Aconteceu, porém, que fez a proposta justamente na vespera dos exames. Como se pode deixar de passar, um dia por semana, pelo menos, com uma noiva adorada? E os domingos?

O tempo corria com a velocidade de um expresso. Faltavam duas semanas e Bastos ainda não estava preparado para os exames. No entanto, confiava na sua memoria, na boa vontade dos professores, que não podiam trahir a camaradagem de um anno inteiro e, especialmente, na... *colla*...

De tudo aquillo, o peor era com a *mathematica*. Com algebra ainda se arranjava; mas os principios e theoremas geometricos não podia conceber.

Bastos traçou um plano: estudaria nos entre-tempos.

Assim o fez: ao vestir-se e despir-se decorava os verbos francezes e inglezes, respectivamente, ás refeições estudava uma materia qualquer, no lavatorio da firma demorava-se propositalmente para poder decorar alguns nomes de nervos ou de doenças de transmissão directa e indirecta, e, alguns dias depois, assimilou tão bem esse *systema*, que até no proprio trabalho as cousas decoradas lhe affluam á cabeça e elle escrevia:

"Em resposta á sua carta, vimos communicar a VV. SS. que

O theorema de Pythagoras

o motor de 10 HP. custa Rs. 6:500000, etc."

E, enquanto tirava o papel da machina e collocava outro, estudava:

"Em todo triangulo rectangulo, em todo triangulo rectangulo..."

E um segundo depois batia novamente:

"Acabamos de receber o seu telegramma; liquide o negocio de accordo com as nossas intrucções".

* * *

Certo dia, depois de uma noite de vigilia, veio Waldyr Bastos ao escriptorio cansado como nunca. Serviço havia muito, tudo correspondencia aerea, e elle promptamente se pôz a trabalhar.

Lá fóra, o sol resplandescia, passarinhos cantavam, autos buznavam, gente ria e falava e, dentro, no escriptorio impregnado de gaz carbonico, machinas de escrever faziam um ruido atordoante, portas rugiam e gente, quietinha como pombos, trabalhava e suave...

Tique-taque-tique-taque, movia-se o pendulo dentro do relógio com a sua regularidade monotonna. Os ponteiros deslisavam lentamente pelo mostrador esculpido e olhares esperançosos seguiam-nos ansiosamente...

Emfim, terminava um dia aborrecido.

Bastos, como sempre, carimbou a correspondencia, collocou-a numa

pasta especial e, chamando um continuo, mandou-a para o seu chefe.

Como faltavam ainda alguns minutos para as seis, reviu o que tinha a fazer no dia seguinte; depois, fechou as gavetas e, de repente, o signal electrico á sua mesa começou a tremer e zunir. Seu chefe chamava-o.

Atirando as chaves á mesa e mandando o chefe para o inferno, correu a attendê-lo.

O chefe, enorme, monstruoso, assim que Bastos abriu a porta do seu gabinete, perguntou:

— Waldyr, você está doente?

— Eu? Eu? Sim... Não... estou doente.

Aquelle pegou numa carta:

— Está doente?

— Não senhor. Por que?

— Não?! Porque... tenha a bondade e veja o que escreveu aos nossos clientes em Pernambuco. Não percebo o que quer dizer. Ouve, que eu lerei:

"Prezados amigos e senhores. Recebemos sua carta do dia 1 de corrente e, com referencia á machina que VV. SS. dizem não querer funcionar, cabe-nos dizer-lhes que, em todo triangulo, o quadrado do lado opposto ao angulo agudo é igual a..."

— Que é isso?

O rosto de Waldyr Bastos illuminou-se, risonho; certo, afinal, de sua propria sabedoria, respondeu, sem pestanejar:

— E' o theorema de Pythagoras!...

SARA NOVAK

HOSPITAL da Cruz Vermelha Brasileira

ESPLANADA DO SENADO

Serviços de medicina e cirurgia geral, partos e ginecologia, olhos, cuvidos, nariz e garganta, pelle e syphilis, vias urinaarias, proctologia, aparelhos e massagens, clinica de crianças, Rais X, diatermia, alta frequencia, ultra-violeta e labortorio de analyses clinicas.

Quartos de 1.^a e 2.^a classes e enfermarias geraes para indigentes. Attende diariamente a grande numero de necessitados. Ambulatorios abertos das 8 ás 12 horas. Aceita qualaquer donativo que lhe auxilie a obra caridosa.

FRACUEZA CEREBRAL
INSONIAS
FALTA DE APETITE
MÁ DIGESTÃO
Neurobiol
O TONICO DO CEREBRO

O TIRO CERTEIRO

De Assis Moraes

EDGARD DE ALMEIDA AR-
RUDA era um moço capi-
talista, herdeiro unico dos
bens avultados que seus paes ha-
riam deixado.

Era ainda um caçador desastrado, um pessimo atirador. Tinha a pontaria por demais desageitada. Nunca acertava um só tiro, em nada. — caça ou outra coisa —, que elle alvejasse, embora o favorecessem elementos ou circunstancias propicias. Claro que não se exigiria delle uma habilidade, uma calma, uma segurança, um golpe de vista excepçoes; todavia, poderia ser menos incapacitado.

Apesar de tudo, Edgard perseverava no gosto de caçar. As zombarias dos companheiros, amigos, não o preocupavam. Riam-se de sua impericia? Ora, isso não tinha importancia... Talvez adquirisse ainda o que lhe faltasse para ser o caçador bom, perito, dextro como era o Juca da Silva, por exemplo... Então, os motejos cederiam lugar aos elogios sinceros, francos, in-contrastaveis.

As caçadas em que se empenhava com os companheiros, pelas vizinhanças da cidade onde residia, acabavam por entendia-lo. Edgard, apesar de ser "uma negação", em materia de caçar, de atirar, sonhava embrenhar-se através dos sertões, á procura de caças finas, raras. Oh! como o satisfazia o entrar pelas regiões incultas, onde proliferam os tantos, animaes, que podem constituir presas esplendidas dos caçadores que se arrojam a andar por semelhantes logares. Elle sabia que não tinha geito nenhum para atirar. Sabia. Todavia, seus desejos eram os de caçador emérito: tomar parte em grandes caçadas, pelos rincões ermos, onde a civilização ainda não houvesse penetrado. Oh! elle partiria radiante... Si pudesse conseguir que esse seu sonho se convertesse em realidade! Porque tal lhe parecia impossivel... A tia Ledubina, que o criara e educára desde pequeno, quando ficára orphão de pae e mãe, não o deixaria ir, não...

— A titia não concordará..., disse elle consigo mesmo...

A velha era impertinente, excessivamente austera. Em tudo ella encontrava uma qualquer falha a censurar, a reprovar: era implacavel. Não queria, por certo, que o sobrinho se arriscasse aos perigos das paragens ainda não bem exploradas. Não queria... Oh! suas razões contra a partida do sobrinho Edgard seriam multiplas.

O moço, desvencilhando-se ener-

gicamente das suas vacillações, encorajou-se. Qual rabugice da tia, qual nada! Aliás, Edgard insurgia-se de continuo contra as prepotencias della, e em suas rebelliões sahia vencedor. Porque elle a sobrepujava, em questões de genio irritavel.

— A senhora sabe que em nossos sertões a gente póde caçar bem, com mais proveito que por aqui...

— E'... imagino...

— Pois bem; agora vae inteirar-se de mais isto: que, se a senhora permittir, frei fazer umas caçadas estupendas lá pelas zonas a que me refiro...

— Menino, você não vae. Qual! Para que? Para que sugar-se ás viagens penosas, cheias de riscos? Absurdo, simples absurdo...

— Vou, titia...

— Não vae...

Longo e insustentavel decorreu o embate da vontade do sobrinho de encontro á vontade da tia.

A arguta senhora não ignorava que o rapaz era mau caçador. Tambem presumia que elle não fôsse sinão um pandego. Um rapaz rico que se divertia nas patuçadas dispendiosas e prejudiciaes. As caçadas constituíam um pretexto para as bambochatas. Esse, o pensar della. Neste ponto, a Ledubina se equivocava. Seu pessimismo assumia um aspecto de exaggero. Edgard, em verdade, estava longe de ser um abstenio e muito menos um fejuador. Bebia e comia bem. Pantagonel não o despreza-

ria... Masa, o facto era que Edgard gostava de caçar...

— Vou, titia.

— Não vae...

O joven teimoso foi... foi... Levantou-se, altivo, contra o despotismo da parenta. Tirou de seu deposito no Banco Agricola a quantia de que precisaria, e com os amigos, em caravana, abalou rumo aos logares já determinados. A velha indignara-se, encolerizara-se. Ao partir o moço para a estação de estrada de ferro, ella ainda lhe dirigiu algumas duras reprehensões, além das demais de outras occasiões, tendo sido todas perfectos modelos no genero. Ella não se despediu delle, não lhe retribuiu o adeus. Phisyonomia severa, modos bruscos.

Dois mezes depois, o rapaz escrevia uma longa carta á irmã de sua mãe fallecida. Havia trechos de essencial importancia nas oito laudas de papel ordinario, meio transparente. O missivista exaltava a belleza e as qualidades de uma joven morena, filha de familia distincta e rica, mocinha que elle conhecera numa cidadezinha nova, e communicava á titia que se compromettêra a desposá-la, e afinal rogava á senhora se manifestasse a respeito de sua grave resolução. Quanto ás caçadas, referencias vagas, truncadas. Sobre o principal objecto de sua viagem, parecia que o moço quasi nada tinha a relatar.

(Continúa na pag. seguinte)

Adeus CALLOS!

Nunca usei nada que acalme a
dôr e remova os callos tão
rapidamente como

"GETS-IT"

Melhor porque
é liquido



O TIRO CERTEIRO (conclusão)

D. Ledubina, desde muito tempo, queria ver o Edgard casado. Inquietava-a a vida desordenada do seu parente capitalista e solteiro. Que falta! Caçadas que o envolviam porque, sem duvida, eram temperadas com as pandegas, as dissipações. A noticia do noivado a entabolar-se alegrou-a sumamente. Oh! Tornando-se chefe de casa, pae de familia, o perdulario e estroina mudaria de procedimento. Em missiva urgente ella lhe transmittiu sua approvação incondicional.

O moço, ao par do assentimento da velha, cuidou de apressar o consorcio. Amava loucamente a Helena, seu primeiro e verdadeiro amor. E era por ella amado.

A tia não poudo assistir ao casamento, por motivo da viagem estafante. Edgard, casando-se, fixou residencia na cidadezinha nova. Não se esqueceu de sua tia irritadiça. Estimava-a, comquanto a exasperasse o temperamento esquisito da velha. Lá de quando em vez, a visitava.

Mas taes visitas foram rareando... Cuvido? Menosprezo? Desleixo? Doença? Desastre? A senhora alarmou-se. "Porque não me escreve ha mezes, Edgard? Estou com verdadeiro cuidado..." Este, um dos topicos da carta que ella, ansiosa, lhe endereçara sem demora. A resposta não viéra... Singularidade. Ella, a affligir-se cada vez mais... As conjecturas fervilhavam em seu espirito, disparatadas ou logicas.

O esclarecimento do mysterio, fóra Edgard quem o dára, em pessoa.

— Pois é... Temos uma infelicidade á nossa frente...

Chegára de subito á casa da senhora e lhe revelara tudo...

— E' uma desgraça. Matei minha mulher. Foi o meu primeiro tiro certo... Já fui julgado e sahi livre...

Um crime passionnal. O criminoso elle, Edgard de Almeida Arruda. Assassinára sua esposa porque ella lhe fóra infiel. Atraçóara-o com um sujeito de má tendencia, empregado do commercio, o Elpidio Silva Pedroso. O esposo matára a adúltera com um tiro na nuca.

Ao retornar elle de uma caçada ligeira, na qual, como nas demais, tinha usado de sua arma sem resultado positivo, o marido tivéra a surpresa dolorosa... Entrando inesperadamente em sua casa, com saudades da adorada consorte, o caçador estava preparando-se para abraçá-la, quando... Na soleira da



porta da sala de jantar elle relanceou a vista pelo recinto, querendo ver logo a mulherzinha, que de certo o esperava com igual ansiedade; o que se lhe deparou aos olhos espantados foi este quadro: a sua Helena e o moço bonito, sentados unidinhos num divan, a se entreolharem ternamente... Com a mesma arma com que fóra inutilmente em perseguição das caças, carregado-a depressa mais uma vez, elle visára a consorte, a qual, vendo-se alvejada, deitára a

correr pela casa a dentro. O marido puzérase no seu encalco. Por um imprevisto extraordinario, o mau atirador visando ainda a mulher não errára o alvo: elle prostrára a sua Helena mortalmente ferida na nuca. O amante, com o receio natural de ser atirado e ter a mesma lamentavel sina da outra, escapulira, cauteloso e escondeu-se.

— Eis como dei o meu primeiro tiro certo, minha tia. Que triste victoria e não menos triste estréa! E tenho soffrido por causa disso! A senhora não calcula!

— Oh! calculo, sim...

Era aquelle o facto delictuoso que causára estranheza a toda a gente. Realmente, o rapaz, ao supprimir a vida a sua consorte, demonstrára uma inédita capacidade de atirar. Elle, que jámais lográra fazer cahir uma caça qualquer, um animalzinho indefeso, com um disparo de sua optima e custosa carabina!

Edgard de Almeida Arruda fóra preso e tivéra de apresentar-se á barra do tribunal.

O processo instaurado sobre o assassinio foi dos mais interessantes daquella comarca recém-inaugurada. O movimento de processos criminaes de tal zona era intenso. Esse crime augmentou em "volumes" e qualidades o respectivo archivo. Em todo o inquerito policial e judicial e no final julgamento do jury, registraram-se pormenores varios em torno da particularidade maxima: o sensacional tiro certo do joven Edgard.

Uma unica testemunha, quando inquirida no summario de culpa — era a velha cozinheira da casa do assassino, — declarou que presenciára o desenrolar da scena de sangue, e que a espantára a porteira admiravel de seu patão.

D sr. Edgard nunca atirou tão bem assim, parece...

Na occasião do julgamento, o jury, o advogado da accusação especialmente contractado para esse fim, ao fazer uso da palavra emitira uma opinião arrojada: que o réo era um criminoso temível, um perverso, nocivo á sociedade. Alvejar uma criatura humana, elle se esmerava no manejo da arma, e por isso o tiro era certo... O advogado da defesa replicára que a subitanea pericia de seu constituinte em atirar, tinha de ser admittida como apenas devida á casualidade.

O accusado foi absolvido por maioria de votos.

UM ESTOMAGO QUE "DIGERE PEDRAS"

Os Laboratorios onde se fabrica a Magnesia Bisurada são demasiado zelosos de sua reputação para que aconselhem ás pessoas que soffrem do estomago a comer de tudo que lhes apetece, seja o que fór e a qualquer hora que seja. Somente um Medico qualificado poderia dar uma authorisação deste genero. Porém, o que um successo de 20 annos e a venda de milhares de frascos no mundo inteiro permittem affirmar é que a Magnesia Bisurada alivia em poucos minutos os mais dolorosos e tenazes males do estomago. Os mais communs males do estomago que são — o excesso de acidez, a flatulencia os ardores, os arrotos, e os pesadumes, cedem a meia colherada das de café ou duas ou tres tabletas de Magnesia Bisurada em um pouco d'agua depois das refeições ou quando houver necessidade. A Magnesia Bisurada — este anti-acido que cura — encontra-se á venda em todas as farmacias. O seu uso permittirá a V. S. comer dos pratos que melhor lhe apeteçam sem receio dos males digestivos.

DAME FRANÇAISE

Enseigne son idiome avec méthode facile et rapide.

TELEPHONE — 7-3613

PRIX MODÉRÉS

THEOPHRASTO

O mais celebre dos discipulos de Aristoteles foi, sem duvida, Theophrasto, mestre do poeta comico Menandro.

Chamava-se Tirtane.

Aristoteles, encantado com a beleza do estylo do seu talentoso discipulo, chamou-o Euphrates, que significa pessoa possuidora de elegancia no modo de falar.

Mais tarde, porém, o famoso discipulo do peripathetico chegou a se revelar um verdadeiro genio.

Aristoteles cognominou-o, então, Theophrasto, isto é, homem dado da linguagem de Deus.

São attribuidos a Theophrasto os seguintes pensamentos: "E' mais acertado se confiar em um cavallo em freios, que num discurso sem eschodo". Disse a alguém que, em uma reunião, se conservava em silencio: "Fazes bem, se és ignorante, mas erras se tens alguma instrucção".

Essas maximas são citadas por Diogenes Laercio, em "Vie des philosophes", e por La Bruyère, em "Les Caracteres".

Apesar da corrida dos seculos, os trabalhos literarios de Theophrasto ainda hoje são lidos, com verdadeira volupia intellectual, pelos amantes da arte e da philosphia.

Conta-se que, em velhice extrema, foi cercado pelos discipulos no meio de angustia. Desejavam receber o seu ultimo conselho.

Elle falou:

*A vida nos seduz. Ella nos pro-
mette grandes prazeres na conquista
da gloria. Nada mais esteril que
a ansia de alcançar celebridade.
Morreu quando acabava de pro-
nunciar as palavras acima.*

Segundo affirmam os historia-
dores e chronistas, Theophrasto era
dotado de uma grande capacidade
para o trabalho intellectual, tendo
escripto mais de duzentas obras a
respeito de diversos assumptos.
Muitos trabalhos do sabio não
mais existem, conhecendo-se ape-
nas actualmente um numero bas-
tante reduzido.

Conhecemos a vida do celebre
philosopho grego pelas informa-

ções de Cicero, Diogenes Laercio,
Athenes, Themistio, Stobeo e Er-
mippo.

Cicero, em *Tusculanas*, chegou a
affirmar que, pela belleza do seu
estylo, Theophrasto foi o maior en-
tre todos os philosophos.

O mais precioso trabalho litera-
rio de Theophrasto que nos resta,
Caracteres, foi traduzido, como se
sabe, em francez e ampliado pelo
brilhante estylista La Bruyère.

PAULO FREITAS



ALIMENTO PARA CREANÇAS

Durante o periodo de
desenvolvimento toda
a creança necessita
de alimento que
contenha os ele-
mentos necessários

para tornar os seus ossos mais fortes, fortificar os seus
dentes e gengivas e garantir sua saúde e bem estar.

Encontram-se estes elementos indispensaveis na afama-
da Maizena Duryea, tão apreciada pelas creanças e
recomendada pelos medicos especialistas.

Nosso livro de "Receitas" contém sugestões para o
preparo de pratos deliciosos, tanto sopas e mólhos
como pudins e doces.

PEÇA-NOS UM EXEMPLAR GRATIS

MAIZENA DURYEA



REFINAÇÕES DE MILHO, BRAZIL S/A
Caixa Postal, 29/2 — São Paulo

Remota-mente GRATIS seu livro

50

Nome _____

Rua _____

Cidade _____

Estado _____

O AMOR QUE NASCIA

ROSINA, a professora daquelle longinquo logarejo do campo, se sentia cada vez mais triste e mais só.

As horas livres da aula se faziam longas e aborrecidas. Aceitava aquelle posto para ajudar aos paes, mas, em um mez, se cansava, se esgottava na monotonia do campo; sempre a mesma terra arcenta, sempre a mesma calma, sem ter com quem conversar, a quem communicar idéas e sentimentos.

Nessa tarde estava tão abatida que, de boa vontade, teria chorado. Mas preferiu distrahir-se, visitando uma de suas alumnas.

Era num rancho muito pobre. A mãe da pequena attendeu-a com essa amabilidade camponeza, que sempre encanta.

Serviu-lhe matte, dizendo-lhe:

— Se lhe agradar um passeio até o rancho de Osorio, ahí tem o "sulky". Lá ha muitas flôres. Está perto. Meu "pibe" a acompanhará.

— Boa idéa, senhora! Conheço as filhas de Osorio. Mas não se incomode. Prefiro ir só.

— Não tem como se perder. Siga cinco quadras á frente e dez á esquerda, por aquelle caminho bordado de "cina-cinas". No fim, encontrará um eucalyptus. Dobre e onde houver tres "pichinchos", ferozes e ladrando muito, ahí é...
* * *

Ao passo lento do pingo preguiçoso, seguiu o "sulky", levantando nuvens de pó, pelo caminho, enquanto Rosina se interrogava. Que será "cina-cinas"?

Por toda a parte se viam eucalyptus e de todas as casas via sahir cães que ladravam ferozes e sempre em numero de trez.

Desesperada, com vergonha de perguntar, caminhou á tóa. Passada uma hora, encontrou-se sózinha no meio de um mar de trigo e linho e ante um cartaz que dizia: "As violetas. Henderson". Começava ahí uma linda avenida de accacias.

— Será isto as "cina-cinas"? — perguntou a si propria.

Por felicidade, por esse cami-

nho surgia um joven. Parecia um campeiro. Calçava botas altas e trazia blusa curta e "bombachas". Era alto, ruivo, corado, com cara de criança.

Acercou-se e, tirando o "sombreiro", respeitosaente, lhe disse:

— Deseja ir á estancia?

— Não, senhor. Crelo que me perdi. Eu vou á casa de Osorio e não dou com ella.

— Fica do outro lado do campo. Sózinha não saberá ir. Se me permite, acompanhá-la até lá.

Subiu ao "sulky" e empunhou as rédeas.

Rosina, ao principio, sentiu certo temor, mas se tranquilizava logo, contemplando, dissimulada, o seu companheiro, cujo rosto denotava honradez.

— Faz muito que mora nesta povoação? — perguntou elle.

— Faz um mez. Sou professora.

— E gostou do campo?

Sem saber porque, ella disse que sim. Naquelle momento, sentia-se animada e formosos lhe pareciam os campos sementeados e a tarde lhe parecia esplendida.

— E o senhor, é empregado na "As Violetas"?

Elle vacillou um momento, olhan-

do-a de um modo estranho e respondeu:

— Sim, sou o 2.º da estancia. Chamo-me Guilherme. E a senhora?

— Rosina.

Continuaram falando sobre coisas futeis, e quasi sem dar por isso chegaram á casa de Osorio.

— Depressa...

— Também me pareceu curto o caminho — respondeu elle.

Como era tarde, a visita foi curta. Guilherme a esperou no "sulky" e depois a acompanhou á povoação, onde devolveram o carro.

— E agora, como vae voltar á estancia?

— Com o correio, que todos os dias vem duas vezes, de auto. Adeus, senhorita.

— Até breve. Muito obrigada pela sua gentileza.

Aquella noite, a professora sentiu uma alegria nova. Já o campo não lhe parecia tão ermo.
* * *

No domingo seguinte, realizou-se um festival para recolher fundos em favor das crianças pobres. No final da festa arrematava-se uma rosa.

Todo o povoado acudiu ao festival. Também lá estava o moço ruivo.

Rosina alegrou-se ao vê-lo. Cumprimentaram-se com os olhos. Ella tinha a missão de vender a flôr. Quando chegou esse momento, as apostas cresceram, rapidamente. Dez... Cincoenta... Cem... Em breve, a voz varonil do joven ruivo dizia:

— Quinhentos...

Ninguém augmentou o lance:

O moço tirou o livro de cheques, encheu-o e estendeu-o á Rosina.

A assignatura dizia: *Guilherme Henderson*.

O 2.º era o filho do dono da estancia.

Quando Rosina lhe entregou a flôr, Guilherme a devolveu, dizendo-lhe:

— Está em boas mãos...

Trocou-se entre ambos um olhar cheio de ternura.

E nascia um amôr...

A ALTA SOCIEDADE



PETROLINA MINAKORA

É o Tónico capilar das elites

É a vitalisação científica, moderna, das células capilares, forçando a sua radioactividade n'uma juventude permanente: remedio, loção, alimento. Tónico biologico, anticeptico, microbicida, contra CASPA e AFECÇÕES do couro cabeludo, para todas as edades. Vende-se nas boas drog., perf., farm., desta cidade a 10\$000. A Farm. Minancora, Joinville, remete 6 frascos por 50\$000.

BONECA DOIDA

BIBIZINHA era uma boneca de louça, dessas que dormem sempre que são postas em posição horizontal e que choram sempre que lhes comprime o ventre. De gata mesmo Bibizinha tinha a cabeça, que era coroada por uma belleira loura, os braços e as pernas. O corpo era de uma outra qualquer coisa.

A historia de Bibizinha acabou como a de muita gente grande. Ela suicidou-se. Calculem só que grande horror! Isto não causa no mundo das bonecas! Vamos e venhamos. Bibizinha foi dada a uma condição de gata arralheira sem príncipe encantado.

Eu não sei como são fabricadas as bonecas. Trazem sempre, as de plúmel, o registo *made in Japan* e as de louça são de ordinario francezas. Supponho, porém, que haja um modelo. No caso de Bibizinha houve um accidente qualquer e o facto é que a pobre sahio diferente das outras.

Má estrella a, de Bibizinha. Ella, coitada, a principio, não viu pela coisa. Somente quando chegou no aristocratico mundo das dártnes é que tomou conhecimento da sua sorte madrastra. Era diferente das outras. Talvez por um accidente Bibizinha tinha os olhos medonhamente abertos e a bocca, tambem, entreaberta. Isto lhe dava um ar imbecil.

No grande atelier da fabrica de bonecas viram a desdita da boneca; a modista, então, procurou melhorar aquelle estado da Bibizinha, dando-lhe uma rica *toilette*. Vestiu-se igualmente á Jean Harlow. Bibizinha não comprehendeu a razão de ser daquella distincção e julgou-se linda. Chegou a imaginar que estava na California, pensando com o Maurice Chevalier para o "Ama-me esta noite!"

Coitada da Bibizinha! Ella não sabia do futuro que ia ter... E escarneceu da sua irmã vestida de suécia, das características camponesas alpina, rhenana e, calculem, até de uma authentica mulata bahiana.

Bibizinha, como as suas compatriotas, foi despachada para um

paiz distante e viajou por uma porção de terras até que, chegadas em uma grande cidade, todas, foram tiradas do escuro caixão e postas em uma vitrina muito ampla e riquissima.

Foram marcadas com uma ficha. Era o preço. 25\$000 cada. A' tardinha, parou em frente á vitrina um bando alegre de meninas, que miraram com exclamações as bonecas. Houve uma que fitou muito a Bibizinha. Depois cochichou com uma outra, e dahi a pouco todas as meninas olhavam a Bibizinha e afogavam infantilmente arrojões de riso com as mãozinhas pequenas.

— Ih! Até parece doida! Quiz óio!...

Nem contemplaram a roupa bonita de Bibizinha. A boneca olhou-as séria e talvez que no seu pensamento de boneca assomasse o desejo de ser rainha.

Appareceram freguêzes que iam comprando as bonecas. Primeiro foi a suécia. Depois a rhenana. A alpina. A bahiana. E toda vez que chegava uma menina para comprar uma boneca, mostravam a

Bibizinha, dizendo sempre: "Veja só que rico vestido!..." E a fregueza, depois de fitá-la bem, dizia:

— Mas parece doida...

Cada vez que ouvia isto, Bibizinha sentia que o seu sangue de boneca subia todo para o rosto. E tinha tido, já, por duas vezes, o desejo de se finar em uma explosão apoplectica.

Uma vez, chegára a ter uma illusão. Foi como a espuma, porém. Logo se desfez...

Uma senhora comprára-a. Era para uma filha doente. Levou-a. A doentinha recebeu-a tão alegre que até parecia curar-se com a alegria. Ninou-a com carinho. Depois... fitou-a. E clamou, entre lagrimas:

— Vá trocá, mamãe... Ella é doida...

E Bibizinha voltou para a vitrina. Os empregados já a chamavam de *boneca doida*.

Um dia, pela manhã, seriam dez horas. Era primavera. Havia flores, gorgelos e um sol bom vivescendo tudo. Bibizinha, do seu lugar na vitrina, abstrahida do mundo, pensava em Maurice Chevalier. Sentia-se enlaçada, por elle, na vertigem de um "fox-trot", em um club de Montmartre. Nisto pára em frente á vitrina uma meninazinha de vestes em tiras, com as faces e as mãozinhas muito sujas.

Olhou demoradamente as bonecas que ella nunca poderia possuir. Perou com os olhos em Bibizinha e dos seus labios partiu o commentario:

— Uma boneca doida!

O sangue de Bibizinha subiu, impetuosamente, ao rosto. Ella tonteou. Riu alumiada por um pensamento sinistro. E precipitou-se ao solo. Desfez-se em mil pedacinhos.

Com o ruido o empregado veiu ver. Achou a bonequinha espatifada. Quando deu parte do occorrido ao gerente foi assim:

— A boneca doida cahiu e espatifou-se.

— Tambem... era doida. Não havia quem a quizesse...

OMER MONT'ALEGRE

Bôa saúde... Vida longa...

Obtêm-se usando o
grande depurativo
do Sangue

Elixir de Nogueira

E' conhecido ha 55 annos como o
verdadeiro especifico da

SYPHILIS!

Feridas, espinhas, manchas,
ulceras, rheumatismo?

Só Elixir de Nogueira

Poderoso: { Anti-Syphilitico
Anti-Rheumatico
Anti-Escrophuloso

— Milhares de curados —

**MAGNESIA
S. PELLEGRINO**

PURGA, REFRESCA E DESINFECTA
O ESTOMAGO E OS INTESTINOS

(Continuação do numero anterior)

— Em pessoa, confirmou o sujeito; e o que é mais extraordinario, sr. Holmes, é que se o meu amigo aqui presente me não tem proposto vir directamente procural-o ao senhor, esta manhã, eu teria vindo por minha conta e risco. Constatou-me que o senhor se entretém com a solução de uns enigmazinhos e então trazia-lhe um pois é mesmo caso para pensar, alem do que eu me sinto apto a fazel-o.

o senhor, logo no acto da sua chegada a Londres. — Queira sentar-se, sir Henry. Se me não engano, viu-se a braços com um qualquer caso embaraçoso?

— Coisa de pouca monta, sr. Holmes. Algum gracejo, provavelmente. Foi esta carta, se é que merece semelhante designação, isto que recebi esta manhã.

Depoz sobre a mesa um envelope, e debruçamo-nos todos ao mesmo tempo para o observar. Era de papel muito ordinario, de côr pardacenta. O endereço "Sir Henri Baskerville, Hotel Northumberland", estava impresso em caracteres toscos, com o carimbo postal "Charing Cross", e a data de postagem á noite da vespera.

— E quem se acharia inteirado do facto do senhor estar hospedado no Hotel Northumberland? indagou Holmes, varando com a vista o nosso visitante.

— Ninguém o podia saber. Foi resolução tomada apenas depois de eu me ter encontrado com o dr. Mortimer.

— Mas o dr. Mortimer, sem duvida, achar-se-ia já hospedado ali?

— Não senhor, hospedel-me em casa de um amigo, declarou o doutor. Não havia o minimo indício por onde se pudesse presumir que tencionavamos hospedar-nos no alludido hotel.

— Hum! Parece-me haver pessoa summamente interessada nos seus actos.

Tirou de dentro do envelope meia folha de papel almaço, dobrada em quarto. Desdobrou e alisou-a sobre a mesa. Tomando toda a largura, ao centro da folha, apenas, se lia a phrase, adoptado o expediente de a compôr com palavras impressas. Resava o seguinte: "Se tendes amor á vossa vida, ou á vossa razão, deveis afastar-nos da charneca." A palavra *charneca* era a unica contrafeita com tinta de escrever.

— Ora pois, sr. Holmes, adduzir sir Henry Baskerville, não me saberá dizer que demonio significa tudo isto, e quem será que tanto se interessa pelos meus negocios?

— Qual é a sua opinião, dr. Mortimer? Deve concordar em que, desta vez, pelo menos, não teria havido intervenção sobrenatural!

— E' certo que não sr. Holmes, mas quem nos diz que não provirá dalguem, convicto de que é sobrenatural este negocio?

— Qual negocio? perguntou sir Henry em tom incisivo. — Quer me parecer que os senhores sabem to-

A lenda do

(SHERLOCK HOLMES)

dos muito mais do que eu com respeito aos meus negocios.

— Saberá tanto quanto nós antes de se ausentar desta sala, sir Henry, isso lhe prometto eu, declarou Sherlock Holmes. Com a devida licença, circumscrever-nos-emos, por emquanto, a este interessantissimo documento, que deve ter sido engendrado e deitado na caixa do correio hontem á tarde. Estará por ahi o *Times*, do dia de hontem, Watson?

— Está. Neste canto.

— Dê cá, faça favor, a pagina interna, com os artigos de fundo.

Percorreu-a, rapido, com a vista, relanceando os olhos de alto a baixo pelas columnas.

— Soberbo artigo acerca do Livre Commercio. Permitta-me que lh'o leia em resumo. "Vós podeis embelezar-vos pela affirmação de que o vosso ramo especial, quer de negocio, quer de industria, virá a beneficiar com uma tarifa protectora; a razão, porém, e o bom senso dizem-nos que semelhante legislação, pelo andar dos tempos, virá a afastar destes reinos a riqueza, diminuir o valor da nossa importação, causando uma depressão nas condições gerais da vida nestas nossas ilhas."

— Que diz a isto, Watson? — exclamou Holmes muito contente e satisfeito, a esfregar as mãos. — Não acha que são admiraveis estas conclusões?

O dr. Mortimer cravou os olhos no semblante de Holmes com uns ares de interesse profissional, e sir Henry Baskerville voltou para mim um par de olhos pretos, perplexos.

— Pouco ou nada entendo de tarifas ou coisa que o valha, observou; mas parece-me que sahimos um quasi nada fóra do trilho, sobre o assumpto desta carta.

— Pelo contrario, e eu penso que estamos a caminho de pôr o pé no trilho, sir Henry. O meu amigo Watson, aqui presente, conhece melhor os meus methodos do que o senhor, e não obstante, nutre a apprehensão de que nem elle proprio terá penetrado a significação desta phrase.

— Pela parte que me toca, confesso que não vejo a menor connexão entre a carta e o artigo.

— E não obstante, meu caro Watson, existe uma tão intima conexão, que uma é extrahida do outro. "Vós", "vossa", "vida", "razão", "valor", "afastar", "dá". Não percebe donde foi que extrahiram estas palavras?

— Co'os demonios! Tem razão! Boa partida sim senhor! exclamou sir Henry.

— E se acaso restasse alguma duvida, desapareceria ante o facto de "afastar" e "dá", haverem sido recortados por inteiro.

— Ora está! — e é assim mesmo!

— Realmente, sr. Holmes, digo-lhe que isto vae além de quanto eu tinha imaginado — declarou o dr. Mortimer estupefacto, a olhar para o meu amigo. Lá o affirmar alguém que as palavras haviam sido recortadas de um jornal, até ahi comprehendendo eu; mas que o senhor indigitasse o proprio, e que accrescentasse que era do artigo de fundo, é um dos casos mais singulares que tenho presenciado em minha vida! Como chegou o senhor a semelhante conclusão?

— Presumo, doutor, que estará habilitado a distinguir entre o craneo de um preto e o de um esquimó.

— Certamente.

— E porquê?

— Pelo facto de ser essa a minha mania especial.

APPARELHO RESPIRATORIO

Declara o distincto clinico dr. Afranio de Araujo Jorge, de Maceló: "Innumeras vezes me hei soccorrido, quer na minha clinica civil, quer na minha propria familia, do excellente preparado

PEITORAL DE CAMBARA'

de SOUZA SOARES,

nas diversas molestias do aparelho respiratorio, sem que nunca deixasse de produzir optimos resultados, de sorte que o considero uma medicação optima." (Firma reconhecida.) O PEITORAL DE CAMBARA' de Souza Soares é um medicamento de real valor, confirmado em mais de 40 annos de uso constante e progressivo, sempre com extraordinario successo!

A' VENDA EM TODA PARTE

cão phantasma

- Por CONAN DOYLE

As diferenças são claras. A crista supra-orbital, o angulo facial, a curva maxiliar, o...

— Pois esta é tambem a minha mania especial, e as diferenças são claras, do mesmo modo. Existe tanta diferença, a meus olhos, entre a fundição do typo burguez de qualquer artigo do Times e a impressão tosca dos periodicos da noite, a meio-penny, como a que vae do seu preto ao seu esquímó. O differença os typos de imprensa é um dos ramos mais elementares da sciencia para o perito especialista em criminologia, e não obstante, confesso que uma vez, nos annos de juventude, confundi o Mercurio de Leeds com as Novidades Occidentaes da Manhã. Um artigo de fundo do Times distingue-se porém, sempre, e muito, e as alludidas palavras não podem ter sido extrahidas de qualquer outro jornal. E como o caso se deu hontem, havia a maxima probabilidade em encontrarmos as palavras no numero com data de hontem.

— Até onde eu posso seguir o seu raciocinio, sr. Holmes, disse sir Henry Baskerville, "houve alguém que cortou a tesoura esta carta."

— E tesoura de unhas, affirmou Holmes. Observando, verificará o terem-se servido de uma tesoura com as laminas muito curtas, visto que o fio teve que dar duas investidas para recortar a parte superior da palavra "affastar".

— E' verdade. Houve alguém, pois, que recortou o conteúdo desta carta com uma tesoura de folhas, curtas, que a pregou com massa...

— Gomma, emendou Holmes.

— Com gomma, no papel. Mas não se me daria de saber porque é que a palavra "charneca" foi escripta á mão?

— Porque a não puderam encontrar impressa. As restantes palavras eram de uso commum, todas ellas e facéis, de encontrar em qualquer numero do jornal; "charneca", porém, é vocabulo que não se encontra a cada passo.

— Effectivamente, desse modo o caso explica-se. Leria, acaso, mais alguma coisa na dita carta, sr. Holmes?

— Ministra-me uma ou duas indicações e comtudo, empregaram a maxima cautella em evitar desmascarar-se. O endereço, conforme vê, é impresso em typo grosseiro. Mas o Times é um periodico raro de encontrar em outras mãos que não sejam as de pessoa educada. Infiramos, pois, dahi, que a carta foi composta por um individuo educado, desejando passar por pessoa que o não era, e que o seu esforço em encobrir a propria letra suggere a hypothese de que seria conhecida a dita letra, ou poderia vir a selo-o, pelo senhor.

Direi mais, observe que as palavras não foram pregadas em linha recta, mas sim que umas estão muito mais acima do que as outras? "Vida", por exemplo está inteiramente fóra do seu logar. Isso poderá indicar descuido ou poderá indicar agitação e pressa por parte da pessoa que as recortou. Inclino-me categoricamente a esta ultima interpretação, tendo em vista a importancia clara do assumpto, visto ser pouco provavel que quem compoz semelhante carta haja peccado por descuido. Admitto que estivesse com pressa, surge-nos a importantissima pergunta: — o momento em que, qualquer carta deitada na caixa, de manhã cedo, tinha a certeza de chegar ás mãos de sir Henry antes deste cavalheiro se ausentar do hotel. A pessoa que a compoz recearia acaso, que alguma viesse surprehendel-a — e recebeu-se de quem?

— A meu vêr, vamos entrando algum tanto pela região devinatoria, commentou J. Mortimer.

— Diga, antes, pela região em que confrontamos as probabilidades e escolhemos as mais plausiveis. E' o emprego scientifico da imaginação, mas dispo-mos sempre de uma qualquer base material para assentarmos as nossas especulações. Os senhores, agora, vão apodar de adivinhações, o que eu vou avançar, mas tenho a quasi certeza de que este ende-reço seria escripto em um hotel.

— Mas por que artes o pôde o senhor vir a saber?

— Si examinarem a carta com cuidado, confirmar-se-ão em que tanto a penna como o papel deram que fazer a quem a escreveu. A penna espirrou por duas vezes na mesma palavra, e seccou por trez vezes em uma phrase tão curta, manifestando assim o haver muito pouca tinta no tinteiro. Ora, quer a penna quer o tinteiro, em qualquer casa decente, raro é o deixarem-se chegar a semelhante estado, e a combi-nação de uma e outra circumstancia poucas vezes se dará. Devem estar fartos de saber o que são pen-nas e tinta nas hospedarias, onde é raro encontrar coisa melhor. E sem embargos, não hesito, quasi em afirmar que, se nós pudessemos submitter a exame a papelada de todos os hotels nas immediações de Charing Cross até darmos com os restos do mutilado artigo de fundo do Times, iriamos por o dedo na pes-soa que expediu esta singularissima missiva. Olá! Olá! Isto que é?

Estava procedendo a minucioso exame no papel almasso, sobre o qual estavam grudadas as palavras, conservando-o afastado dos olhos uma ou duas pol-legadas.

— E então?

— Nada,olveu, depondo a carta. E' uma folha de papel que nem ao menos tem a marca dagua. Palpá-ta-me que tiramos quanto pudemos desta curiosis-sima epistola: e agora, sir Henry, acontecer-lhe-ia qualquer coisa interessante desde que se acha em Londres?

— Que eu me lembre, não, sr. Holmes.

— Não perceberia alguém havel-o seguido ou de terem acompanhado os seus passos?

— Pelos modos vim dar commigo nos arcanos de um romance tetrico, commentou o nosso consulente. Por que demonio me havia alguém de seguir cu espionar?

— Lá chegaremos. Não tem mais nenhuma com-municação que nos fazer antes de nos aventurarmos neste negocio?

(Continúa na pag. seguinte)



SEIOS

Desenvolvidos — Fortifica-
dos — Aformoseados com a

PASTA RUSSA

Do Doutor G. RICABAL

O UNICO producto que em menos de dois mezes assegura o desenvolvimen-to e a firmeza dos SEIOS, sem causar damno algum á saúde da Mulher.

Vide o prospecto que acompanha cada Caixa.

A' venda em todas as PHARMACIAS, DROGARIAS e PERFUMARIAS DO BRASIL.

Preço de uma Caixa	12\$000
Pelo Correio mais	3\$000

Pedidos ao Agente geral J. DE CARVALHO —
Caixa Postal 1724 — Rio de Janeiro.

— Eu lhe digo, isso depende de estabelecer o que é que os senhores acharão que mereça ser referido.

— No meu entender tudo que se afaste da rotina vulgar da vida, merece ser referido.

Sir Henry sorriu-se.

— Nem por isso me acho ainda muito orientado com respeito ao viver britânico, pois tenho passado o melhor dos meus dias nos Estados Unidos e no Canadá. Mas ousou crer que o perder uma bota não fará parte da rotina ordinária da vida, nestas ilhas!

— Perdeu, então, uma bota?

— Haverá se desencaminhada, meu caro senhor, atalhou o doutor Mortimer. Verá que a vai encontrar assim que chegar ao hotel. Em que nos adiantará o incommodarmos o sr. Holmes com semelhantes ninharias?

— Então? Elle não me pediu que lhe contasse tudo que se apartasse da rotina commum?

— Diz muito bem, acudiu Holmes, por mais disparatado que lhe pareça o incidente. Diz, então, que perdeu uma bota?

— Ou levaria descaminho, em todo o caso. Deixei-as fóra da porta, hontem, á noite, e esta manhã encontrei uma, unicamente. Não fui capaz de apurar coisa nenhuma do rapaz que as tinha comprado no Strand, e estavam por estrear.

— Mas se ainda não as tinha calçado, por que é que as deixou de fóra para serem limpas?

— Eram umas botas de côr e ainda não tinham sido envernizadas. E foi por isso que as puz fóra da porta. O dr. Mortimer, aqui presente, acompanhou-me: bem vê que eu, agora passo a ser *squire*, e tenho alguma representação, e aqui para nós lá por esse mundo occidental adquiri uns habitos um tanto desleixados. Entre outras compras, adquiri o tal par de botas de cor — dei por ellas seis dollars — e furtaram-me uma antes de eu as haver estreado.

— Roubo esquisito e que pouco aproveita, ao que parece, observou Sherlock Holmes. Confesso que perfilho a crença do dr. Mortimer de que não tardará muito que torne a apparecer.

— E agora, meus senhores, declarou o baronete em tom peremptorio, quer-me parecer que já falei demais acerca daquillo de que tão pouco sei. E' tempo de cumprirem o prometido, e de me orientarem cabalmente com respeito ao caminho que devo seguir.

— E' muito sensata a sua exigencia,olveu Holmes. Dr. Mortimer, creio que o melhor que tem a fazer, será contar a sua historia tal qual nol-a contou.

Desta fórma animado, o nosso scientifico amigo tirou do bolso a papelada, e desenvolveu integralmente o caso tal qual o havia apresentado na vespera de manhã.

Sir Henry Baskerville escutou com a maxima attenção, e soltando, de vez em quando, uma ou outra exclamação de surpresa.

— Pois, sim, senhores quer-me parecer que apanhei

uma herança de arcaíba, commentou assim que chegou á conclusão. E' claro que desde pequenino sempre ouvi falar a respeito do tal cão. E' a historia favorita da familia, supposto eu até hoje nunca a tomasse a serio. Mas quanto á morte do meu tio, dir-lhe-ei que me poz o juizo a arder, e que não vejo nada absolutamente neste negocio. E os senhores, por sua parte, parece-me que nem sequer ainda perceberam se será caso para appellarmos para a policia, se para um padre.

— Exactamente.

— E agora, eis que nos surge este negocio da carta que me foi dirigida para o hotel. Supponho haver ligação entre um e outro incidente.

— Parece demonstrar que existe alguém que está mais informado do que nós daquillo que se passa lá na charneca, observou o dr. Mortimer.

— E tambem, accrescentou Holmes, o haver alguém sem más intenções a seu respeito, visto que o avisam de um perigo.

— Póde tambem ser que desejem, para fins proprios, afugentar-me dali.

— Sim, é possível, não ha duvida. Muito grato lhe sou, dr. Mortimer, por me haver indicado um problema que apresenta diversas alternativas, qual dellas mais interessantes. Porém, o ponto pratico que actualmente nos cumpre resolver, é se será ou não prudente sir Henry ir residir na mansão de Baskerville.

— Mas por que é que eu não hei de ir?

— Afigura-se-me haver perigo.

— Refere-se a perigo por parte desse duende familiar ou a perigo por parte de qualquer entidade humana?

— Isso, agora, é o que nos cumpre deslindar.

— Seja lá o que fór, a minha resposta está dada. Não ha diabo do inferno, senhor Holmes, nem homem algum neste mundo que possa impedir-me de ir residir para o lar da minha estirpe, e peço-lhe que considere isto com o a minha resposta definitiva. — Carregou os negros sobr'olhos e invadiu-lhe a face torva, rubor intenso, no acto de se expressar. Era evidente não se achar extinto o genio fogoso dos Baskervilles neste seu ultimo representante. — Neste meio tempo, proseguiu, nem sequer mittir-me. E' negocio serio para qualquer o ter de comprehender e resolver, a um tempo. Não se me daria de dispôr de uma hora de socego para repousar o meu espirito. Ouça lá, senhor Holmes, são onze e meia, e vou daqui direitinho para o hotel. Supponhamos que o senhor e o seu amigo dr. Watson venham lanchar connosco, ao hotel ás duas horas? Achar-me-ei habilitado a expor-lhes com mais clareza o modo pelo qual encaro este negocio.

— Convem-lhe isto, Watson?

— Absolutamente.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:
EM TODO O BRASIL:
 (Porte simples)
 Anno.... (52 ns.) 48\$000
 Semestre (26 ») 25\$000
 (Registada)
 Anno.... (52 ns.) 70\$000
 Semestre (26 ») 36\$000

PARA O ESTRANGEIRO
 (Porte simples)
 Anno.... (52 ns.) 78\$000
 Semestre (26 ») 40\$000
 (Registada)
 Anno.... (52 ns.) 115\$000
 Semestre (26 ») 60\$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mes.

FON - FON
 Revista Semanal Ilustrada
 EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.
 Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: THEBOUREIRO:
 Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:
 62, Rua Republica do Perú, 62
 (Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
 Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
 Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
 FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
 Comptoir International de Publicité Garçon & Levinérey
 Rue Trenchet, 9 — France
 — Paris VIII Ludgate Hill.
 Londres.

Venda avulsa 15000
 Numero atrazado 15000